

PACO BERNARDO

JOSÉ DE QUALQUER COISA (QUALQUER COISA DE QUALQUER COISA)

1959

EDIÇÃO REVISTA EM 2005

ROMA – PARIS – RIO DE JANEIRO (REVISÃO)

NÚCLEO DE ORGANIZAÇÃO E COMPILAÇÃO ON-LINE DA OBRA DE PACO BERNARDO

WWW.PACOBERNARDO.COM.SAPO.PT

WWW.APAREDEEOSANGUEDELA.BLOGSPOT.COM

UM PROJETO IDEALIZADO E GERIDO POR

MIGUEL DE VIVARA
SOFIA CASTELO MONTENEGRO
COSTA E VENTURA
RAMÓN ARANA
ROBERT STOUT

AGRADECENDO A

VICENTE DIAZ
OCTÁVIO RABELLO
THIAGO MATTOS
WILLIAM MILMAN
CLAIRE BOUILLET

EM MEMÓRIA DO CRÍTICO E ENSAÍSTA

MICHEL BOUILLET

EDIÇÃO DIGITALIZADA A PARTIR DO ARQUIVO PESSOAL DE PACO BERNARDO, COM A COLABORAÇÃO DO
NÚCLEO DE ORGANIZAÇÃO E COMPILAÇÃO ON-LINE DA OBRA DE PACO BERNARDO.

A COMERCIALIZAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES LIVROS ELETRÔNICO É EXPRESSAMENTE PROIBIDA.

DIREITOS RESERVADOS DA OBRA A PACO BERNARDO LETRARI LUCHINI. O PRESENTE LIVRO

ELETRÔNICO É UMA CONCESSÃO POR PARTE DO AUTOR.

PREFÁCIO

POR MICHEL BOUILLET¹

PRIMAVERA DE 1978, BUENOS AIRES

Li *José de Qualquer Coisa* quase sem querer, num hotel perto de Buenos Aires (devia ser agosto de 1975 ou 1976). Paco Bernardo saiu do quarto e deixou o manuscrito em cima da cama. Estava relendo o romance pela terceira vez, como me contaria num outro dia, à noite, num café: a primeira vez foi quando passou do manuscrito propriamente dito para a máquina de escrever; a segunda quando, meses depois, leu o texto à máquina e arrancou uma palavra daqui e dali. Agora relia por sacrifício.

Conhecíamos-nos há dois anos, e Paco não é do tipo que tira da pasta algum escrito próprio logo na primeira vez em que te diz que escreve. Eu conhecia a literatura de Paco Bernardo: os poemas do *A parede e o sangue dela*, a prosa poética do *Gênese*, uma ou duas peças, trinta ou quarenta poemas mais novos, década de 1960 e 1970. O português não era propriamente um obstáculo: afora a semelhança com a língua francesa, dominei desde a adolescência o espanhol, que veio a calhar na leitura do que Paco foi, pouco a pouco, entre uma noite e outra, mostrando. Ou

¹ O presente ensaio integra o conjunto de críticas nunca publicadas por Michel Bouillet. Segundo seus diários, os textos (dotados de um estilo quase íntimo) seriam publicados numa coletânea, futuramente, ainda sem editora definida. As frases que, ao tudo indica, seriam repensadas numa revisão, senão mesmo suprimidas, foram mantidas como no original. O texto foi cedido por sua esposa, Claire Bouillet, e traduzido pelo pesquisador hispano-português Octávio Rabello. *N. do Núcleo*.

quando vinha um conhecido com um pedaço de papel: “Lê, é do Paco, estava com Fulano. Vais gostar”.

José de Qualquer Coisa não é uma alegoria. Estão aí todos os símbolos que vão se esbarrando e se emaranhando em encenações, é verdade, mas o texto não é uma alegoria. É difícil classificar o romance. Não pela obra do Paco Bernardo, mas pelo gênero que é o romance. *José de Qualquer Coisa* vem, vamos assim a dizer, para confundir as coisas.

Vou tentar fugir dessa coisa cerebral que tem ocupado a maioria dos meus artigos. Só quero uma coisa pessoal, honesta, despreocupada – o Paco dispensaria a complicação das coisas, ele gosta quando a gente fala no ritmo da palpitação.

Li *José de Qualquer Coisa* em duas madrugadas, uma seguida da outra, escondido. Da primeira madrugada para a segunda passei o dia com Paco, certo de que ele propositalmente deixara o manuscrito em cima da cama de noite e o faria de novo. O romance não me causou alvoroço, lendo assim da primeira vez: o contacto que tínhamos eu e Paco era uma coisa frouxa, agora nos íamos dando mais o que falar, eu não poderia entender que, afinal, muito do que estava em *José de Qualquer Coisa* fosse autobiografia. Ou, como Paco me disse ano passado, entrando no inverno: “é uma autobiografia da cabeça e do coração, não dos factos”. Pareceu-me justo. Não mo teria assim parecido no dia seguinte depois de ler *José*. Eis ali os temas que reapareceriam na literatura de Paco Bernardo até pelo menos os últimos poemas que pude ler, datados do início deste ano: a obsessão sexual, o ciúme, a revolta, o absurdo, o sonho, a crítica social, a solidão, o anonimato, o suicídio, o homicídio, o

homossexualismo, a incompreensão, a perversão, o subterfúgio, a fuga, a vontade, a decadência, a impotência, a humilhação, a vergonha, o bicho, a secreção, a rejeição, a incomunicabilidade, a memória, o esquecimento, a ruína, a vergonha, a euforia, o que podia ter sido, a saudade. Os temas podem ser parecidos, a forma o não é: *José* é um fragmento, uma centelha, uma Hidra meio disforme, meio incorrecta, dada às reviravoltas do corpo.

Só fui falar com Paco sobre *José de Qualquer Coisa* três meses depois da leitura, quase tão sem querer como o havia lido: dei cabo a uma conversa banal, fui parar no nome José, metafórico, depois no José nome do personagem. Paco riu-se, explicou com desenvoltura: “José sou eu se pensares em José como um nome anónimo, tacanho, um nome apenas. José somos todos. Falta-nos é nome para dar-lhe mais propriamente. Eu inventei José, mas podia ser João, António, Maria, Tião, Deus, mesa, cadeira”. E desatou a falar de como pensamos sempre na palavra cadeira ou caneta se nos mandam de chofre pensar numa palavra aleatória. Depois, a voltar para o tema da falação: “Aliás: Tião representa Deus; Maria representa o amor. À época parecia-me que são estas as duas forças que nos vão a reger: ficamos entre uma e outra, a conciliá-las ou pó-las à prova, desejosos de que se rompam. Se rompem, contudo, desesperamo-nos: vagamos. Leva-se tempo para reconstruir estas coisas”². Depois nunca mais falaríamos de *José*. Quando muito uma, duas vezes, meia dúzia de palavra aqui e acolá, envoltas em outros assuntos doutras motivações.

² Michel Bouillet indica no canto da página, aparentemente para ser aqui acrescentado, a seguinte frase entre as aspas: “‘Não, Michel, *José de Qualquer Coisa* não tem história. Pensa num homem que ama e que duvida da fé. Agora pensa na cabeça deste homem. E pensa que este homem somos todos””.

Paco Bernardo escreveu *José de Qualquer Coisa* em 1959, a ir pelas estradas da Europa, deixando a Itália natal. Quatro semanas cravadas, com um intervalo de dois a três dias entre um dia em que escrevia e os demais dias de ócio ou, digamos, repouso. À época eu terminava minha graduação em Paris, publicava mensalmente, num quadrado de vinte e cinco linhas apertadas, alguns artigos literários no jornal universitário e ia a pensar em alguma forma de estudar preferencialmente fora da Europa, necessariamente fora da França. Terminei em Nova York, conheci Paco, separamo-nos, fomos nos achar, tão sem querer quanto eu começaria um ano depois a ler *José*, em Buenos Aires.

José de Qualquer Coisa é, para mim, desse tempo; tempo em que reinava o álcool e o tabaco.

Minha intenção com José de Qualquer Coisa pode ser, relendo hoje o que escrevi ontem, uma só: que o leitor sofra como eu sofri. Não em termos existenciais, amorosos ou sexuais: em termos estéticos. A estética não importa. Mas quando não se tem o que dizer - importa.

P. B.

PURGATÓRIO

1.

Chamava-se José, José aprendera porque não sabia fazer sozinho e de José se arrependera – a falar desde pequeno, a comer, a falar, a andar, a cantar, a falar, a cansar, a cansar.

Com uma história não se quer falar nada, nem com nada se quer nada. Tampouco ao se negar.

Eu sou José, e isso se é primeira pessoa é por questão de estilo e identificação, apesar de tanta gente nas ruas.

José crescerá, porque ensinaram: é José. Basta-se sendo e não se importando tanto.

Tenho dores de cabeça. Estou gripado e entope-me o nariz a secreção: puxo para cima, não me importando tanto que esses canais da cabeça acabem dando no cérebro, na veia, no pus, na veia e que fique catarro na veia, essas veias que envolvem o cérebro. Ou são artérias. Cheias de sal, estourando vasos cheios de grito e força fincados na carne, na inflamação – dilatam conforme sinto Maria, vislumbro Maria: Maria tão futura, talvez seja predileção pela dor; Maria tão integrada à música, talvez não queira esfaquear o maestro.

Morreu Tião. Não tenho pena de Tião: tenho vontade de Tião, a vontade de Tião, não sei, antes que seja assumir o quanto de Tião me degrada e tanto que lhe desagrada. Irrita-se ao saber que qualquer coisa é tanto, e que tanto é tão pouco, e que de tão pouco se consiga tanto.

Habito sete metros de comprimento e cinco de largura (ou vice-versa). (E detesto jogos de palavras. Como detesto a ironia. Por isso nesse período evitei a palavra comprimento.)

O que faz de um quarto (este que habito) um caixão: eu estar nele, e eu estar morto. Há um homem dentro dele. Seria suficiente, não fosse incerto. Não tenho história senão a de estar vivo e ser José, e haver dúvida nisso, se vista a vida pelo termo que se segue e se vive.

Ainda assim vivo como vivem todos. Eles é que existem comigo.

Até uma mercadoria tem mais história: alguém a fez, ela tem uma história, que vai para a terra. E num caixote é transportada. É uma transição. De alguma forma chegará a algum lugar e ali se consumirá, rápido ou aos poucos, mas o será, e terá impressa no corpo a origem. Eu estou numa caixa num depósito vazio que é o mundo, um depósito sem teto, com muito espaço, eco, sombra e profissionais decadentes, senão incorruptíveis.

Eu estou numa caixa num depósito que sou eu mesmo. Eu estou numa caixa que não se mexe – que sou eu mesmo. Não por medo ou falta de espaço; talvez, não se saberá, por tanto lugar para se ir, e um espaço enorme e indecodificável até ele.

Eu – e escorre tanta coisa num nome. Não, eu não me convenço; e qualquer um me convence de qualquer coisa, ainda que eu não acredite no que fale. Escorre a mentira dos olhos de Maria como escorre a mentira dos olhos de José e os dois existem, bastam-se não por si, mas pelas coisas e pelos outros e pela combustão, que dizem: é José, é Maria, sou também,

comemoremos ao mistério em que pensamos quando nos será bonito ter ares de filosofia.

Carne queimada sob céu vermelho, em chamas, vazio, em cinzas sem resto: só pó.

Sou funcionário do Estado, essa declaração de incapacidade humana. Tenho barba por fazer, cama, um quarto, um pessimismo, uma dúvida e uma derrota. Sou um desses tantos personagens e homens. Livros e livros e criação e palavras e palavras e folhas e mais folhas e nenhuma resposta, raras, raríssimas perguntas, como nenhuma coragem de só admitir ter achado pergunta.

Camus (eu havia prometido para mim mesmo não citar ninguém, porque tenho medo de parecer alguma coisa, ainda que eu queira parecer alguma coisa e é evidente, mas não tenho consideração sobre mim) disse: “Se quer filosofar, escreva romances”. Não sei. Não digo não acho, digo não sei. Se quer escrever romances, ou qualquer coisa, tenha muita paciência. A poesia será ter ainda paciência num mundo que inflama, num interior que não quer tanto senão sumir, numa realidade que se impõe mas não se afirma. Até porque terá medo de escrever qualquer coisa, ainda que o que valha seja qualquer coisa, semelhante ao teu nome e imagem da tua natureza, essa confluência que daria a nós um só nome, houvesse nome que limitasse o que digo, mais que já se limita por eu dizê-lo.

Um homem que tenha consideração sobre si mesmo é sobretudo ainda um sobrevivente, um sobrehumano; tão bons, esses que sobrevivem, e sobrevivo, afinal, sobrevivo, prova de que ter consideração sobre si é

sina minha ou não é condição para sobrevivência. Para sobreviver basta estar vivo.

Ou até quando se morre, se de ser para não ser é uma certeza de que se será sempre, posto que não sendo não se sentirá.

Mas então cada coisa é tão passível de qualquer coisa.

Como gostam de ter superioridade, gostam de si para serem gostados, ou não gostam de si para causarem impressões mais poéticas. Ah! essa gente que aprende tanto! Quando afinal aprenderão então que não se aprende nada? Todo erro será refeito, e enquanto um erro se tornará verdade uma verdade se mostrará um engano, depois ao contrário, ou não, e essas maneiras de se ir seguindo.

Para não me indignar tanto com o estilo da literatura, dessa minha que vou fazendo à maneira gasta e previsível da metalinguagem, considerarei que é a criação uma força de caráter, apesar de tanto de tanta criação não ser resistência, mas cumplicidade. E que você deve fazer conforme lhe vem, depois se desliga disso, vai viver tua vida, ser feliz, cara, ficar nessa murrinhação é que não dá, vai viver tua vida, ser feliz. Ocorre que ele representa a geração pós-industrialização da América Latina, e cresceu no âmago da abertura democrática, ainda que as elites artísticas, ideológicas, comunicativas, econômicas, sejam as mesmas até quando surgem coisas novas. Esse setor tecnológico que é impressionante: ninguém está fora dele, nem quem passa fome, e logo será o setor mais promissor para os jovens que ingressam no mercado de trabalho. Principalmente para os que passam fome.

2.

Vem outra coisa de outra forma, de outra fome, outro tempo. E diante das paredes sujas, intactas, enlouquecerá. Não vejo que se veja a passagem do tempo senão como a perda e a invasão dos exércitos.

Lá embaixo (agora) na copa que é a recepção desses hospitais de bonecos de cera a que chamam prédio, condomínio, casa, residência, lar, doce lar:

Meridiano (um morador), ele diz: Bom dia.

Ahn? – sou eu que respondo. “Sua mãe está morta. Como eles estão querendo tua cabeça”, é o que nenhum de nós diz; não porque não conheçamos nossas mães.

Continuamos andando, eu vou para a esquerda, Meridiano não sabe para onde vai, e vai para a frente e é atropelado. Morre instantaneamente, como morro constantemente, Fênix burra e promíscua. Choco-me, o prédio (não é bem um prédio, mas vá lá) choca-se também, ficamos todos chocados, lamentamos. E se também ficamos chocados, e ficamos por assumirmos nossa vida, então não sei que mais posso dizer.

Para a direita vai a queda, para a esquerda a esperança, ainda que seja eu que vá para a esquerda, confesso: guardo tanta esperança que aí reside minha decepção, ainda que haja tantas cadeiras e solilóquios e pouco fuzil, como é muito o pão nas casas para que não se sinta falta da manteiga. Que roubaram para usar no *buffet*.

Não gosto de quem vai sempre pelo mesmo caminho, apesar de que vou sempre para a esquerda, mas é diferente mas afinal talvez com

certeza então a pluralidade seja justamente a ferramenta e a existência e cá estamos na obrigação de nos convenceremos disso para que seja verdade – na obrigação e na concessão do domingo - cá estamos.

3.

Para isso serve a realidade: para mudar a realidade, uma vez identificada, sentida: inverte-a, e cá estamos, ainda que tanto já tenha sido invertida. Ou é o que dizem: inverteram-na. E repetimos, principalmente repetimos, que não devemos repetir tudo que nos impõem.

Como é o que bem faço e fazem. Pois bem.

Foi o que eu disse, por ocasião de não dizer nada, exatamente o que eu disse: perdi-me. E o sujeito da ação é para efeito do ocorrido. Não quer dizer que eu não possa continuar ou permanecer. Em verdade sempre permaneço, lamento, ainda que também lamente a idéia de que tanto passe sobre esta terra.

Mas estou cansado – e não falei senão o que falei. Nem vou. Não tenho nada que falar, apesar de ocorrer qualquer coisa que é vontade – de aparecer, de falar, aqui nos nervos, que esses se fizeram veias.

4.

Isso eu digo sentado numa poltrona no meio de um palco. Ordenam que eu represente. “Mas já estou representando”, eu digo. “Eles

só querem que represente, eles estão representando, mas repara: nem parece tanto”, respondem de algum lugar escuro.

Represento. Ordenam que me cale: o palco é a platéia. Ordenam que eu aplauda, depois que eu vaia e demonstre espírito crítico. Mas que tenha um argumento.

Na rua um carro estaciona; no céu, uma estrela pisca e a lua é. Na rua, uma luz amarela; no céu uma garoa e um vento e a sombra das árvores. A lua está em cima do poste, na rua, e mancha de azul escuro o que for um pouco ou muito – de céu.

Mas eu estou nessas linhas e a imagem não se expressa. Sabe-se que é imagem: e daí – nada. Mais nada.

Toda vontade de expressão é uma vontade de generalização, continuidade, demonstração e revelação. Do auge da potência pela imposição da imagem, a ilusão do exercício do poder, enquanto vem também tanto dos outros e assim é que tua imagem se forma ou modifica.

De fato me esfolo muito nos convívios. Eu sempre me ponho sob os outros. Às vezes me empolgo, dão-me então um gesto brusco, e a euforia que havia se converte em humilhação. Calo-me. Mas me calo sempre.

Ou dou um sorriso, mas o que há é cera e hospitais de bonecos de cera.

5.

Quando eu ponho soro no nariz sinto o gosto do soco no nariz, o gosto do mármore, de sangue socado, de osso, de água que entope e uma pressão enorme que manda água para os olhos. Se expiro com a ponta dos dedos na ponta das narinas sai um líquido viscoso, que vem dos pulmões, suponho, e sai mesmo sem os dedos na ponta das narinas, mas então não sinto, transparente, sem gosto ou cheiro: o mesmo que sai do pênis quando se excita e todo mundo pensa: esperma, que ótimo, ou esperma, e como dói, esperma, mas não é esperma: embora que tenha saído de uma genitália (penso se estou excitado, ainda que relação física eu suponha assassinato, assim pensando em Maria). É líquido que limpa o ducto de urina para que passe o sêmen e que lubrifica o pênis para a penetração. E essa secreção se mistura à secreção que vem da vagina, cria espuma e ruído.

É horrível.

Puf! Fui ao banheiro. (Explodiu a lâmpada.)

Urina. (Caiu a parte debaixo.)

Descarga. (Saiu fumaça entre a lâmpada e o bocal caído.)

Torneira.

Pronto. Voltei.

Oh! não! Minha lâmpada!

Vândalos! Vândalos! gritava José perseguindo sua sombra pela parede do quarto.

6.

Com a cabeça apoiada numa parede, faz sombra oscilando em mim, e um lado do rosto está em penumbra. A luz que vem da rua (luz do letreiro) é a que oscila. A outra é amarela e densa. Tudo é sombra. Pouco é estar vivo.

Do corredor vem o som das escadas, som das portas, ecos, televisões em cor, famílias, talheres e louça na pia.

Eu tinha a cabeça apoiada na parede. De pé, olhando um pouco para cima, olho de frente para quem me olha e estou todo encostado na parede. Nunca me importei muito com esses fatos. Se uma lâmpada explodisse eu faria sempre ficar sentado e ir dormir e chegar em casa e me emputecer com a falta de luz; ou logo a trocaria. Se fosse há dez anos gritava pai, fingia ser natural a explosão de uma lâmpada enquanto ele se espantava, falava ué, anunciava o fato pela casa.

Hoje contudo fiquei no meu hábito até vir a noite – ou a necessidade de uma lâmpada, o que não implica necessariamente na vinda da noite.

(Literatura erótica.)

Eu, que sou virgem.

Terminei meu monólogo. Foi feito naquela posição, olhando de frente, encostado na parede, para quem me olha.

Muito bem: sai da parede e pede ao próximo para entrar. Querem assistir a mim. Vou então repetir.

Abre a porta. Vê o corredor. Fecha a porta. Vai à janela. Vê a noite depois de ver a tarde cinza que vai ficando vermelha, depois verde, amarela e finalmente é noite profunda – e o amarelo é dos postes e o

vermelho, dos carros. Abre a janela toda, para que dê espaço suficiente. E vê que o mundo está morto.

(Literatura suicida.)

7.

Tenho poucos amigos. Muitos têm feito histórias em que o personagem tem tudo, e então decai. Eu para tanto teria que recorrer à infância. E talvez nem a ela. Na verdade teria que recorrer ao que já recorro: tenho muito, apesar de não ter nada e não valorizar o vazio, mesmo que o sinta tanto. E dúvida, diante de mim mesmo, também tenho: afinal, devo ser um homem de uma fé profunda. Ajo pelo que penso, e se tenho medo de tudo é que tudo me parece uma ameaça a esse tão pouco de mim mesmo que criei e protejo, ainda que por aí saia dizendo que quero que se exploda. E digo que não penso em nada para que preserve a mim mesmo.

Tenho poucos amigos.

Tão poucos que não é nenhum.

Não tenho nenhum amigo.

Pudera: sou mudo.

(Mentira.)

Digo: sou mudo no sentido figurado, se quiser falar posso, e falo, mas para sobreviver em meio a tantos, e para evitar a humilhação e ser ainda menos entendido, não falo. O que faço agora é, antes de falar, irritar-me.

Mesmo que não conseguisse me comunicar entenderiam que tenho fome. Talvez não entenderiam (e não entendem; ou até perguntassem) por quê da fome, se há comida. Talvez não entenderiam, como eu mesmo não entendo senão que preciso muito aparecer.

Quando me fiz ouvir, não falei nada.

Mas sou mudo também.

(Mentira.)

Digo: falo, mas não digo.

Não digo!

Não insista! Não digo.

8.

No dia anterior havia sido um bom dia. Fiquei à janela; já a janela ficou consigo. Estática, onde está até agora e sempre esteve. Todo o resto por ela passou: gente, carros com gente dentro, nuvens sobre gentes, fumaça, grupos de gente, casais, cães, cães sendo levados por gentes, cães levando gentes, ratos, gentes, sobretudo gentes. Minha rua é por isso deserta.

Lâmpada acesa apagou. Porta aberta (no corredor ou na rua) fechou. Eu gosto das janelas. A janela do quarto dá para a rua, a do meu vizinho também. Já as do outro lado do prédio (não é bem um prédio, mas vá lá) dão para um paredão imundo, cheio de lodo. Eles são mais honestos, não sei, mas não sei o que vêem. Eu ao menos vejo espetáculo e passagens.

E bem gosto de me iludir nessas janelas que se entregam às ruas. Mas são apenas duas vistas, não sei qual seria válida (se houver alguma que o seja).

Há pouco me telefonou um amigo.

(Preciso para essa parte o nada, porque na próxima vou me fazer de esquecido.)

9.

Não sei o que dizia nas páginas anteriores. Lembro-me de mim num apartamento, de uma lâmpada que estourou, de mim na parede falando (a parede falava, não eu), lânguido, olhando para a janela fechada; depois a abri e olhei a rua. Houve texto depois disso, mas não sei o que foi.

Na verdade eu, José, que escrevo, sou meu autor, meu narrador e me cria meu autor (eu mesmo), meu narrador (eu mesmo). É falso: caminhamos para um mar de efeitos infectos, mais que os que passaram, ou tanto quanto, sendo rara qualquer exceção à cria das cadelas.

Cria-me o que ocorreu-me, porque o que escrevo não é mais que impactos, resultados, tentativas de impactos. É terra, pedra, cobra, deserto, nessa manhã em que três mulheres deitadas sobre a toalha fecham os olhos por causa do sol e eu as reconheço.

Semelhante ao próprio homem.

Ah! mas que as manipulações são tão possíveis quanto a continuidade da vida.

Sou um fantoche. E quando falo é o homem (e os homens) que falam (atrás de mim).

(Literatura erótica.)

Que falam através de mim, e passo a mensagem errada e passo errado a mensagem. Da minha boca de pano, dos meus gestos de pau, dos meus dias futuros de medo e passado, sempre (membros e boca) com o mesmo movimento – meus passos de paralítico ou condenado, perdido ou operário.

Falam às coisas e perdoam as coisas, ou (antes) procuram e enfurecem-se e fenece a fúria para se fazer necessidade (como se enfureceram). Então é aos outros que recorrem. Como também recorro. Não sou esgarro: também falo pela boca de tantos, e minha palavra (que sai) é esgarro.

E quanto misticismo para tanta invenção. Palavras! palavras! palavras! Explicação e sugestão – e nenhuma certeza.

(Literatura religiosa.)

Isso do homem falar através do homem.

Sou muito falso. Esse discurso, esse sopro na noite escura sem cortina que balance e calor. É de uma coisa premeditada e de um efeito. Efeito para que eu afinal sinta alguma certeza: vêm-me como quero ser visto, mas não é verdade. Antes vêm como querem que eu seja e que por mim eu os veja, tenham certeza de que assim os vejo, e afinal sejam. Alguns bastam-se sendo de qualquer maneira. No entanto exijo qualquer coisa inviolável – não alcanço, como não alcanço a própria treva. E daí não carbonizo: ardo.

Eu que tanto preciso do que desprezo.

10.

Faço isso através do improviso, o que é mentira – já passei tanto a limpo essas folhas (umas três vezes) que contradigo minha intuição de nunca reescrever. Apesar de que não reescrevo.

E cobro-me tanto.

Mas cobro mais do mundo.

Sei mais ou menos o que será minha história, sei qual a dor, sei que vem, sei que há basicamente Deus, o amor e a realidade como deveria ser misturada com o que é, em termos de relações humanas. E há também a morte.

Sei mais ou menos como é a vida de José, como se põe o nome na carne para que a carne tenha sangue e não seja morta e não apodreça mais do que já se apodrece sob o céu. Mas se escapa o que é futuro, a vida é que será vida.

O dia se iniciou como se abre a cortina para um paredão, apesar da minha janela dar para a rua. O meu quarto fica desse lado do prédio. (Não é bem um prédio, mas vá lá.)

11.

Quando eu acordei e todos disseram que você não havia nascido, não havia derramado sangue, e que o coração fora operado e os soldados trariam feridos pela noite... Minha filha, mas hoje eu vou te.

12.

Um rapaz da repartição me avisou da morte do chefe da repartição – Tião, que é Deus.

Desde muito jovem torço por mortes: cada doença dos outros espero que seja prenúncio de falecimento. Apenas demonstro empenhimento perante a morte e espero espetáculo. Tudo é tão parado, apesar da vida – a vida maravilhosa que levam. Claro, não a levo, nem acho que levem, nem eles talvez achem, e não posso dizer eles sem dizer nós, mas assim é a roupa da festa.

O suicídio tem sido um objetivo constante, uma meta permanente, uma solução duvidosa; mas minha curiosidade pela vida é, senão maior, mais corajosa. Não a vontade de vida, mas de observação – tem sido maior. O que é terrível: o que há é vontade não de vida, mas de observá-la, e ponho-me num caixão para reparar no enterro que se montará ao redor.

Morto, suscito soluços. Não mais. Todavia também não farão uma pergunta: “Quem foi?”, pois que se fui constantemente, certamente não me darão a chance de sentir que afinal me concedem a imagem por que lutei – para aparecer ou para me fazer, dane-se, não sei.

Serei uma lembrança: morto em tal dia. Ele era assim. E só assim. Mas também assim, se agora estamos assim, não mais como antes.

Assim foi ou será – com envolvimento de muito que é rastro e cotidiano e é vida ou despedida.

O rapaz que me deu a notícia não é novo na repartição. Falamos pouco, muito pouco. Trata-me por José, mas todos tratam-me por José, mesmo que não me conheçam o nome.

E mesmo que conheçam.

“José, morreu Tião”. Fiz-me de espantado. Depois de perturbado e curioso quanto às circunstâncias da morte, mesmo que fosse lógico: Tião era um homem doente, não cuidava de si, como não cuidava de nada senão da gravata e do bigode (o que era paradoxal se fossem vistos a gravata e o bigode). Fora chefe por acaso, quando de repente meia dúzia de diretores em desespero e funcionários desconfigurados precisavam de um nome para tapar buraco e servir, com o tempo, de cotidiano, e por isso segurança.

Mas afinal com isso fazemos tudo.

“José, tenho uma notícia chata pra dizer. Você já soube? Tião faleceu”. Meti os olhos abertos, quase esbugalhados, nos olhos dele meio fechados, quase completamente fechados.

- Se você puder passar no velório... É que o pessoal junto com os diretores querem mandar uma coroa, como gratidão.

- Claro, claro, uma coroa – sou eu que falo.

E tenho feições de sensibilidade humana. Porque deveras sou muito sensível.

Então silêncio.

- É... (E suspira.)

Aperta-me a mão e sai, o rapaz.

13.

Jamais me simpatizei com a palavra vida. Não falo pelo significado que possa ter ou pelo que quero parecer: lembra-me enxofre, ovo, e não gosto da palavra ovo, como não gosto de muitas outras (que não escrevo mas posso fazer alusão).

Tenho também uma palavra. Oh, tenho também uma família. Está hoje na previsão que fiz quando novo. Orgulho-me de meu acerto, apesar de que minto. Frequentemente arrependo-me, busco a dor que perpassa as famílias, as fotos, a memória. Mas há tão pouco. E há pouco pão na mesa.

E há pouco pensei: minha mãe não anda. Quando nova varria o quintal e a casa, com força e determinação, porque seria função sua varrer a casa e sua necessidade não haver sujeira na casa, ainda que houvesse terra pelo mundo, pelos homens, pelas famílias, pelos subterrâneos. Minha irmã casou-se com um empresário. Não se casaram na igreja. É contra o capital. O marido, orgulhoso da fêmea que é até bonito ser contestadora, vê a posição como pluralidade e gozo próprio. Há pouco tempo que há honestidade na nossa distância: quando se tem 18 anos e três pessoas em volta, ou quando se é velho e se faz responsável por alguém... a necessidade e convivência de se forjar união é menos trabalhosa. Meu pai caminha sozinho pela casa. Resmunga e verifica se está vazando gás. Mas no quarto há muito qualquer vida sufocou.

(Minha mãe está bem, meu pai ainda trabalha, mudaram-se para o litoral, não sentem o vazio do mar, minha irmã sustenta a casa e organiza manifestações.)

Como meu pai morreu de súbito num acidente de carro quando eu então tinha 14 anos.

Minha mãe tinha hérnia de disco e uma tosse estranha. Eu disse: daqui a pouco não vai nem poder pôr as calças, porque vai estar sobre uma cadeira de rodas, e vai estar tossindo sangue. Nunca tossiu sangue ou esteve numa cadeira de rodas.

Ela disse: “Ele está me gorando”, rindo, com o mesmo riso que dão quando querem parecer mandões. É um riso de se querer estar satisfeito com a ilusão que se esperava. Ou assim me parece agora.

Meu pai tinha zumbido no ouvido e pressão alta. Eu disse: zumbido pode ser câncer, e entrar em metástase e te tomar todo o corpo. Como pode ser que a hipertensão, ainda que tome remédio, não esteja controlada, e daqui a pouco os vasos dos olhos vão explodir. Nunca teve câncer, tampouco qualquer indisposição por causa da hipertensão.

Para minha irmã nunca disse nada.

Meus filhos são meu orgulho e meu desejo de pedofilia (ainda que eu não tenha filhos), de assassinato, como a mãe é glória e conforto e carne e nunca disse “filhos”. Como nunca tive mulher. Orgulho de que da espuma fedendo a peixe tenha nascido o corpo imundo, e que a imagem, como tantas, me cause qualquer espécie indizível de vontade.

Não crio nenhuma mente doentia, o avesso da normalidade. Crio o que já está criado.

Meu filho, essa questão de passado e de reprodução caminham lado-a-lado, é mais subversiva do que essa percepção de ação.

E talvez afinal só haja uma forma: a de supor que não será lido, e que não quer tanto atingir qualquer imagem definida.

Sete minutos depois eu morro, mas agora eu escrevo, não sei, não vejo – se há diferença tanta. E vivo, e não sei qual a diferença ou o impulso. Sem dedos eu escrevo, sem pulmões eu morro, com poemas eu morro, sem idéias eu mudo o mundo, e sem ação eu direi: sou cafona.

Sem força de vontade eu abrigo um sentimento e um asco e um homem; sem escrúpulo governo um país, sem criatividade digo “perfeito” ou “horrrível” ou “interessante” nos debates. E me homenagearão, quem sabe, numa palestra ou livro comemorativo, num museu com portas interditadas.

Tenho mais que fazer do que me pôr a inventar que invento qualquer coisa. Isso é mais decadente e desgastante do que inventar puramente. E é afinal a criação mais realista.

14.

É puramente histórias, línguas que não conhecem falantes, cálculos e tentáculos – até mim. Onde estou, onde estou, senão no mundo?

É preciso afinal não falar absolutamente nada. É o que não faço, ainda que eu diga que o faço – é para aparecer e criar bolhas de aço transparente. Bem disse aquele que disse acima.

Efeitinhos para todos.

Planejo falar ainda da minha adolescência – antes de iniciar o adocicado relato do que ocorre nos meus dias e morrer carbonizado sob carros ou trens, que vão e vêm sempre.

Escrever é fácil. Difícil é aceitar o que se escreve, conviver com o que se escreve e com o que se acha que se deve fazer (mas isso se estende a tudo).

(Brasil é ouro, diz o animador de torcida na televisão em nome daquele que vai tirar ouro do Brasil.)

Guardo muito em obscuras memórias que são obscuras porque assim as chamo, e caminho marchando, tenso, as pernas desajeitadas como se fossem minhas, os quadris muito largos para um homem, curvado, esse homem, ridículo. Caminho marchando descalço se me proponho a resgatar o óbulo que paguei.

Não caminho sobre as águas – e afinal, se não me afogo, vivo.

15.

Os dias se iniciavam – e se iniciam ainda. Mais ou menos iguais, são as horas que me levantam: com frio, com sono, e odeio os compromissos e ofendo o mundo apenas em existir; como odeio o vazio ainda mais agudo de se ficar dentro do ar sem afazer mais mandado que apenas o de continuar.

Não, pouco importa a moral do mundo e a sua auto-estima, a minha sombra nos muros, meu reflexo nas águas em que ainda me precipitarei um dia. Penso como seria mandar tudo para a porra e sumir.

De mandar tudo para a porra tenho medo. Penso no que é a porra. Lembro-me de Maria. De sumir tenho pena. Gosto muito deste mundo.

Eu queria ser a porra do macho que copula com Maria, se não consigo ser o próprio macho. Seja pelo medo dela, seja pela biologia, pelos deuses, pela minha incompetência, ou por qualquer amor verdadeiro e original que mantemos e não aceito e ela não percebe e será filmado com beleza de música romântica.

Como dói.

Deve haver, senão uma doença moral da civilização ou do homem, uma necessidade psicológica e instintiva das neuroses e obsessões e das contradições e das agonias amorosas e sexuais. Como os loucos que vagam – e sempre achei que seria um deles um dia. Enquanto o homem do meu lado foi um deles. E mantinha tudo muito bem.

Antes disso ainda... Lembro que o mundo não sabe quem sou, como já lembrei antes, quando penso que sou outra pessoa que conheça ou que ouvi falar e vejo como é possível que eu seja ela, por mais cafona que seja.

O texto a vosso gosto me sustenta – com arroz e feijão.

Tomando café ligo o rádio. Assim finjo que sinto o que há muito sentia: assim minha mãe fazia, assim agora faz minha mãe ainda. Assim minha mãe fazia, e era menos hipócrita questionar qualquer coisa, mas nunca a si mesma, honestamente a si mesma, aos seus atos, e por aí saísse, entre acadêmicos ou gente qualquer, a berrar a verdade do constante discernimento.

Para suscitar a raiva de levantar vivo e a vontade de povo, eu permanentemente me cutuco para ver se reajo. E nessa hora o leite me faz lembrar do povo, dos quantos amanhecem, vão para padarias metidas em avenidas gigantescas, se há gente no campo, se há mesas de café com casais recém-casados, se se amam, se há mesas escuras em salas escuras porque no quarto convalesce um vivo que sofre. E que depois gastarei energia, repetirei (que coisa) a rotina, vou cansar as pernas, até um fim certo que é o fim do dia, até um fim certo por um caminho certo, que só há esse e nem a metáfora dele sai dele, por mais diverso que possa ser.

Na verdade, a mera certeza de estupidez do que eu digo derruba a teoria. Assim é com todas. Deve ser, não sei.

16.

(Gostaria de fazer uma observação: Aconteceu uma vez (mentira, aconteceu agora): minha irmã pediu que lhe gravasse um CD. Eu falei: você tem um MP3, você quer aparecer. Então calou-se. Depois desceu contando o ocorrido para a família, e rindo, querendo que todos rissem, e então todos riram. Pôs o CD a tocar e, com avó e mãe, fazendo as unhas dos pés, cantava, obrigava que todos escutassem, falava que eram engraçadas, perguntava “O que?” quando comentavam qualquer coisa que fosse de encontro ao que ela esperava ouvir. Mas eu só mas eu só mesmo precisava falar isso para porque eu sou muito fechado e então sabe às vezes quando eu posso ou tenho coragem mesmo eu preciso falar alguma

coisa porque então hoje eu estou me sentindo bem para falar isso, o que até é bem difícil. É raro que eu diga; não é tão difícil falar isso.)

17.

Já passavam das 20 horas quando se aproximou da minha mesa de trabalho um colega de trabalho com alguns trabalhos ainda nas mãos. Tinha as mangas da camisa arregaçadas, a caneta apoiada atrás da orelha e lia para disfarçar a falta de jeito, porque de fato esse tipo de coisa, que sempre achei fosse exclusividade minha, é hábito humano. Reparei os cabelos. Desde meus 11 anos reparo cabelos. Mas então houve, desde aí, uma evolução questionável: aos 11, caminhando num sábado à noite por uma loja de qualquer *shopping*, reparei como cada homem ficaria belo e sexual se colocasse gel nos cabelos e fizesse um topete. Conservei com resistência religiosa, por muito tempo, um cabelo penteado para o lado; quando secava se fazia uma ondulação asquerosa, dura, que se combinava com minha pele oleosa vermelha, e meu rosto largo e meus olhos pequenos, estúpidos, de criança, para criar a imagem que permanentemente me vem à cabeça com profundíssima raiva. Então finalmente, mesmo querendo eu negava, deixei que viessem homens e me pusessem gel nos cabelos. Daí criei um penteado que de sexual passou para ridículo, crespo, gorduroso. Então fiz touca térmica, e o cabelo se fez brilhante e sedoso em algumas regiões na medida em que comecei a ficar calvo, restando a frente da cabeça coberta por uma porção fina, quebradiça, que molhada exibia friamente as entradas e se enrolava com facilidade;

bem como sobre a cabeça, já se aproximando da parte de trás, concentrava-se um centro do qual partiam fios se irradiando: para trás caíam muito bem, para frente se organizavam como um penteado lamentável, débil, o cabelo todo puxado para frente, formando um emaranhado crespo e poroso na frente, caindo duramente na testa oleosa; uma cor e textura belíssimas nas têmporas. Um espetáculo trágico, completado com cada comentário que saísse da boca de qualquer um, sobretudo de minha mãe, irmã e namorado de minha irmã – mas qualquer e sobretudo qualquer outra pessoa. Quando Maria contudo comentava que era muito foda, eu me excitava comigo mesmo, porque é bem verdade que os cabelos me remetem ao esperma e ao suor, e minha própria visão sexual de mim mesmo, catarseada de forma animal, divinizada com a beleza que sentia então por mim mesmo, dos casais que um dia supus possíveis e sem tanta dor, senão a dor da vontade e da espera.

Agora tenho barba por fazer, o que me dá um tom orgástico, mas não exato ou justo ou constante.

O colega de trabalho tinha cabelos crespos, curtos. Reparei-lhe os cabelos. E se fixavam sobre uma cabeça redonda, gorda, dotada de um rosto irritante. Os cabelos dividiam-se ao meio não sei se por intenção ou por acaso. Só agora então percebi o ridículo do penteado, sinal que a estupidez do cabelo não saltava à vista como com a facilidade com que o meu saltava, ainda que ninguém nunca tenha me comentado nada. O objetivo do penteado dele... não sei se era parecer maternal. Deu um tiro no pé: era uma solução repetida exaustivamente, abusivamente, por aqueles que não cuidam de si, parecem retardados, mas a ofensa de

certinho e retardado vinha para mim, de mim mesmo vindo para mim; a imagem, ainda que eu tivesse os cabelos mais revolucionários do mundo. E por esses Maria se encantava, mormente se fossem retardados, além de parecerem, achando-os, não sei se belos, mas atraentes, talvez, não sei, ou legais, como nunca soube.

Não há nada pior do que os dias que se seguem depois de cortar os cabelos. E filosoficamente todos os dias depois de cortá-los até cortá-los de novo.

...depois da tua vida.

(Estou fazendo uma coisa que fiz sempre: não leio o que escrevi antes e quando paro volto a escrever depois, a saber vagamente o que dizia. Mas ao passar a limpo sinto uma certa unidade.)

Tenho muita pena desse rapaz que me olhava. Segundo diziam, morava sozinho, num apartamento num prédio (não é bem um prédio, mas vá lá).

Ele me abordou falando “Aqui”, levantou da folha os olhos, ergueu-os para o teto, erguendo também um pouco o queixo (porque havia erguido a cabeça toda para cima, conforme erguera os olhos), o que lhe deixou as pálpebras semicerradas.

Em seguida disse “É...”.

Permaneci calado. Mas eu sempre permaneço calado – com a maioria. Apesar de que é tão freqüente que eu me faça falante e eufórico em dadas circunstâncias que não envolvam dadas presenças.

Na verdade faço feições de seriedade se me abordam sérios e feições de simpatia se me abordam com sorrisos. Exceto com Maria, se

quero transmitir-lhe a idéia de dado sentimento para tentar suscitar nela dado sentimento.

Apesar de tanta graça impera a dor.

Olhei para a caneta que eu tinha entre os dedos, para que não ficasse tanto tempo com o rosto exposto, sobretudo a boca. Quanto eu já havia roído aquele plástico ordinário. Quanto eu já havia roído o ferro e pedia ainda ferro, mais ferro, certo de que da ferrugem breve sairia o aço, titânio, prata e água. Sabia que havia muito roia a caneta, apenas, apenas isso, mas não pude deixar de suscitar a metáfora, lamentando a miséria de espera da vida, ainda que tudo seja metáfora, e só em alguns momentos coloquemos uma linha de destaque sob a realidade ou as coisas.

...Para depois, num ato de auto-piedade de valorizar a piedade de si para si ou de outro para si, generalizar a miséria da vida para a miséria do próprio homem, na medida em que meus olhos não são mais que os olhos de um homem, e não sei mais do que ver como um homem, por mais que tente a desumanização...

O rapaz à minha frente ainda erguendo um pouco o queixo, os olhos subindo, não parecia mesmo à vontade, não pelo pescoço levantando e levando o rosto em direção aos céus, não em prece, mas talvez não à vontade como eu não estava tampouco ou estaria em sua posição – fosse eu ele, como não sei por que não era.

Pensei como seria sê-lo, e afinal não o era porque éramos todos. Pensei como toda razão é execrável como qualquer expressão, tanto quanto qualquer reação.

Ele agora iniciava o semicerramento das pálpebras. Então percebi como permanecia esnobe, afinal, em tal pose mal premeditada. Não sei se lhe era mais confortável, mas decerto lhe era mais cômodo ou interessante. Eu mesmo – faria o mesmo. De fato como faço.

Ou como farei – se é a narrativa uma predicação futura.

Então, antes de eu terminar de lhe reparar nos olhos o sopro esnobe, disse-me estalando a língua no céu da boca “Uma coisa chata...”; e estalou de novo ao fim da frase. “To bobo até agora”, suspirando e permanecendo preso ao estilo.

- Tião faleceu ontem de noite.

Ele falou de fato “To bobo”, e achei estranho que um rapaz de cultura predominantemente masculina, burocrática, conservadora, usasse esse termo que sempre achei tão próprio de meus modos que beiram o patético, o feminino e a caricatura para que não notem na realidade mal acabada e limitada que é a pintura original.

Isso pensei enquanto dizia: “Sério? Mas que...”, e arregalando os olhos, não olhando os olhos dele; como se pregassem pregadores nas sobrelanceiras e umas lâmpadas nas bochechas.

Ele notou que fingia surpresa, porque nossa aparência era semelhante. Na verdade estava de fato surpreso, comovido, minha natureza é dada aos ares emotivos e à inspiração do momento, não importando tanto qual seja. Reajo a tudo mais ou menos integrando-me a tudo e mantendo alguma cerca de arame.

Estalando de novo, virou a cabeça para a janela que dá para a passagem de ar. “Sério pô”, e encontrei no fato algum quê de grosseria e

me senti humilhado. “Ia ta mentindo?” , novamente senti humilhação e desajeito, mas logo coloquei a frase num contexto de conversa entre dois homens vendo como seria normal a frase e a reação do outro sem qualquer sentimento de inferioridade. Como também é possível que apenas escondesse, porque quem me visse não me daria qualquer sentimento senão o de surpresa.

- Porra! e isso aqui agora! – e o rapaz trazia para dentro da sala, no colo, tirada da circulação de ar, uma moça nua, passando-lhe a mão nas genitálias, dando-lhe tapas nas coxas, e ela rindo muito.

Isso foi uma imaginação minha, que feneceu como a luz do sol cessou em razão de qualquer nuvem e a sala ficou cinza e de novo imaginei qualquer coisa, que logo se perderia (como se perdeu). E foi minha própria convicção de que ele, o rapaz, me desejasse salut, Zé! como sempre me pensei popular, querido, para depois execrar o afeto, a estupidez, enfim, que trabalham bravamente para fazer uso em solo em fogo. Soldados do povo que vêm do *front* para garantir a justiça, diz o gordo na televisão à televisão enquanto em casa outros dizem à televisão o que não sentem.

(Ele faz toda uma crítica, ele mostra... É uma crítica, né, e assim, é legal porque ele mostra como que...)

(Literatura pornô.)

(Bá! Filhos duma puta! estes que o dizem e aqueles que não o dizem também ou digam qualquer outra coisa ou nem digam.)

- É... é foda, e levou com doçura...

Uh! docinho ai!

Como dói.

- Mas... aqui (dois travessões para uma só pessoa), o pessoal já mandou uma coroa, e a gente tava querendo ir todo mundo junto.

E como se houvesse falado foda numa de suas conversas com amigos e homens que fodem moças e moças que esperam homens e como se coroa não fosse gente e Tião não fosse dar conta apesar de morto. Ah! tanta hipocrisia diante daquele que nunca fez senão morrer diariamente, ainda mais que eu, porque não se dava ao trabalho ou ao orgulho de anunciar qualquer sentimento. Assim era Tião (que é Deus).

Duas, pois: a enviada e a deixada (viúva).

(Eu tenho um muito grande senso de humor. Como também de ironia, apesar de odiar a ironia, como odeio o humor. E ainda assim os tenho e os uso, porque são o que me vem de viável.)

Permita-me, oh senhor!, enviar minha mãe e senhoras das igrejas e dos pontos de ônibus.

Apesar disso, ele era móvel.

Fez alguns movimentos de ser dotado de matéria orgânica etc., mas pouco fazia. Mexia apenas o que era de seu interesse. Não posso dizer que o mesmo faço continuamente, faço às vezes, porque é comum que eu me prive de ações absolutamente normais por considerar que os outros notarão como sou digno de ter um corpo, carnes etc., ainda que com Maria eu faça questão de que ela note. É tão difícil afirmar qualquer coisa: vem sempre um posicionamento unilateral e pouco verdadeiro.

Depois ele sentaria em sua mesa, colocaria a pasta sobre o colo, meteria aí uns papéis, sentaria então na cadeira, pegaria as chaves na

gaveta e me faria um tchau sem qualquer ímpeto de honesta interpessoalidade.

Tião morrera então na sexta; na quinta estava na repartição, apesar de não ter sido visto. Afinal, o que havia de Tião na repartição não era sua presença, mas seu nome na porta de chefia e o consenso praticamente geral de que ali trabalhava. Negar que ele comparecesse ao trabalho era tão infundado quanto afirmar categoricamente que comparecia diariamente, *religiosamente*.

(O caixão de Tião estava fechado como se guardasse água ou terra ou um cadáver disforme, aberto em sangue e víscera.)

Disso não me engano. Tudo observo porque de tudo tenho medo, e a tudo preciso direcionar alguma estratégia de proteção. Tenho, senão os olhos, a vigilância mental sobre todas as coisas e pessoas, ainda com a curiosidade e o *voyerismo* se metendo entre mim, a imaginação, o visto, a ameaça e a estratégia.

Com alguma mudança freqüente não observo ninguém.

Tenho medo sobretudo de me mover. De me comunicar - com a certeza de que não me comunicarei. Com o grito vazio e surdo de que impossível é conhecer aquele que está ao teu lado. Impossível se fundir e se cobrir de absoluta certeza e honestidade, qualquer órgão vital inviolável, compartilhado, pulsando em dois corpos. Impossível porque jamais se conhecerão, como não se desejam senão por biologia e residência de favores e poderes, medos e escapismos, proteções, qualquer nome que se queira dar ao que não sei nomear.

O rapaz recolhia seus papéis e a máquina de fotocópia em algum lugar rangia. Tocava um telefone, batia uma porta, ecoava um pio de passarinho pelas manchas de sol nas paredes rajadas de repente pela janela que dava para a passagem de ar; passava carro na rua e gente na calçada e uma descarga era usada em algum andar.

O rapaz pegava as chaves e ia-se.

- Tchau.

Tudo enquanto Tião era morto, o mundo era dúvida e eu de qualquer forma permanecia. Como amo Maria, como amei Maria.

18.

O rapaz pegou as chaves e se foi.

- Tchau.

Pensei que ele após o tchau perguntava “Você vai lá então?”, e a pergunta era tão possível e indiferente quanto só dizer tchau, não dizer nada ou fazer uma declaração de amor.

Nunca tive coragem de pessoalmente fazer qualquer declaração de amor ou tentar qualquer aproximação física de Maria. O medo – me toma como me toma a vontade e o amor e a espera pelo que tanto me ensinaram a esperar: o momento (que não existe). O momento que existe é o da hesitação, da espera, da dor, da dúvida, da euforia, da morte. O medo os une. A incerteza os conduz. O desejo os põe em movimento, mas a morte os receberá e Maria intocável, tão tocada por tantos, tão possível em tantos...

Eu então responderia qualquer coisa e conversaríamos (eu e o rapaz), lamentosos como dois homens que se relacionam diariamente pela voz e sabem que cada um tem suor e um pênis e testículos e esperma e ânus e poderiam se foder; são duas pessoas (e tantas). Ele disse:

- Tchau.

E se foi.

Por uma questão de cruzamento de vias, mesmo que andando fora da via – vai-se. Vai parar no mesmo lugar. E talvez nem parar – e talvez nem lugar.

Queria ter certeza de Maria.

19.

Mas não: ele se levantou, disse tchau, saiu e saiu duas vezes – esqueceu de pegar as chaves. Imagino que haja no ócio uma subjetividade de muito funda, uma liberdade de muito profunda. Agora que estou no ócio não tenho mais do que tive sempre: vazio.

Pretendia eu, tivesse tempo, estipular um hábito degradante de escrever: de 8 às 10 da manhã, que as manhãs me fazem melhor que as noites, já que tenho uma deficiência mental que me impede de ficar na noite criando: atacam-me mentes nulas, janelas abertas, melancolias que não se transformam em atos.

20.

Assim enfim parei ao piscar duas vezes meu abajur. Todos têm abajures, os abajures hoje se tornaram uma realidade vital, qualquer um pode ter um abajur, acender a lâmpada aqui enquanto do outro lado do mundo outra é acesa. Principalmente os famintos – podem e devem ter abajures. E eu também tenho abajur. Até Tião tinha um abajur – diferente, mas tinha. O meu caso era uma questão de mau contato: debrucei-me sobre a mesa, espremendo o braço entre a parede e a madeira. Doeram meus cotovelos, depois as axilas, depois as costelas pressionadas contra a quina. Sacudi o fio e recolhi o braço com uma luz baça triunfante oscilando, oscilando, oscilando...

21.

Eu esperava encontrar ainda o auxiliar do almoxarifado no almoxarifado. No almoxarifado descartei, e aguardei o auxiliar do almoxarifado no corredor, que posso ver da minha mesa. Então se aguardei foi porque decidi que aguardava, porque na verdade trabalhava normalmente, sem qualquer mudança em razão da espera. Uma espera imperceptível.

Não pretendia dizer-lhe nada. É que tem modos curiosos, o auxiliar do almoxarifado: um rosto novo, travestido de timidez, como se houvessem dele abusado numa infância cheia de colegas e sussurros.

Hoje ele não veio. Como não veio ninguém.

Arrumam-se para o velório de Tião.

O trabalho foi cancelado na repartição não se sabe por quem, se morreu o chefe. O rapaz soubera ao chegar, foi adiantar por vontade própria e responsabilidade sua e de mais ninguém algum serviço; viu-me, falou-me, foi-se.

Fiquei ainda uma hora na janela, fumando, enjoado porque nunca consegui me acostumar com o cigarro.

Dali aonde iria? Me toma um torpor se penso no que se fará além do feito até então, que é pouco, e tanto - que me cansa. Aprendi cedo a cansar, a cansar, a cansar. Desgostar de mim mesmo e do mundo não por verdade ou natureza, mas por defesa e permanência paradoxal no mundo.

Fico eufórico, se posso fazer alguma coisa que não seja *a priori* o que me meteram na obrigação. Fico eufórico, me vem uma vontade – que logo me deixa, se mostra tedioso e habitual como as coisas. Ao mesmo tempo o diferente logo também se me parece tedioso e habitual: como quando combinaram todos churrasco e piscina e boliche e cinema, enquanto eu não via graça alguma, senão a imagem da vulgaridade e da permanência burguesa no mundo.

Como um ato de revolta, pensei em não trancar as portas e riscar as paredes.

Desisti. Mas tive certeza que era possível fazê-lo, que o que me impedia não existia.

Tranquei o prédio e dinamitei a construção. Se estava tudo fechado – dinamitou-se também.

Na segunda acordei mais cedo, preocupado quanto ao que pensariam que eu havia feito com as chaves. Então estava lá mais cedo.

Muitos outros chegariam no horário normal, e não seria anormal possuírem as chaves.

Mas espero sempre qual será a reação dos outros, porque dos outros é que dependo para me sentir, em perigo ou em conforto, este último raro e acompanhado da ameaça, pouco importa, como dependem de mim. Principalmente em relação a algo que eu tenha feito – preocupo-me sempre quanto qual será a reação dos outros. Por mais que eu diga desprezar a reação ou consideração alheias, importo-me com qualquer coisa. Acredito em tudo, ainda que não acredite em nada: importo-me com cada vírgula, matuto, descarto se é verdade ou falso, penso se tudo é duvidoso, duvido do que penso, etc., até que a vida me atrole e qualquer consideração ou espera resulte em pó – que não voa, fica, e fica sempre, acumulando-se pelos cantos.

22.

Havia na rua os carros, nas calçadas os filhos e as filhas, nos meios dias os cheiros de sol e de comida e pastas de couro agarradas a camisas sociais. Como há tantos ônibus e sacos plásticos e carnes.

Ando muito a pé, e cheguei cedo em casa – tendo comprado um jornal: Tião estava entre João e Joaquim, na lista dos mortos com Maria embaixo (não a que amo, mas não sei por que não amei essa morta agora).

Uma nota especial dos redatores e da cidade agradeciam a Tião os anos de serviço prestados em favor do desenvolvimento comunitário e dos esforços voltados para o progresso e para a justiça.

Tião era rico como eram ricos os que escreveram a nota como eram pobres os que apoiavam a nota e a achavam justa ou necessária.

Enjoei-me com previsões, apesar de parecer adorável: velhas rezando o terço, rodas de pessoas falando quanto tempo, rodas de pessoas com cônjuges novos, flores brancas, padres encomendando mais corpos, gente em pé olhando para o caixão, peles, bochechas, narizes fungando e gente tossindo e a carne verde que habitava o caixão fechado e a carne verde que não via (eu e ela, dois cegos entre tantos cegos), futuras homenagens e defuntos futuros.

Apesar disso, achei interessante a ida.

Achei absurdo não notar no topo da lista o nome José. Achei absurdo eu não me matar.

23.

Mas permanece o mesmo trauma que acompanha o câncer.

E há manhãs que não me levanto por ordem ou hábito: levanto-me por medo, medo de que apodreça e no quarto trancado ninguém possa vislumbrar meu corpo aberto.

Imagina como foi difícil morrer. Morro constantemente. Sobreviver é vulgar: por isso sobrevivo e vivo e morro. Meus dias não pedem carne: roubam pão das mesas de gente pobre e faminta, até que homens esqueléticos e em agonia se ajoelham e peçam perdão. Terminado o evento, exibem-me as realidades de ser reflexo de mim o mundo.

Tomei banho e é o seguinte:

Conforme afirmam as atas apresentadas a esta comissão, banhei-me e esfreguei-me e lavei pernas e braços e membros e pêlos e peles e pelos fios de espuma não me diluí. É ordem: não se diluirá. É ordem: é preciso permanecer, até que se esqueça do esforço, posto que já se acostumou a cansar, aprendeu a cansar, a cansar, a cansar, a ficar.

(Haveria então enterro!)

Enquanto me enxugava ouvia as portas que batiam no corredor e o vento que cortava o corredor.

É minha vaidade que se afirma quando me olho no espelho e percebo como sou feio, mas também percebo como sou bonito e sexual e como daria a vida para copular comigo mesmo, senão viver comigo mesmo. Seríamos felizes, separados, dignos de viver juntos porque separados, não mais num mesmo corpo que é o de ambos, esses dois que não conheço e são muitos, senão um ou nenhum...

Apesar disso, procuro nos fios dos cabelos os fios que dão sustento aos fios e tecem a aparência geral do cabelo. Não encontro, procuro e não encontro: não percebo quando puxo um fio torto, mas depois de dois meses tenho o cabelo fraco e ralo e culpo ter arrancado os fios tortos e quebradiços, um a um.

Enchemo-nos de plumas. Tanto que envergamos e farejamos o chão pisado, para que possamos pisar também. Ninguém nos olha de fora senão nós mesmos. E o caminho forma uma circunferência, torta ou não, mas uma linha que se liga e se fecha.

Enxugo as reentrâncias com cautela, que me excito com facilidade.

A segunda vez que enxugo a glande é sem necessidade.

(Literatura metafórica.)

24.

Quando mais novo achava que chegaria um tempo de perfeição e tranqüilidade, comunhão, conforto, sossego mental e físico...

Ando com raiva de que saia óleo de meu nariz e poros e meus cabelos se levantem, eriçados, com fios tortos e ralos, e minha testa oleosa se exiba e a mancha vermelha que toma minhas bochechas e nariz fiquem em destaque sobre uma boca meio aberta, com dentes separados e um sorriso estúpido de quem ri de vergonha de si mesmo.

Tenho cheiro de mofo na roupa, apesar de muita gente elogiar, depois de dozes horas, o perfume que uso.

Mas às vezes amo tanto minha aparência e tudo me parece ser uma neurose tão desnecessária. Mas não fosse ela, eu não me salvaria?

Tanto faz! (dirá). Não: quando tudo pulsa porque se acha que pulsa e nada pulsa porque se acha que nada pulsa e tudo pode pulsar ou não pulsar, variavelmente, diversificadamente, fixamente por tão difuso e incerto, então um desassossego infecta a carne e contribui para infestar o organismo de verme e poros.

Eu tinha um enterro para ir e me excitava com imagens mórbidas de Maria morta sendo por mim possuída, ou loiras e loiros em banheiros públicos que me prendiam num chuveiro e me despiam; e repetia na minha cabeça meu processo de criação e minha história, como numa entrevista: assim me encho de prestígio e futuro, atingindo por algum segundo uma

espécie de comunicação com todos, imagem para todos, esse desejo totalitário e absoluto que sempre procurei.

Então eu, o respeitado entrevistado: maldizia o prestígio.

Ah! tudo tão trocado nessa suruba existencial em que me meto achando que englobará o inviolável da tua presença, Maria.

Para não quebrar as vitrinas e danificar os manequins, deixem-me solto, que por mais raiva que me consuma não faço nada.

Pus a cueca como uma garça. Misturando excitação por mim mesmo com asco de mim mesmo, me veio à cabeça as imagens de tantos pés no mundo seguidos de tantas pernas e de tantas peles e de tantos toques e de tantos chãos imundos de suor e organismos e secreção. E o quanto tão pouco dói nos outros.

E como tanto já olhei para tanta gente (vestida) imaginando que têm um pé, uma perna, depois as genitálias, intestinos, necessidades, e como nada senão alguma coisa que desconheço impedia que tal observado copulasse com qualquer outra pessoa desse mundo, inclusive comigo mesmo. E como seria A se excitar, copular e gozar com B. Como B gozaria *nessa* pessoa, *essa* pessoa que com C tanto resistiu para que nada ocorresse, como com D seu corpo era algum segredo precioso e como com B não era senão desejo e ato, um bicho que invade ninhos e devora filhotes, qualquer coisa nesse sentido. Eu peço que todos se arrependam de cada coisa que fizeram, como eu me arrependo do que fiz ou do que não fiz, e como fazer ou não fazer resultou sempre em fracasso e lembrança de Maria.

Depois que sentiam dor.

Depois que se escondiam e eram flagradas e duvidavam e meu amor crescia com perdão incondicional e Maria perdoava incondicionalmente e não nos tocávamos, ainda que disfarçássemos olhando para o chão. E se nos tocássemos, que ocorreria, não sei, mas de qualquer forma o caminho que liga dois pontos me dá medo, por ele se estendem extensões de pavor e imobilização psicológica e física e perigo de invasão do que construí.

Depois de considerar que era um caso de necessidade de humilhação e para isso testemunha e vítima; o ato só a mim digno por tudo que o negue ou o mantenha ou me maltrate.

25.

Abotoei as calças. Como eu devo estar engordando. Como engordei. Como devia fazer abdominais para manter o corpo burguês e me tapar atrás das cortinas quando fosse possível a aproximação de Maria e como devia exhibir o corpo pela janela quando fosse sonho e então não houvesse medo, apenas representação.

Não pus roupa preta nem branca. Fora isso não lembro que cor botei.

(As flores que fazem a terra, meu bem, são as flores que unidas formam o chão. Mas cais, mas se cais – por que cais? Partem navios, naufragos que voltam para os mares. Só teu nome, preso à terra e à flor, aguardará minha fome?)

Tinha ainda que arrumar almoço. Mas isso é coisa pequena. Não gosto de comer fora e tenho preguiça de cozinhar. Mas isso é coisa pequena. Tenho vergonha (de comer fora). Mas é coisa pequena: grande é fugir e não cansar.

(Como tenho vergonha de me interessar por produtos em lojas, contratar os serviços de algum profissional, de ingressar num curso, de comprar ingressos.)

Se compro um lápis, tenho que escrever? Não posso usá-lo para meter debaixo do piso da sala? Não posso comprar ingressos para rasgar e esvaziar o espetáculo?

A maioria das coisas em que eu visualize um ato meu e uma expressão da minha semelhança com a sociedade que critico e procuro... reconhecerei uma necessidade que é minha mas que sempre enxerguei nos outros e odiei em mim.

Nunca tive grandes problemas, contudo, com a masturbação.

26.

Sempre tive grandes problemas com a masturbação.

E como se me cutucassem e vagamente com uma bengala me atiçassem, fui pisando pedras portuguesas preto-e-branco molhadas de chuva e água que vem dos açougues lavados. E preto-e-branco na tela, na minha cara – isso que lembra a alma mas não representa ela. (Ou seria tão fácil estar aqui.)

Cheguei na capela às 14 horas, com cheiro de carne, de comida e de final-de-semana-empada-frango-assado-jornal na cabeça. Havia bastante gente do lado de fora e bastante voz do lado de fora; do lado do defunto não tinha ninguém, mas uma ou outra voz em sussurro; como se estivesse na igreja e o mesmo cheiro de roupa e garoa, e a mesma forma de ficar olhando o padre e em cima dele nada a ser olhado.

Fui para a capela pensando se falava “meus pêsames” àquela que mais se parecesse a uma viúva, de forma que, se estivesse recebendo cumprimentos uma filha, decidiria ser ela a viúva, nunca sabendo do incesto. Duvidaria se era ela por obrigação. Como por obrigação esqueceria.

Decidi-me por dizer meus pêsames. Apesar de que na hora (eu o sabia) só daria um abraço e não falaria nada, no risco de falar “tudo bom?”, porque o mesmo falo em cada cumprimento que qualquer pessoa me dê. Apenas um abraço com ares de força e viva-jesus, saindo da fila com a certeza de que me reparavam o rosto para ver se chorava.

Tião estava verde, tenho certeza. Era um defunto verde. Aproximando-me da madeira escura vi o reflexo verde na parede interior do caixão: verde batata cor de pele rosa, se espalhando pela madeira do caixão como se infestasse de sementes a matéria morta a ser comida. Meteram uma lâmpada debaixo do corpo – pensei. Para que nunca deixasse de ser iluminado. Mas se pensei certo não sei, porque não levantaram o defunto para que com os olhos constatássemos a veracidade dos fatos. E eu é que não o ergueria, porque é feio (o defunto e, dizem, o ato).

Estava Tião morto na frente do Tião vivo na minha cabeça, e os dois se assemelhavam como se assemelharia daqui a dois anos a imagem do Tião podre comido com o Tião defunto e com o Tião vivo, com o Tião nada e com o Tião dúvida e com qualquer outro que concebi ou me foi dado. E Tião nada e Tião morto e Tião vivo e Tião comido era tudo que havia entre minha raiva, meu alívio, o caixão, minha observação e minha vontade de ir embora e meu cuidado em ter postura e minha vontade de Maria.

Pareceu-me certa a idéia quando eu tomava banho: deve ser capela meio escura, cheia de pedra e madeira e uns candelabros. Mas era agora como uma sala de espera, umas paredes brancas sujas, umas cadeiras azuis encostadas nas três paredes, enquanto a outra era a porta, enorme, que não era porta, mas um vão na parede. E não posso aceitar que a imagem anterior é desmentida pela que vejo.

Da mesma forma que eu não assumiria, não agora, que a imagem do Tião morto contradizia o Tião vivo e o José agora, José vivo, apesar de ser José vivo, não é José agora, e se acha mais morto do que vivo (até agora).

E havia na atmosfera de mofo e de cadeira azul com parede mal lavada uma idéia mal embalsamada e um sentimento mal surgido: apodreceriam logo. Mas eram (acho que apenas eram): havia na testa de Tião uma mosca, na minha uma gota e na de muitos o brilho da pele. Não, não acho que seja justo isolar eu e Tião dos outros. Já basta que eu isole meu nome.

Os outros estavam lá com seus corações, mesmo que eu duvide, mas estavam (e eu duvido). Era então a mesma certeza doentia que se arrastava sobre os telhados do meu quarto de vidro quando era pequeno e homens diziam, ao me ver com dez anos: “tem que fazer o bigode, hein”. E por isso eu andaria curvo e teria medo de que me olhassem a boca.

E depois eu mesmo disse para meninos de dez anos: “tem que fazer o bigode, hein”. E poucos passaram a se curvar.

Olhando para o chão. Porque além disso posteriormente veria no rosto das gentes o mundo – que não é nobre nem absoluto: é indiferente.

Que é indecente olhá-lo.

(Pausa para o café.)

27.

Que agradável beleza

Que amável luar

Não explico: exijo

Ai! Que másculo

Espero contigo, seu morto,

Aqui ficar.

Me regozijo

Te ignoro

Não lamento nem demoro:

Caminho cabisbaixo, torto

E te canto: que agradável beleza

Que amável luar
Espero contigo, seu morto,
Aqui ficar.

De tal maneira que o homem, vítima do objeto que é uma consciência acerca do mundo (adquirida *a priori* e em alienada harmonia com o *status quo*) não é mais um momento efêmero: a dúvida passa a se fazer presente, e se constituem de muitas efemeridades, que formarão a vida.

Música forte! Forte! Forte!

Piano para a porrada de cabeça que senta nas cadeiras: não é mais duas bundas que sentam aí.

E para a dor nos ouvidos da nota!

Anota! $1+1=2$.

28.

Não espero que dessa viúva gorda saia um beijo. Aliás: não quero, como não quero de ninguém, talvez nem de Maria. Talvez muito menos de Maria.

Essa velha estúpida que me olha com languidez e dor nos beijos guarda, sob a saia, o que me aguarda no tormento e nas teorias da loucura (se considerado esse pranto que ela exala). Como exala também o esposo morto da viúva viva, que me olha.

Tião já estava frio quando o vi. Não o toquei porque tive vergonha que vissem e pensassem que me emocionava.

Isso me consola quando eu morrer: não poderei tocar em mim mesmo e não pensarão que tinha gosto por mim mesmo: porque não gosto de mim mesmo. Respeito-me, mas não me dou comigo, apesar de tanto me desejar sexualmente se consigo a catarse. Respeito o meu corpo porque tenho medo da dor, e minhas pregações sobre auto-destruição restringem-se talvez a um plano psicológico ou teórico, de forma que meu ódio pelos puramente teóricos é um ódio também a mim, que sou porco e estúpido.

Por muito pensei que, pelo contrário, eu buscava a dor – e que dela precisava. Ocorre que preciso de tudo, porque não tenho nada.

Não pode ser melhor desejada (a dor) do que nessas linhas de masoquismo e falso pecado.

Pecado!

(Literatura erótico-religiosa-pecaminosa.)

Mais ainda ao fazer as linhas. É chatérrimo, creia-me: não tivesse esta necessidade de aparecer ou querer alcançar o que não existe, as jogava para o lixo, com finalmente uma atitude concreta de perceber a inutilidade das coisas, a impotência das coisas.

(Literatura erótica.)

Bota-fogo-no-burguês.

Bota-fogo-no-cristão.

À minha volta estavam pálidas apenas a viúva e a filha. A filha tinha óculos escuros, estava de preto, era gorda, de cabelos pretos, tinha botas. A viúva tinha óculos escuros ou vergonha dos olhos, roupa preta, era gorda, de lenço prendendo os cabelos pretos.

Eram mulheres estranhas e inexistentes.

Tião era mais ou menos gordo, mas podia ser magro também, mais ou menos magro, meio normal também. Tião nasceu, cresceu, se reproduziu, trabalhou e morreu.

Eu nasci, cresci, não me reproduzi (e justifico afirmando sobre a miséria do homem, apesar de que fecundaria Maria como o faço em desejo) e morri sempre.

Nem metaforicamente – não morri. Não consegui. A vida é muito tênue, vai com a facilidade com que se prende a ela ou se a odeia.

Uma coisa contudo deve ser dita: fodo toda noite a palma da minha mão. Com isso não pretendo mostrar o homem sexual que contem o homem. Mostro o homem duas vezes: esse (eu) e o outro (eu também), e quanto mais forem precisos, desde que esse que o fala seja explícito, mais se saberá do que é oposto e negação de si e do que for demais. E dele sai hálito, idéia, repetição, nada.

Saí de perto do caixão achando que me movia tacanho, desrespeitoso e desengonçado, emocionado e fraco. Não falei com a viúva porque tive vergonha; senão teria falado. Continuei na capela. Não fui para o corredor. Lá estariam conhecidos e conversas, nenhuma presença que me chamasse a atenção, exceto por um ou outro, mas de qualquer forma não queria, não queria ir para o corredor. Lá estariam conhecidos, conversas, nenhuma presença que me chamasse a atenção. Ali ao menos era visto pelos presentes, saía, era visto pelos outros, e ia-me.

Um homem apareceu com violão. Achei triste quando cantou, mas agora acho lamentável o espetáculo. Talvez uma alegoria à vida (Tião que morreu sem rastro ou sem ser visto). Tião e o homem saíram

cumprimentando os presentes e pedindo desculpas pelo incômodo de ter que pedir licença para passar. Foram com a cabeça baixa acenando com o pescoço (para não falar cabeça duas vezes).

Fui logo depois, fingindo que bocejava e com um sorriso débil nos lábios enquanto dava tchau, não sabendo se seria mais próprio estar sério.

Não precisei falar que tinha compromisso.

PURGATÓRIO

1.

Caminhei entre uns muros laranjas e os morros eram azuis ou verdes e os prédios com suas metades superiores amarelas enquanto a rua era sombra e cinza. Ventava o vento que vem do mar, com cheiro de sal e peixe. Causa-me dor.

Tudo da rua a mim ao vento à maçaneta da porta era melado e era também uma linha um palco em que despojava algum quarto de hora da minha vida linear ou não não saberei nem saberemos.

A cama permaneceria desumanizada (deitasse eu nela); do teto pinga gotas de água preta; a cortina na janela balançava com o vento de sal, com os carros de mar que passassem na rua. Batiam portas e louças, mas nenhum coração.

Acendi um cigarro e fui jogar o lixo fora. Na escada com cheiro de comida e lixo também o vizinho jogava o lixo fora. É aposentado, e vive sozinho – o lixo e o vizinho e todos. Cantava *My Way*, vestia roupão, tremia e me perguntou se eu vira seu filho. Jamais havia perguntado isso, como jamais tivera filho. Abria a tampa do lixo, abria dois olhos vagos, úmidos, se virava para o corredor, balbuciava um nome, fechava a lixeira e preocupava-se, voltava a olhar em volta, ensaiava um desespero definitivo, mas voltava a repetir os gestos.

Até que de súbito foi para o apartamento, com a mão nas paredes. Bateu a porta e bateu de novo, mas só uma vez, que a segunda batida foi tiro.

O lixo caiu e fez eco. A porta do velho que batera fez eco, mas antes. O tiro fez eco; fez eco também, o tiro. Fez eco meu grito de mudo e tua saudação de alegria.

Fui para a janela do corredor. A fumaça que assoprei para fora voltou para dentro. Entrei e fui para a janela. A fumaça que assoprei voltou com o vento.

Acabou a tarde com as portas de ferro sendo abaixadas e os chãos lavados, a água indo espessa e com sabão pelas calçadas de frango assado e cerveja; caixas brancas de plásticos, manchadas de vermelho ou rosa, secavam fora dos açougues, cachorros não teriam nojo, e muita gente não tem. Eu tenho às vezes, só às vezes.

Choveu e teve cheiro de cimento e de sol e de terra. E amontoaram-se restos de homens nas calçadas, quem viesse do trabalho, o que estivesse de passagem, e temporariamente estavam todos, eu via e olhava. E depois que veio a noite passaram casais ao lado dos depósitos de gordura e restos de carne e água ensaboada.

- Você que viu meu filho! – berrava na rua o velho para uma lixeira na calçada. Bateu com os punhos num poste, levou o nó dos dedos abertos à boca, num grito sufocado. Depois gritaram que-porra-é-essa? E meia dúzia de homens e duas mulheres se aproximaram, uns riam, outros não riam, e um foi até o velho e o trouxe para dentro. Logo se ouviriam os passos pelos corredores, o que estava lá fora e agora ia vindo para dentro.

Meu cigarro acabou com o céu azul escuro e as luzes amarelas ou brancas já acesas, o vento de sal e cheiro de rio permanecendo e Maria em algum lugar; e saí da janela. Do banheiro vinha luz verde cor de pele rosa.

Vinha fumaça também e veio Tião, ou eu fui até ele, quando fui ao banheiro. Ouvia o chuveiro ligado como ouvia meus passos ou as coisas que vêm da rua e o som da garganta e da boca quando engolia.

O banheiro tinha luz vermelha, tudo era sombra, e muito eram manchas verdes escuras, outras cor de pele rosa.

- Você que está falando comigo, escuta, que o que lhe digo só pode ser nada. Vem daqui do chão, debaixo do chão, mais abaixo que a raiz, e é nada.

Então sentei no vaso.

Tião tomou banho, lavava-se sem tanta culpa, demorava-se na genitália, dava algum urro sufocado na garganta. Enxugou-se.

Fumei com a cabeça encostada na parede, de frente para quem me vê; eu com sombras profundas em volta dos olhos e dois pontos brancos oscilando de onde vêm os olhos.

Veio de Tião som de água e pele, e a mão deslizava sobre o pênis, ou acelerava, e a outra ficava nas cadeiras; Tião masturbou-se com grunhidos. Ejaculou com grunhidos, tirando a mão das cadeiras para usar, no orgasmo, como fantasia. Acendeu um fósforo, pôs um cigarro na boca, sentou-se no degrau do box, nu, e o pênis ia se reduzindo umidamente. Tinha certeza, eu estava certo de que Maria o fazia e o desejava, conquanto eu visse.

Tião passou a mão nos cabelos.

- Você sabe onde está minha filha? Estive procurando por ela o dia todo. Não falei que tava do lado dela porque não tava do lado dela. Não estou nem comigo.

Levantou-se e soltou fumaça contra o espelho, embaçou a imagem, chegou o rosto perto, arregalou um olho com a ponta dos dedos. Então se sentou na pia, o pênis em repouso, saindo de dentre as pernas para ficar imóvel na louça fria. Queria que sangrasse.

Era uma figura asquerosa. Poderia ser macérrima, como um fiapo, a genitália como um câncer, calva, infestada por manchas negras pelo corpo e cavidades que abrigavam a sombra. Ou era gordo feito um sapo, um boi, um touro, um macho que procria e agrada. Levou os dedos em pinça até a glândula, como se a limpasse, e riu e bateu na própria coxa.

- Você sabe que... muito antes de escrever qualquer coisa eu já havia me dado conta de que muito vale a pena.

Eu falo pela boca dele por uma questão estética. E eu permaneço com a cabeça na parede, sentado no vaso, olhando para quem me vê.

- Eu sempre soube da minha incapacidade. Sempre soube da dos outros. Dessa vontade de fazer alguma coisa, essa impotência de permanecer pelo sêmen, essa dor atrás de adjetivos e argumentos e artes. Até atrás desse título me escondo, me esconderei sempre, para que eu não pese tanto. Uma parte enorme da minha carne é água. A outra parte é proteína e gordura. Mas é preciso que o coração pulse, e para isso chega até ele uns nervos, umas veias, até que ele vire chumbo. Até que não suporte, e gema, e se comprima, e doa tanto que o próprio corpo arrebente ou se abra.

De novo o silêncio cortado por motor na rua e vento no mundo – eles entrando pelo meu banheiro que não é meu. Músicas de vinheta, tosses, descargas, chaves, e se quiser outra coisa também está bem.

- Eu estou muito evasivo? – Tião deu uma risada, me olhou procurando apoio ou resposta, tornou a ficar sério e olhar para o nada. – Óbvio. Sempre fui óbvio. Mas sabe o que mais me atormenta na história de um homem? Eles querem solução, não acham, e se satisfazem com a solução que não encontraram. Pouco importa falar da vida em fatos, ou em sentimentos, ou em forças; pouco importa falar da vida, porque para falar de qualquer coisa se caminha entre edifícios escuros, se deita numa cama em que de noite virão carrascos não para executar a sentença, mas para o fazer lembrar da sentença; e animais rondam a cama, têm garras que arranham, focinhos úmidos. Só não têm voz. A poesia também não salva. Nada salva porque não se sabe o que é o verbo, o que é ser, ronda-se em busca de respostas sem se sair do âmbito da capacidade. Conta-se que um homem, para fugir da prisão em que estava, fez uma corda. No meio do caminho ele percebeu que de onde estava não podia ter calculado certo o tamanho da corda, e que ainda talvez faltaria muito do fim da corda até o chão. E que não podia fazer mais do que subir de volta ou descer; mas subir de volta implicaria a prisão de novo; descer implicaria a morte, e o desconhecido entre os dois pontos da corda era tão vivo quanto a certeza de que não poderia ter certeza de decisão. As histórias e metáforas ajudam, disfarçam o caráter humano das perguntas e das buscas, mas não as purifica ou as torna mais verdadeiras. São em verdade perigosas, mais perigosas. Ah! Mas também o que faço agora senão o que tanto crítico? Estamos presos. Estamos presos. E ao falá-lo não é certo.

Eu não me espanto – mas eu demonstro espanto. Tião ainda falaria alguma coisa, poderia falar qualquer coisa, só não poderia se comunicar,

se conhecer, conhecer a mim, tampouco eu a ele. Por isso eu me calava, ainda que fosse tanta a angústia do silêncio quanto seria a de falar e não dizer.

Com a cabeça na parede, olhando ainda para frente, os olhos arrasados, a boca seca, a voz sufocada, eu disse, depois de uma hesitação e uma respiração funda:

- É... – parei. E de novo oscilando na voz e nos olhos:

- Mas...

- Eu sei o que você poderá dizer, porque tudo que eu disser que você poderá dizer não poderá ser uma inverdade. “O que você fala é tão óbvio...” Tião ia continuar, mas o interrompi, cortei-lhe a voz, o discurso, e comecei um monólogo rouco, pausado, fraco.

- O que você fala é tão óbvio... – ri. – Mas me identifico. Até com você mesmo. Eu me identifico. Mas posso me identificar com cada coisa que pulse, e tudo pulsa. Odeio tua boa vontade, tua benevolência, como odeio tua fúria ou tua decisão. Essa tua vergonha, que é a minha vergonha. Odeio... – e estaquei no tom que corroia a garganta com desespero. Sufoquei a palavra no peito, voltei a olhar para a frente, imóvel. Tanto fazia falar, não falar, ainda que seja tão necessário falar, tão inescapável não dizer, tão incerto ou injusto afirmar, e o que faço, e o que fazemos, não é mais que afirmar. Haja argumento, não haja argumento, é mais uma afirmação vaga, provável como improvável, humana como efêmera.

Talvez seja reflexo de séculos de promessa do perfeito e do inviolável, do paraíso, do conforto, do Éden, da morte.

Levantei-me e me olhei no espelho. Tião permaneceu sobre a pia, não se moveu para que eu pudesse me olhar. Nosso corpo se esbarrou, havia no choque agressividade. Nos espancariíamos, nos matariíamos, estuprariíamos a nós mesmos – tivéssemos coragem, porque os motivos existiam, mas podiam não existir com a mesma facilidade, desde que houvesse convencimento.

- Você deve estar vendo as minhas costas.

- Eu estou vendo as tuas costas. Elas estão mortas. Está claro que estão mortas, que estão aqui, que não sei porque não são minhas, são velhas, mas que importa? Estão mortas. Se você olhasse o meu rosto veria as tuas costas, porque as tuas costas têm a culpa de ser, o incômodo de ter um nome, a brutalidade de ter forma e serem vistas por olhos deficientes, porque humanos. Agora olha o meu rosto; ao olhar o meu rosto você terá que fazer força, força para não olhar para o lado e ver o teu rosto. Ou não entender como meu rosto está do teu lado.

Tião se levantou, sempre levantamos e tornamos a sentar, virou-se, como viramos constantemente, como viramos, como tornamos a virar (sem saber para onde), viu o próprio rosto, e não fez mais nada que virar e tornar a sentar.

Virei-me e me sentei no chão, sob a pia.

Tião morto, acima de mim, eu não, abaixo dele. Mas o banheiro tinha a luz vermelha e as sombras do verde dos cadáveres. Podia ser também preto-e-branco, e tudo preto-e-branco. Ou de luz de lâmpada fria e azulejo velho encardido, mais nada. Pouco importaria, desde que fosse

instante e por isso é vida e muda como não muda o nome que guarda tudo que é limite.

- Sinceramente, ele nunca foi pai.

- E ela o diz por não o saber de fato, mas que importa? desde que diga.

- Diz por pena e para a rejeição. O meu futuro é igual ao dela, mas o dela não é igual ao meu. Que faço? Farei tanto que você perceba e interceda?

- Por que diz isso?

- Está tarde, jamais gostei dele. Ele é um amigo, te considero muito, quero que nossa amizade dure para sempre.

- Eu no primeiro dia que a conheci a comi. Você a conhece há uns quinze anos.

- Ela gosta de você, acredite, você só tem que fazer ela perceber, ou que mostrar que também gosta dela.

- Mas todos os gestos feitos antes, você pensa que foram úteis e fatos... Não foram. Terá que refazê-los, até que perceba que os refez na cabeça, porque ninguém (tampouco ela) notou, e que enquanto isso homens se aproximam e conseguem.

- Não vale a pena.

- Não valerá chamar o médico?

- Patrão, péssimo.

- Não, foi pai.

- Em nenhum sentido.

- Foi.

2.

Eu devia ter a capacidade de não falar em nada.

(Eu tenho a capacidade de não falar nada.)

3.

- E essa tua postura de perdido empertigado!

- Eu me olho no espelho com as mãos agarradas às bochechas. Não digo que não vejo nada. Não posso dizer que não vejo nada. Mas o que vejo é passado e volta toda hora. O que vejo é dor, e pulsa com o que não fui, não porque não pude, mas porque não aceitaram.

- Você não se olharia no espelho senão para procurar uma acne, se odiar pelo cabelo que tem, se odiar pelas manchas vermelhas da pele, pelo óleo que vai descendo da testa até o nariz, e a barba longe de ser a do...

E suas vestes de eloquência deixavam-no nu.

- Sempre me toma a euforia. Me tomou sempre. Penso em Maria, e vem a euforia, como pode vir o vazio e o frio. Há muito tempo já percebi como palavras e imagens - são frias. Discursos de viver a vida, discursos de etapas vencidas. Mas o que se vencer, se se está vivo e a carne é tão trêmula quanto o coração duvida? Duvidará sempre, porque há sempre vida, e a existência é uma ordem, o amor próprio uma condenação, a fuga um canto sem voz. Se odeie, não se odeie, estará condenado ao amor próprio. Ame, não ame, estará condenado ao amor próprio. A vida, se não

é um palco, ao menos é uma passagem de horas duvidosas, de pessoas vagas, de sombras errantes, cercada de uma platéia muda, mas que tanto dizem: é tão perfeita. Mas nunca se manifesta.

“Toma-me a euforia. Em segundo de nota (anota!), em piano velho, violino, bатуque, barulho de lâmina na pele ou corpo tombando abandonado, não sei, meu canto amolece sem fúria, é perturbado pelo incômodo permanente sem movimento, apenas desejo. Tudo é vontade e saudade, do que quer que seja, porque tudo é, e tanto, que, Maria, devíamos nos diluir no medo.”

Ambos ficamos em silêncio, denotados. Eu com a cabeça na pia; ele com a cabeça firme, sem apoio.

Abri a torneira e veio água fria. Então o som da água era todo o som do banheiro. Anunciava a repetição óbvia do cotidiano. (Quando saísse do banheiro e fosse fazer outra coisa, qualquer outra coisa...) Mais, anunciava que o que se queria que ocorresse, mesmo que fosse dor, não ocorreria: o que há é o silêncio e o espaço entre olhos cegos. Mais nada. Tudo o mais é passatempo e efusividades do ego.

A infiltração de sentir e de admitir que o sentimento não é exclusivo de um, mas maldição de cada um... E de ter que pôr num momento o que me segue há muito, porque não sei falar os fatos de antes.

Tiã pôs uma perna na pia, e apoiou a cabeça nos joelhos. De súbito, levando a mão com raiva e força em direção ao sexo, freqüentado ou não – minha imaginação de Marias e desejosas e machos e secreções e disputas imagéticas e de crueldade sexual, instinto e ciúme sexual... Que se fará? Se é o que há, mas não estou no que é?

- Sente essa porra, sente! – disse Tião levantando-se, o falo nas mãos, ia oscilando com os dedos e exibindo os dentes; aproximava-se de mim, urrando.

A mão direita era para a masturbação, a esquerda tocava os testículos. Tião segurou meu rosto com força, à unha, e esfregou o sexo na minha boca. Então gozou – e urrava. Então do urro se fez uma respiração forte, sonora, e usou a mão esquerda para passar os dedos em pinça pela glândula, enquanto em seguida a direita voltava a uma masturbação cadente. Súbito parando, exibiu a glândula com força, levando o prepúcio ao máximo de recolhimento. Exibia um membro tenso, vermelho, cheio de veia e músculo e quanto de Maria eu pudesse enxergar e doer.

Aproximei-me com hesitação, esperma nos olhos, e minha humilhação era ainda desejo de submissão e suor. Da tensão do membro se fez arcnídeo: Tião me encheu um soco, e a aranha em que se fez o sexo, em descompasso de piano e violino, foi para os meus cabelos, para os meus olhos, já não era o falo que marcava os segundos, mas a queda do corpo de Tião e meus murros contra o chão, sem grito, só movimento de braços e pernas, enquanto a aranha ia tomando a cara, a boca, os olhos, os ouvidos, os cabelos se agarravam em nó e cola.

Tião se levantou. Pôs uma perna sobre a pia; completou a masturbação. O que havia era uma propulsão em carne viva, veias expostas em sangue. Sentou-se na pia, e o pênis em repouso era úmido e pingava e exibia o resquício do gozo, do que seria parceira, biologia, procriação, criação ou Deus.

Ele não parecia sentir dor.

- Eu tive uma esposa, uma vez. Nos conhecemos não sei onde, fomos namorados sem esforço. Casamos, nossos parentes foram à igreja, pessoas se emocionaram, pessoas comemoraram que casássemos, meia dúzia era capaz de imaginar o objeto sexual que pairava entre o espaço de nossos corpos, do casamento, do futuro ou da merda. Copulamos com suor e sem esforço. Um homem amava minha esposa. Ela, de qualquer forma, não sei se não o amava, mas nunca teve nada com ele. Um dia ela ficou grávida. Um dia esse homem a esqueceu, porque nunca mais a viu. Se a visse de novo não sei se sentiria indiferença ou amor ou ódio ou saudade... De qualquer forma as coisas são tão misturadas, ainda que seja impossível que duas pessoas se conheçam e se fundam e esqueçam a si mesmas. Essa é toda minha vida. A palavra que sai dela não me dá certeza de qualquer verdade. Mas posso dizer que é minha e que vai continuar sendo assim. Marasmo e permanência de qualquer coisa indefinida que vai sufocando os gritos.

A linha com vômito e essa falta do que falar: todas as pias do mundo esperam (há tanto) que eu vomite a mim mesmo, como a vida, e toda busca de perfeição e descanso seja vista, enfim, como eternidade e existência.

4.

E com fúria o falo se fez num rato morto, ainda não tão morto – que agonizava. Tanto tremia e grunhia no azulejo frio que se movia. Tanto se movia que chegou a mim, e encostado a meu corpo não mais se moveu.

Súbito parou cada som, exceto o do relógio. Súbito, pouco-a-pouco, cada movimento seria mais lento, até que cessasse, e com isso o som das horas não fosse mais justo ou existente.

Na rua um cachorro lambia o pêlo.

Considero décadas até tomar café para retomar a memória e me contar a mim mesmo o esquecimento. Tenho dor nos pulsos que não se resolveriam com a lâmina. Nada se resolve com faca. Matar é vulgar. Se matar é comum, banaliza-se, tanto quanto a palavra e o desejo e o medo. Não mais perceberemos. Não mais perceberemos.

Tenho um medo permeável. Chega a se pôr como desejo de que se concretize.

Estiveram por muito tempo considerando a morte. Tião e José, como generalizações inconcebíveis e limitadas, como tudo o é perante qualquer afirmação, causam-me repulsa. Agora tentam fazer a morte. Não conseguem, existir já é ordem, passar da existência para a inexistência será teórico, que só se sabe da inexistência sendo, não sendo não se terá consciência de que não se é; e então tudo que há é ser, já que só na existência é, e fora dela não é, não sentindo que não é.

Tão inconcebível... Mais vale esquecer.

Basta estar certo: não será. A linguagem já é falha por si mesma. Todas as discussões dentro das bibliotecas...

Tião me conta que as estrelas são escapismos seus, e que há tantas no céu quanto há tanto céu para cobrir o espetáculo miserável.

Tião me conta que as estrelas do céu são uma lenda: o homem, sendo calor imerso em frio e escuridão, se identifica com aquilo que em

meio ao abismo também se ilumine: lâmpadas, estrelas. Contudo a luz não é real, porque o conforto que consegue só se dá porque seus olhos lhe permitem, e são olhos tão mortos quanto a própria escuridão muda que o cerca ou o toma. Ou que dele emana.

Tião me conta as estrelas e me deita na relva fria e na lama quente, no vento que vem do mar, dos rios e das grelhas de esgotos. Acho que há nessa circunstância um momento, e que afinal posso atear fogo nestas pedras em chama, em chama muda.

Há um tempo em que era a infância a vontade de juventude; e depois era a juventude a vontade de ser possível ter vontade.

É a certeza do verme do infarto, do câncer, da digestão no peito.

Daqui a nada, agora... nada partirá: o que há entre eles é tanto e tão pouco.

5.

Desejo que ao morrer eu caminhe numa praia de pedra, e que sombras cheias de panos negros, brancos e capuzes - me cerquem e me ameacem e que então eu sinta medo e implore efetivamente, com todas as possibilidades de expressão, para que nada me aconteça.

E que ao ver à frente alguma coisa que não seja pedra ou pano ao vento, em estacas ou em seres cobertos, eu me surpreenda e me sente e não sinta necessidade maior do que me surpreender e me sentar, havendo esquecimento suficiente de Maria e indiferença suficiente a mim mesmo.

Explodem diariamente as terras, que cobrem os corpos, e os corpos são muitos. Os corpos que cobrem as partes, as procissões de vozes clementes, infestadas, apodrecem.

As filas, os documentos, os concursos, os estratagemas político-econômicos.

Tião me olha. Eu não olho Tião, e não sei se ele me olha, mas considerarei que Tião me olha: quando vou olhá-lo não vejo mais que o macho; o que estupra Maria me estupra - e dará flores à meia dúzia dos donos do circo. O restante há de aplaudir ou ficar no picadeiro.

Caminho com absoluta razão para encontrar no final a sem razão, a afetação das afirmações e a dúvida já cotidiana. Tião me olha com sorriso ou sem sorriso, não tem dificuldades tantas quanto eu possa ter ao hesitar diante da expressão. Eu olho para a frente de quem me vê – e de costas para a pia e para o espelho. Meu cabelo, se está assim... como estará? Mas estou de costas para o espelho.

Me contempla a luz com suas sombra - a luz imunda que destaca a sombra onde não chega.

Revela assim o cenário desnudo que é narrar o mundo com as tintas, não com a voz.

Não tendo sutilidade alguma, fez do peito um motor e mandou que fosse homem. Mas então o homem precisaria inventar o motor.

Eu digo: abundo (para Tião). Daí Tião que me maltrata diz: tu. E eu digo com vergonha: eu. Mas ele já é morto, Tião morto, Tião sob a terra úmida, Tião abrigoando vermes e baratas. E penso: não há Tião mais vivo.

Eu sou José – dos vermes de olhos pretos em carnes amarelas e das secreções viscosas que não vão a Maria. Das feridas purulentas e dos intestinos feitos de cordas para o piano que marca o tempo. O que poderia dizer é a vagabunda de uma rosa que se recusa a abrir.

Eu tive um amor muito forte de juventude. Amei Maria e odiei Maria, como das impressões primeiras as coisas hão de se encaminhar para a raiva ou pequena oscilação de impressões dentro do cotidiano sórdido e da vontade inexpressiva de libertação, conforto, sossego, perfeição, um abrigo que seja capaz de matar o coração e a cabeça, bem aqui – a cabeça. Mas o que temos são casas que nos protegem de bandido e ruas que nos conduzem ao concreto. Não houvesse isso, que haveria senão o mesmo?

Amei Maria por dois anos até que me declarasse amante, porque já a havia visto amando João, A, B, C, D e também T e F e P e O e R. Mas também pode ser que fosse mera diversão, infantil, mas afinal assim permanecem as gentes, de forma que pouco importava, o fato é que eu não via correspondência e duvidava se havia ou não, e duvidava de mim mesmo.

Tenho uma doença.

Falei: eu te amo; e estou falando isso só para não ficar essa coisa tão presa.

Então depois de um mês eu achava que ela me amava. Mas não: ela entregou-se a um amigo meu.

E depois íamos juntos pelas ruas. Até que a vi numa escada com outro, ainda outro rapaz. E enquanto eu ia para o carro que lhe daria

carona ouvia som de água e o cheiro que vinha do rio e via a luz nos postes. Falei que havia visto, ela negou. Mas afinal, ora diabos, tolices: vi tantos e tantas vezes e de tão diferentes modos ou sentimentos e eu mesmo com tantos diferentes cataclismas na carne e intenções... Não, não posso assim ser fiel aos atos de marionete.

Mas o que predomina, ao menos na superficialidade, é a pré-concepção. Se nas profundezas é outra coisa ou outro o sentimento, que importa, se ninguém vai de fato às profundezas, afinal tão dignas de dúvida quanto a superficialidade? Então devemos sentar e nos revoltar contra nós e o mundo e as coisas e não ocorrer nada como nada ocorreria se ficássemos de pé. Porque é certo: não nos movemos tanto, como nunca paramos, as coisas só se sucedem conforme achamos que se sucedem e que fazemos, vez ou outra havendo por parte uma imposição, se ameaçam o que construímos com cuidado e rapidez, ocorrer conforme não o combinado, mas o que parece o mais interessante.

Então por nove vezes as narrativas se repetiram com variações. Não sei o que nos ocorreu, porque nos acostumamos ao ocorrido. Agora, morto, não digo que a amei ou que foi a mulher de minha vida: digo que eu queria ter gozado naquela buceta, uma vez, como tantos teriam feito, e por que eles teriam feito, e não eu? Se a culpa era dela, ou minha, como se saberá?

Qualquer jorro de sangue que me subisse para vomitar e esquecer.

Eu que fui homem e que me deixei humilhar e também humilhei.

Maria me deu um dia uma Rosa, uma puta, para que eu a esquecesse. Não sei por que fez isso. E disse muitas vezes: nossa amizade.

Então eu era capaz de pensar: é seu medo, ou sua forma de parecer distante, sua forma de esperar. Como também pensava: vagabunda.

Como também percebia que o amor e o sexo não são senão a criação de si mesmo, não do outro: do outro só se exige que te reconheça existente.

Eu saí do quarto cheio de sangue. Lá no corredor Maria copulava com três homens e ria e exibia a vagina aberta na ponta dos dedos, e as coxas que recebiam tapas dos homens que grunhiam – não as usava para mim mostrava para mim. Pulei em direção a ela, que se tapou e os homens me prenderam e me despiram e Maria olhava-me nu.

Mas me garantem que não estou vendo nada, e que terei muito sucesso e vencerei todas as minhas batalhas. Os fudidos é que estão lá perdendo. Vejam como sou foda e quero tudo que tenho e tenho nada do que quero.

A sombra e o sonho e os mortos e os bonecos de cera abertos em macas imundas de sangue e apenas a genitália do homem e o verme do homem.

Então saboreio com gosto este caixão que apodrece e de que ninguém esquece, porque ali vai morto o homem que é qualquer homem - que é outro.

Ah, como vos odeio.

6.

Tião assume as coisas e se veste. O trem vai partir, diz com ar de viajante suado. Apito de trem é o que vem das fendas e resume a vida.

O tiro dos suicídios, o grito dos que ficam diante dos que morrem em macas com as carnes abertas ou um câncer de pânico na garganta muda, e essa dor de homem à janela ou nas ruas: que importa se de qualquer forma há a despedida e a permanência? Se Tião que vai embora é o José que fica e não se enterra... José que duvida do nome.

Tião que duvida de si mesmo – e tem razão.

7.

Agora me tacam uma luz na cara e eu com raiva respondo não. É o carro que faz a curva, o cachorro que corre para não ser atropelado, pedido na garganta que não sai. Raiva de que bata à porta a morte e não traga outra sorte senão a de ter batido na porta e feito visita para ir embora.

8.

Então por causa da tua vergonha você não fala nada. Porque você tem medo e teu medo é tudo, e teu medo te paralisa e te aleija. Você cria, como todo mundo cria, a tua película de auto-proteção, esperando uma metamorfose.

Mas esquece que vivemos pela matéria e pela tinta, e que a metamorfose é um engano roto.

Mas afinal justifica tua imobilidade e te defende das coisas que passam – assim falando.

Como agora te defende de algum argumento, enquanto tudo é tanta falha ou tanta verdade.

Com essa urina no corpo é que você deve continuar seguindo pela atuação e pela memória sem reflexo.

Você não se olha mais.

Ahn? Eu te pergunto – aqui.

Ahn, hein – é a conversa dos deuses.

Porra! – é a conversa dos deuses.

Ah! Caralho, você – é a conversa dos deuses.

E os deuses não se espancam e os homens não se espancam.

Nenhum ato de violência ou liberdade emocional. Nenhuma coragem.

E é assim – você caminha. Depois de tremer sob uma árvore densa você entra num gramado muito verde, verde-escuro, feito esmeralda, e o céu é todo cinza e branco.

Tião me falando eu sei, eu não preciso falar. Mas para nenhum homem botar defeito... – não dá. Era para nem estar aqui esses travessões, mas ninguém entenderia nada. Como nem eu entendo. Mas não se entende nem a vida, quem dirá um fiapo de frase.

E os que entendessem seria para o ego.

E eu também, que escrevendo estou, perceba...

9.

Não é que eu não goste da vida. Eu até a amo. Eu não gosto é de mim mesmo. Da minha companhia. E para estar na vida preciso estar comigo, que não sei o que é. É horrível. Eu já não tenho mais tanta esperança. Mas tenho ainda um pouco, que vai me cosendo um longo casaco cheio de buracos por onde passará o frio no dia em que for usá-lo. A forma como eu me arrependo de tudo. A forma como eu não sei tomar partido sobre a maioria das questões. A forma como me vêm pensamentos e lógicas tão falhos quanto aqueles que odeio. A forma como odeio a vida.

E a forma como monto com o que passa por mim quatro paredes. E como cada pulsação do mundo as destrói como se de papel. Mas é uma muralha. Mas a reconstruo. E para que? Todos reconstroem as suas, mas só a minha se enfeita de caveiras na entrada achando que assim ficará atraente.

Cresceu em minha carne uma faca que é um câncer, já cravada no peito: a podridão da carne já vai para o ferro.

Mas também se o corpo é podre... É que agora penso isso. Não quer dizer que seja mesmo, porque depois posso dizer não é, e não será.

Há muita gente nesse mundo, e só preciso de uma, para depois o cotidiano se fazer presente e também minha decepção e eu poder continuar com meu egoísmo de linhas e exposição de cadáveres à venda, cuidadosamente vestidos conforme a curiosidade do público.

Alguns vestidos para parecerem muito diferentes.

Mas sob a roupa está o mesmo buraco aberto para que os médicos retirem o fígado quando os médicos tiverem que tirar o fígado. O cheiro dos açougues, o cheiro de perfume, comida, sexo, teu filho, teu desejo.

Não sei se são todos que têm um demônio do lado. Ma todos têm algumas exigências sociais. Eu mesmo tenho. Todos nós que falamos delas temo-las; e falamos dela para pensarmos que nos libertamos.

Mas não nos libertamos.

Para no fim sentir o nada, Maria, senti o mundo.

10.

Eu sempre tive muita dificuldade com as coisas. Não sei explicar que coisas.

Não comi nada de noite. Não preciso comprar nada de noite. Nem comida nem putas nem livros nem telefones nem televisões.

Acho que morrerei de não ter nascido.

Porque só de pão vive o homem, e todo o resto é para se meter em volta do corpo e ir para as ruas, cheio de egos e bengalas e aplausos e máscaras para que não falhe o espetáculo.

VENDEDOR:

EU: Dois franceses por favor.

VENDEDOR:

EU: Obrigado.

(Fui à padaria com medo de que me perguntassem se queria bisnaga ou francês. Então superei o ridículo e, precavido, falei dois franceses, certo de que sair do balcão com dois pães e três pessoas olhando para mim era ato vergonhoso. Mas ninguém olhou para mim, só quando me esqueci do perigo e do risco. Do risco de unhas nas paredes, mas não

dentro da casa, fora dela, como se quisesse entrar donde vem voz humana e fazem os secretos acordos do conforto e da coragem da convivência, dos relacionamentos sexuais com tintas de amorosos, das permanências ainda que haja tédio, das coisas quebradas sem que se percebam os cacos.

Falei dois franceses imaginando sair do balcão com dois homens. Me excitei. Pensei em Maria, em como pelos corredores e pelas vizinhanças pessoas copulavam sem se conhecer ou saber o amor da outra, e como é tolices, afinal, pensar ou sentir ou dividir as atitudes. Dois franceses eu como. Me usarão em vestibulares, o trecho acima, qualquer trecho acima. Mas compreendo.)

Nunca comi como nunca fui comido. Nunca comi como comida nunca como. Toda narrativa se resume aos enfeites. Toda narrativa, sexual de minha parte, é uma deformação: me devora a demência e me deixa nu entre as folhagens do mundo e da noite, momentaneamente depravada (a narrativa), para depois retornar aos moralismos, porque a depravação era um conservadorismo enorme.

Antes, com meus doze anos para frente até os dezessete, pensava eu que era um livre, um sem moral. E odiava os moralismos. Hoje vejo como sou reacionário e como a maior perturbação do meu mundo construído desde a infância, ainda que meu consciente desse mostras do contrário, se baseou em esperar que me acontecesse o que acontecia aos à minha volta.

Mas impressões me vêm para a cabeça com a força de um bicho, e o que digo é insuficiente ou vago.

Assim perdô-o da preguiça ou da incapacidade.

O pior é que meu mundo de cabanas de pluma é um mundo possível. Eu acho essa vida uma merda, e não consigo deixar de estar nela. Não fujo nem com a fantasia. Me prende alguma coisa à terra, à obrigação que desconheço, ao objetivo que não reconheço. E não faço grandes delírios além de repetir lamentos e não os pôr na devida arte de dar um tiro num crânio seco.

Na verdade talvez seja possível que eu apenas aguarde o que tanto me construiu pelos tempos: a promessa da eternidade, do sossego, do coração inviolável. As gentes se estupram e se violam, perdem-se, não se convencem da derrota. Se meter entre as gentes, para você, é tão vulgar. Tua família de prata, teus amigos de estanho... não exigem que você esteja no mundo, apenas que os escute bem.

O que se faz num domingo é o que fiz sempre nos domingos ou dias semelhantes: ler uma página, me irritar com tantas carnes vagando sobre a terra não percebendo a inutilidade do que dizem, o quão duvidoso são suas certezas sobre si mesmas, inclusive a de não ter nenhuma, o quanto de burguês tem na vitória burguesa. Apertar atualizar, ficar entre vozes mudas que não prometem mais do que a droga, não a de meter pelas veias, mas a de meter pela cabeça e para os atos, esquecendo do leite, indo para um ácido improdutivo que corrói os nervos, mas que é tão necessário... Como tudo, se tudo vale conforme vale a alma.

E ninguém saberia fazer valer a alma.

Mas afinal estou preso às lógicas, não me liberto destes malditos raciocínios falsamente livres ou verdadeiros, que vão dar à lógica e à corrente humana vulgar como minha vida tem dado na falta de Maria, e

não é um caso único, em separado, este meu, mas o de todos, só que ninguém se pensaria fracassado ou inútil ou humilhado ou “eu que me pus num trono e me fiz incapaz de ver os abismos e sub-solos que vão se estendendo pelas vidas cotidianas, tanto quanto se estendem em mim, e não sou nenhum sofredor isolado, mas apenas um que diz, por mais que não se comunique, e afinal quer aparecer tanto quanto já exhibe o ego pelas ruas”.

Trocando de canais na televisão de sorrisos, criando frases na cabeça e entrevistas na cabeça para que o mundo não faça

Crack.

Porque o mundo partiu. Saiu dele coisa espessa. Ficou sem mundo, porque o mundo partiu, todos que estavam nele?

Não sejamos tolos: fomos com ele.

José, meu mundo fez crack como dissolve dissolve dissolve – eu nem queria o que era anulação.

11.

Na rua, de manhã cedo, caminham velhos e caminham velhas e caminham pessoas, que odeiam velhos ou não - todos vão andando. Uns de camisa de político, mas que importa? E *short* e chinelos de dedos. Compram pão, na manhã leitosa, e voltam para casa ou vão para outro lugar, uma quitanda, um banco, não se saberá. Os velhos viram a curva, e somem. Então passam garotinhos de 15 anos e garotinhas de 15 anos, ou gente de 20, e todos têm o mesmo sexo que tem a manhã branca e grossa.

Uns têm pernas com pêlos, outros só pernas, mas todos andam, com ou sem pernas – andarão sempre. E imagino como os pés são repulsivos, em seguida como se misturaram ou se misturarão um dia em outros pés, em cama emersa de calor e brisa que vem da rua e já povoou outros quartos. E como suarão e vão pelas praias e causarão nojo naquele que os ama.

Li certa vez que o cheiro de uma casa envolve diversos fatores, entre eles o sistema nervoso daqueles que a habitam. Pensei muito, cheio de comoção e futuro pelo sangue, no cheiro de minha casa com Maria, o cheiro do quarto ao amanhecer, o cheiro do quarto após atos sexuais, dos nossos cabelos, roupas, cama, filho e parto.

Então ela está casada com outro cara.

Não sei que cheiro tem a casa deles, se eles reparam nisso.

Todavia...

Enoja-me às vezes pensar nos outros, mas é tudo em que penso. E causa-me a Beleza.

Também depende dos instantes (que desconheço o padrão).

Agora meu quarto tem cheiro do que não quero mas que me excita, se penso em mim como um outro corpo.

E não tenho vontade de comprar pão, esse burguês ato matutino.

Queria viver num mundo que ignorasse por onde eu passasse, mas que eu não me importasse com isso. Que fosse isso. Ou que não fosse isso. Mas que alguma certeza do que é ou do que não é existisse verdadeiramente – e fosse única e absoluta.

O que eu queria era ser um touro, com raiva e com tesão e com fúria e com a força do couro pisando a carne. E que me comprassem e me

pussem no meio de um pasto, não para copular com vacas, mas para escolher uma vaca.

Porque sou um chauvinista.

(O encontro com Tião escrito anteriormente não deve ser por mim comentado, como perigo de talvez o estar agora fazendo.)

Mas preciso também de um fato a ser narrado.

Meu café devia ser feito pela senhoria que não existe, já que moro numa pensão decadente. Moro num prédio, mas quero criar ares.

Então eu usaria uma boina, barba por fazer, e teria ares de orgasmos e Maria procurando-me.

Não há.

Não sei que cara tenho. Olho no espelho procurando cadáveres. Encontro um vivo, tão vivo que chega a ser obsceno. O que vejo é pele cheia de sangue embaixo, olhos vivos, organismos que se movem.

Fui jogar lixo sem ter lixo para jogar fora.

Tenho vontade de sair nu do quarto pelo corredor, me masturbar nas escadas, ser visto nu, entrar num quarto aberto e copular e ir embora pelo corredor, nu ainda, cheio de secreções pelo corpo e não ter mais que um viva pela boca e pelo sangue. Ou encontrar a vizinha com seu namorado no corredor, esses que tanto povoam minha imaginação, minha raiva, minha indiferença, e copular com os dois no corredor. Então passar o dia nu, e o orgasmo sendo o dia todo e minha capacidade de vegetar no apartamento, cheio de sexo, sem dores. Não olhar para meu corpo horrorizado, cheio de abismos, vendo que sangue novo ainda brota no

meio. O meio que eu reconheço que está apodrecido mas não morre devidamente.

Bateu uma porta e não houve tiro. Era o vizinho que ia à lixeira jogar o lixo fora e não procurava pelo filho, nunca teve filho. É na volta que bate a porta e que se ouve o tiro.

Bateu a porta e houve silêncio - como sempre houve silêncio.

12

Eu não tenho o que fazer. Definitivamente eu não tenho o que fazer. Podia simplesmente falar: vi Joaquim na rua. Mas não seria verdade; não porque não tenha visto Joaquim na rua, que vi, mas porque não seria verdade realmente.

Falando sobre minha relação colegial com Joaquim já gastaria aí umas páginas, mas não diria a verdade de Joaquim. Planejamos e vimos cenas e frases e linhas – que saíam da cabeça ou do coração. Mas o final contudo era uma imperfeição, e retornávamos, esquecíamos ou parávamos.

Não há necessariamente padrões definidos, mas a atitude frente às coisas varia como varia o sentimento ante as coisas.

Joaquim sumiu. Não o vejo mais desde o término da escola. Ainda nos falávamos um pouco, mas pouco: logo sumimos. Passamos como as coisas passam, não ficam, nem que sejam laçadas: passarão. Mesmo que fiquem, passam, nada volta, porque nada tem origem ou retorno, apenas avança - desde que haja um fim, e assim parece que há sempre.

13.

Eu posso achar Joaquim como posso achar José, só não sei identificá-los, só não sei quem são.

Não sei se estamos casados, mortos, perdidos sempre estivemos, mas e conscientes? Disso nunca se está, porque isso sempre se pensa estar.

Não, não penso em Joaquim como penso em Maria. Ambos habitam cavernas da saudade, mas diferenciam-se pela expectativa do que poderia ter sido. Ainda que o que se esperava é o que não é agora.

Mas que importa? Se tudo afinal tanto importa mas pouco se define, se exhibe, se mantém ou consola.

Joaquim formou-se há cinco anos, namora uma estudante de medicina: é o que diz a tela azul cintilante, cheia de desejos.

O que Joaquim não sabe é que José está cheio de olhos. Apenas vejo, cheio de sódio, o homem. Nesse vejo também a mim.

Ao olhar para a rua, para as reuniões, para as conversas, pouco, ou nada, vejo de mim.

Mas ao olhar a vida deles vejo a mim.

Ainda que não saiba identificar a mim em alguma coisa.

Eu vou inventar alguma coisa.

Vou, nu, jogar lixo fora.

(Literatura de fadas.)

PURGATÓRIO

1.

Saí do mundo com ar de importante. De século em século, de noite em noite – procuramos por misericórdia.

Ar de gente sem medo. E sem tanta pena ou pressa dancei pelo asfalto para me espatifar na luz decadente do fim da rua e do início da curva. Isso todo dia, de segunda a sábado. Domingo é quanto vêm do *front* e novamente despejam sangue pelo asfalto.

Manhãs cantam com força e janelas se entregam para o céu que arde, enquanto homens gozam em vaginas que retiram delicadamente de seu interior ejaculado o membro pulsante. E aquela que o retira sorri, aquele que o tem retirado também sorri. Tudo é belo e perfeito. Ninguém sofre.

Eu disse uma vez uma coisa à minha avó: ahm.

Parecia-se comigo, minha avó. Direi ainda: psicologicamente; na maneira de amar com convulsão e se desesperar com o mundo. Éramos idênticos, senão os mesmos. A partir dos 15 anos pouco dirigia-lhe a palavra. O asco que me tomava era o mesmo que tomava qualquer outra pessoa em relação aos velhos: são existências antigas, não se pode aceitar que afinal a presença já não incomode.

O mesmo que Maria fazia comigo – eu fazia com minha avó.

Posso falar dela sem significados psicológicos.

2.

Nesse domingo pensei em ligar para Maria e sairmos. Maria estava casada e grávida.

Pensei em muitas coisas. Imaginei outras tantas, senti outras tantas.

A necessidade de exagero e intensificação para tornar válido e notável ou único o que vem de mim mesmo – vem de minha avó.

Pensei em caminhar, em ir para algum lugar da juventude, ir ao teatro sozinho, mas presenças burguesas por esses locais me desanimaram, bem como eles em si. Tanto silêncio não me satisfaz. E as pessoas e os seus dentes e os compromissos e os cumprimentos e esquemas e esqueletos e a obrigação de raciocínio e comportamento e estudo – desisti.

O hábito que me cai é o hábito que me pesa e o hábito que me cai é a decepção diante da continuidade do não encontrar nada. Mas é o hábito, o mesmo hábito que me veste e que me protege.

Outrora fora o medo e do medo veio a água. Depois choveu fogo por sete dias, e todos os dias ocorriam torturas e os sete dias não passaram como sete dias se passariam. José disse para si: não disse nada, de tantas coisas que talvez houvesse. De qualquer forma agora estava, durante o fogo ou não, nesta terra, a mesma que frutifica e morre e serve de adubo para si mesma.

Escrevo numa mesa redonda, branca, de plástico, que fica no canto da parede. E como na parede tem uma coisa que vai para dentro dela, formando um dente que a corta de ponta a ponta, horizontalmente, a tampa da mesa arrasta nesse dente, e forma na borda uma mancha e arranhões, de tanto roçar a mesa, girar a mesa;,. Então o que se acumulará nesses arranhões? Excito-me sabendo que de tanto me masturbar e encostar a

mão de gozo e pênis nessa mesa possa haver nesses sulcos os vermes da minha genitália. Então penso em convidar Maria para um café e servi-lo nessa mesa limpa, mas que guarda fantasia.

Não tomo mais banho se não vou sair de casa e não terei contato com nenhum ser humano. E isso me excita – encontrar, organicamente imundo, com alguém no corredor e treparmos imundos. Mas se vou sair para o corredor me banho, e topo com pessoas de cabelo molhado, colado à testa oleosa, indo de vestido de chita para o mercadinho. Comprarão frutas, pão, sucos de caixa. Voltarão para lancher com a janela aberta, a brisa, a tarde saindo e os programas de televisão.

Por onde estará Maria? Arrastada pelos pisos de açougues, hospitais, presa em pregos fincados em paredes de casas de campo, fixa no céu azul manchado de negro quando é noite e tanta história é possível na vida?

Por onde rastejará Maria?

Decerto conserva a mesma ocupação: estar sentada num trono, e dele não descer. É vulgar. Desce se há machos, mas logo retorna. E o fato de descer é uma ilusão forjada pelos monarquistas. Tão bem forjada que eles mesmos nunca perceberam o trono.

Como odeio Maria.

3.

A viúva de Tião deve tomar banho e pôr perfume e ir para um jantar. Como a filha deve trabalhar no ar condicionado. E a viúva dormir

enquanto eu acordo para respirar vapor de madeira e suor e óleo. Tião no final do mês recebe carne. Eu no final de semana posso comer carne, mas apesar de defender a agressividade e o caráter cruel do homem, acho absurdo.

Principalmente comer, que nos mantém vivos – é absurdo.

E Tião recebia carne.

4.

Esta história já não me pertence. Isso porque não há história que seja minha.

Todos os fatos da terra são fatos da terra, não são fatos meus, não são sentimentos meus, são impressões minhas, é certo, mas afinal, que importará tanto?

Que importará tanto senão a própria dor e a falta de Maria?

Sobre a mesma repousa a faca usada. Eu acertaria com gratidão o barbante que prende o pacote de presunto e gordura e sangue. Cortaria o esparadrapo que seria usado na ferida aberta, na cicatriz que retornou ao estado de carne viva.

A faca usada se manchou nos cabelos da vizinha: a pobre criança com cheiro de leite, deformada pela paralisia dos membros e os músculos se retesando como num grito tétrico de dor ou resistência. Cortaram os cabelos porque não podiam ser limpos. Cortaram o couro cabeludo, mas sem querer. Amam a filha incondicionalmente.

Queria que fosse Maria, essa criança, ou que fosse o resultado da nossa procriação: José com Maria.

Eu gosto da menina como gosto da faca fria em cima da pia de mármore branco, amarelado - é verdade. Gosto dessa coisa que corta sem saber o que corta - mas corta.

Mais um pano para a cabeça da menina. Não tenho mais panos, darei camisas velhas, que antes suei nelas, cuecas em que ejaculei. Desde que o corte não sangre; afinal, é o que se espera.

Mais um pouco e corto meus pulsos. Porque andando no parapeito com uma faca cravada no peito é todo mundo mais ou menos valoroso.

No fim da esquina, em que a rua se faz curva, quando é dobrada e as pessoas somem, passo pela casa de um velho que trabalhou, casou, teve um filho e uma filha, agora está aposentado. Cuida de passarinhos com a mesma graça com que fodia a mulher. E tanto passarinho quanto mulher procuravam pelo que ele dava, não importando tanto onde conseguia o alimento.

Lojas de departamento que vendem caixas de televisão e câmeras fotográficas são destino de sábado e sexta-feira do casal idoso. Sofreram muito. Passaram por muita dificuldade. Mas são felizes, repare quanta felicidade emana dessa história de degredados pelo casal e memórias ou acomodações em deserto de absoluta repetição em tantos e tantos casos, trocados ou não.

Pizza, coca-cola, a luz acesa nas vilas e nas casas, alguma coisa ainda busco na noite que traga a lembrança vaga e perdida da depuração.

5.

Há em cada imagem o reflexo parcial do erro, a espera pela revelação e o pedido de misericórdia e amor e inviolabilidade do ser e da união de dois seres, pouco importando o sentimento do segundo, conquanto não resista à união.

Assim penso, assim pensarei enquanto houver noite que cubra o rio que corre e exala o cheiro de Maria.

A minha decisão de há tanto partir está findada, findou-se como se findou os planos de maternidades hormonais e secretórias, ainda que fincadas na raiva da procriação, no egocentrismo, na infelicidade matrimonial – com Maria, não espero senão tédio e ódio e incomunicabilidade. Nada da imagem perdida dos casais anunciando a nova pasta de dente ou o plano de saúde ou esses que vejo pelas ruas ou pelas famílias.

Quiseram vestir-me de arlequim. Permitti, porque houve sexualidade e hormônio e ambição minha no pedido. Assim me vestiram – para que duvidasse do desejo de que sempre duvidei.

Inútil o que foi feito.

6.

Há duas imagens de Maria, a minha e a que vejo.

É como um conflito.

7.

É como uma busca por explicação e consolo. Ninguém faz isso, consegue ou esquece.

Na verdade também o isolamento é uma tentativa, outra, mais uma, de egocentrismo e elevação. Tolice. Sou como todos.

Todos humilham-se e o sabem.

8.

E aposentados me saúdam ao passar pelas mesas de bar na calçada e colegas de trabalho falam do que pretendem, do que pretendem. Oh! Que ironia!

Tenho tido principalmente filhos.

Que matarão o pai.

De nomes, de terras, de horríveis olhos arrancados.

Passeio no abismo, a começar do topo dele. Roda a minha cabeça. Cada um pode ser um isso. Quando olham para dentro está seco, como quando olham pelos óculos de papai.

Isso se quiser ver que está seco. Pode não estar também.

Papai que comeu a filhinha, a levou para fazer curativo e na mesa de Natal a família faz piada sobre se é filha do vizinho, do açougueiro.

Então vejo Maria com um açougueiro e gostando do cheiro da carne morta *nas vitrines*.

9.

Eu estava fazendo ser feito – e pelo jeito, e pelo jeito telefone para Maria: lamento, há quanto tempo não nos vemos.

Então vou para a sua casa logo, para que ainda lá almoce e à tarde haja televisão ligada, louça sendo lavada, sol lá fora se pondo, o vento nas folhagens.

Pus calça *jeans* e blusa rosa desbotada – para parecer sexual. Lá estaria o marido, e queria parecer mais sexual que ele, em suas roupas comuns e seus cabelos conservadores. Então seria a luz se esfumando na pele, teu nome, meu nome, e a falta de elegância minha – quando eu estivesse dentro da casa.

Não gosto de pegar ônibus, mas peguei ônibus, porque também não gosto de andar. Antes andei pelas ruas cheias de frango, e ainda antes sequei o cabelo depois de ter tomado banho. Masturbei-me antes achando que haveria hormônios ativos pela pele para que Maria os sentisse. Então tomei banho e lavei os cabelos com muita força. Arranquei com o sabonete o gosto de sal da pele, que vem do mar ou do rio, e lamentei com ódio quando fui enxugar a cabeça e senti a parte que vai ficando rala. Nos pés há unhas e pêlos, e há pêlos nas pernas. Ia pelo ralo gordura, poeira, espuma, uma água grossa esbranquiçada, tanto que se depositou em mim pelo tempo, e agora ia ou ficava, não sei por que não saberia distinguir o novo do velho que se ia fixando. Urinei, e não era a mesma urina de antes, ainda que o nome fosse o mesmo.

Então fico debaixo do chuveiro, mas a água não redime: relembra pensamentos, quando o prazer se faz costume.

E a água não cai como espetos. Pena.

Saberei com melhor talento trocar as águas por faca.

Enxuguei-me. Vesti a cueca, calça, blusa; passei desodorante, perfume, creme, creme no cabelo, usei cotonete, não uso pente, escovei os dentes.

Então sequei o cabelo.

Então lavei o rosto, de novo, para tirar o óleo da cara – que voltaria adiante.

E sem ter a neurose de que haveria pêlos saindo-me do nariz (pois que os cortei) fui por corredores em chamas e portas que gritam, ventos que cortam, espaços em branco com um único personagem que o habita e consome. Sinto o vazio, e senti-lo não é então não sentir nada, mas sentir tudo.

Esmagam-me frangos na rua, churrascos sujos de brasa, ruas enormes cheias de bancas de jornal e grades em portas baixadas e bares abertos com cheiro de cerveja e homens na porta.

Ponto do ônibus e água no cimento, suja; e cheiro de esgoto e lama nas calçadas. É essa cidade que está imunda. Quatrocentos bilhões de litros de esgoto por dia, mais o que vem dos campos, vindo do mundo todo que se acumula no fundo da terra e não come o homem, come a rosa, não come o câncer, come a rosa. Trinta minutos tenso vigiando a rua para que o ônibus não passasse sem que eu fizesse o sinal. Entrei no ônibus receoso de passar duas vezes na roleta (sem querer) e me obrigarem a

pagar duas, três, quatro, cinco passagens. O som de pizza que faz o ônibus ao arrancar dá fome ou dá imagens da graxa do motor e do mundo, fazendo rodar a maldita engrenagem. O ônibus arranca e as cabeças vão para trás, cabeças com osso e cabelo, que serão mortas e comidas e terão cheiro de mofo recostadas num pano velho. Os cabelos molhados vão apodrecer, assim como sob eles, da testa que cobrem, brotarão vermes.

Muitos são os avisos no ônibus para o leitor analfabeto. Se sentar no capu, diz um, apanhará. Um que sentou não sabia ler – mas apanhou, pois que estava escrito o que lhe ocorreria.

Não sei onde parar nem porque ligou Maria.

Era a Maria Chicória de Chicó, trepadeira de Antônio, Rosa, João, José, Rosa cancerígena de pó de José, de pó de sonho ou obsessão ou necessidade, fraca prostituição da cabeça e da alma fraca e covarde - covardia de José.

Foi então a rua deitada, caindo de seus esquecimentos e fazendo morros para a putrefação da memória: as ruas pelas que passei.

Maria é perigosa, e o seu perigo ameaça. Tem disfarce de serpente e de toupeira, de cão, para atacar com o corpo, mas mais com a cabeça. A experiência de não ter piedade comprova: mas ter medo sem a piedade abre para a crueldade o campo de desejo da vergonha ou da tentação.

Assim fui com tanto gosto e soltei do ônibus (mamãe falava soltar e eu também falo e é tudo).

Cinquenta metros de Maria e o reflexo dos meus passos ocupam poças pelas ruas; vi meu reflexo nos carros, uns brancos tingidos como de cal, e a segunda imagem, quando terminaram os carros, foi mais sincera.

Toquei o interfone com o medo que tenho de ter que falar em telefone.

Falou: “oi”. Falei: “É José”, e pensei que minha voz saíra estúpida. Eu, este estúpido.

“Abriu?”. Forcei a porta. Não abriu. Falei “Ahn”, e baixo: “Não”.

“Tem que forçar”, ela disse. Mas então eu teria que pela segunda vez falar não abriu. Falei, com uma voz fina: “Não abriu não”. Mas já não tinha ninguém.

Toquei o interfone de novo e falei “É José”, porque não sabia com que naturalidade poderia falar.

Então entrei rindo com dor na boca.

10.

Maria tinha as peles rotas e os olhos fundos. Que flores de outrora exibidas com o éter etéreo agora!

Os dentes: amarelos. E olheiras azuis – horríveis.

A linha do rosto se perdia em deformidades feitas não pelo tempo, mas por uma doença que consome matéria corporal.

Mentira: estava normal e parecia grávida, excitada, fertilizada, oleosa, gozada. Parecia que a vagina estaria aberta, dilatada, úmida, pronta para retirar o feto como retirara antes pênis.

Não agüento mais. Eu caminhei pelo fogo. Eu ainda caminho pelo fogo.

E com fogo e água queria apenas fazer uma cabana à beira do rio, até que me drenassem e eu sumisse, envolto pela anulação.

Eram então os olhos de Tião, esse velho safado.

Ó, dá um tapinha aqui-dá!

Não vejo a morte da reticência na abertura da máscara, mas o início do ponto final que não chegará. A linha caústica que rompe os olhos e não exhibe mais que carnes – que faria eu com Maria?

Depois de tanto, nem a vitória se sobrepõe à derrota. E por isso é tão possível o sonho.

Mas para que servirá?

E daí?

Você diz: consegui. Eu digo: não. Ou digo ainda: e daí?

Mas você terá quilos de frases santificadas, e não fará tanta questão de duvidar de si mesma.

Não tivesse conseguido: estaria como agora, e teria ainda ao menos raiva.

Mas o que é afinal a raiva da consciência perdida em tanta certeza de consciência?

As pessoas consideram três palavras: tem que e é. As duas primeiras, vistas lado a lado, não permitem tanta alegoria, mas permitem muito desejo, muito desejo reprimido.

Ou ainda: deve e é. À primeira vista se excluem. Mas na verdade tecem um limite dicionarizado de comunicação, embasado pelos sentimentos humanos que não se excluem, mas se chocam, se esbarram; não se fundem, se afastam e retornam à proximidade. Ao menos a

civilização, esta instituição de lógicas e linguagens e concessões de humanidade, é admitidamente forjada pela covardia.

Sim, que não há fato maior que o admita do que os governos e as teorias.

Em dado momento da história humana o que houve foi a história, e, então, a fantasia em prol da dominação. O mais que daí saísse seriam os vencedores, dois, um de cada lado da luta. A questão de escolha e uma palavra é por vezes um método da força, da intuição imagética e do racionalismo. Após o efeito, vem a persuasão atingida, seja por aceitação ou recusa. Após o efeito, vislumbra-se com certo desespero a origem da escolha, sempre firmada na pré-concepção que não danifique ou ameace as muralhas firmadas, finalmente construídas pela necessidade pessoal e pela exigência coletiva.

Assim são mortos amores, poetas, Marias.

Jamais formada a pré-concepção, o que há é disforme e oscilante.

11.

Era então nos olhos de Maria que eu encontrava o meu desejo, e o meu desejo era a vontade ínfima de morrer nos olhos de Maria. E o meu desejo de ver nos olhos de Maria o que eu queria ver: a palavra, a imagem certa e prometida a mim por mim mesmo ou pelos outros que não saberia quem são, o céu, a pele, a árvore, a casa, a água, o fogo, a umidade, o suor, o trauma, a frescura, nossa vergonha, e que fosse certo como um rio.

Nossa vergonha é enorme. E nossa vergonha fora enorme.

Maria tinha no cabelo os anos e a semelhança com meus cabelos, que sempre fomos parecidos, mais ainda na forma de se comportar diante do mundo e das coisas, os escapismos, o medo de sermos violados, enquanto queríamos ou precisávamos que ao menos alguém nos violasse. Só não éramos recíprocos, e nunca compreendi o que levou ao espaço, é certo que espaço há entre dois corpos abraçados, mas me refiro ainda ao espaço da rejeição ou do medo - que também há num abraço.

Maria que corria na praia. Maria que dançava de negro sobre corpos mortos e acendia velas. Maria que plantava uma árvore já grande e velha e a derrubava para que um homem se prendesse às raízes. Maria de farrapo e fiapo de entrega. Maria que vai morrer e chorarão. Maria que será desmentida, o que digo – será aceito ou desmentido ou nada.

Eu me sentia como se me melasse com sangue e com a masturbação de Maria, com a placenta em que estava Maria e que Maria sustentava, essas duas, me servindo de água.

Quanto tempo é o estar no mundo apenas.

Quanto tempo – é o que está dizendo Maria com cara de puxa e de vida. Só não tem uma cara honesta, que isso, se há, está nos olhos e não identifico.

Eu dou uma gargalhada, que gargalho de tudo, porque já me meteram muito pela carne; agora é preciso fazer subir pela garganta, é preciso falar que se está fazendo afinal o que querem, e que tenho uma boca, uma boca de homem, uma boca que é de um homem.

Uso a minha então para o riso e para a conversa de obrigação, para a promulgação da imagem, que afinal sempre temos o que montar de nós mesmos por aí.

E Maria falando vamos almoçar, a comida sou eu, “me come”. Foi o que me veio ao olhar o volume dos seios, das coxas, a pele molhada do banho, fresca, arejada, asquerosa. É essa a vontade de berrar depois do risco que se faz no corpo, o risco do próprio nome na areia, do futuro pensado, do futuro surgido, do que não se sabe ou não se saberá. E é tanto e tão pouco. Deixar um farrapo vagando pelas areias de sangue da praia, até que vá para o mar, para as águas, e se perca em escuridão profunda. O que fica como sangue seco é essa cicatriz mal formada, mal fechada, por onde sai o organismo, a engrenagem, por onde vaza víscera e não se repara, porque jamais se pensaria que por ali saísse tanto.

- Entra, entra.

Entrei com as mãos no bolso da calça *jeans*.

- E você, como que tá?

- Tudo certo... – e sorrio sem dentes, depois gargalho. – E você?

Ela ri e responde “Tudo certo”, como se a pergunta fosse uma tolice e a resposta uma mentira, coisa que sempre fez – mentir ou assim responder à pergunta.

Eu com a voz fina, simpática, olhando para baixo e para cima também e pensando tudo bem é que não tá, tudo bem não se encaixa, nunca se encaixa, mas quanta coisa se encaixa nesse mundo, se encaixou em Maria e ela deve ter gostado ou rido ou pedido.

Ainda penso: tudo bem não se encaixa com a pergunta.

Então depois, enquanto se mexia para me indicar o sofá:

- Agora estou bem.

- Por que? – foi o que quis perguntar e não fiz.

- O almoço já tá saindo, senta aqui comigo na cozinha.

Tinha cheiro de gordura e de carne na casa. Ela jamais gostou de carne vermelha. Eu gostei na infância. Depois – não mais.

Cheiro que um dia esperei sentir na roupa dela, quando chegasse em casa do trabalho e dissesse: matei um homem, por tua causa matei um homem, como você disse que havia matado e era mentira eu matei um homem, depois de ele me possuir atrás de um balcão de açougue, enquanto pediam carne e os homens atendiam com risadas, olhando para baixo, e pessoas ouviam um bater de coxas e velhos apontavam que a máquina de moer carne estaria com defeito.

O cheiro que esperei sair dela, e sai todo dia, dos intestinos.

Então me enjojo. Tenho certeza: não há relação humana que não seja tédio e humilhação e ódio e retorno. A causa das coisas é que nunca se sabe o que são as coisas.

Mas olho meu reflexo e não penso. Somos todos iguais.

Matéria para auto-esporrimento, para esporrar a si. Mas ninguém o faz.

Como se se esporrasse sangue.

Então penso em Maria e nela no meio disso, ou disto.

Oh! Minha restituição do imposto de renda!

12.

Sentei na cozinha e Maria pegou uma garrafa na pia, abriu o armário, veio até a mesa com dois copos.

- Você eu sei que me acompanha – falou com naturalidade, colocando os dois copos na mesa e enchendo de vinho.

Não sabia se respondia “acompanho” ou fazia algum comentário ainda. Então ri.

- Você come carne, não come? – Maria perguntou, enquanto era ela que não comia carne, e eu também não, mas não importaria.

- Como, como – eu disse. – Mas quero comer é você – eu pensei, não disse.

Há dez minutos lado a lado e não falamos nada de amoroso ou de demonstrações de saudades, exceto a hipócrita. Quando novo pensava que depois de anos nos encontraríamos e cairíamos ao pé um do outro. Mas o que ocorria era repetição do passado. Nós tentamos alcançar o passado, mas alcançamos a sombra.

Debaixo da pia uma cortina de flores tapava prateleiras cheias de panela. Quanto de alho, cebola, carne e gordura Maria já não teria preparado e servido e lavado para o marido e para os filhos e para si?

Ela comia, dormia, transpirava, se lavava, ou eram suposições irreais de quem pouco aceita as coisas sem comoção? Naquele ambiente de cheiro de sistemas nervosos e corpos e hábitos. Nós podíamos trepar. Éramos um homem e uma mulher num lugar, bastava que tirássemos a roupa, eu me excitasse e a penetrasse. Por que, meu Deus, não o fazíamos? Jamais soube. Éramos sexualmente maduros, tínhamos genitálias

desenvolvidas, com as secreções necessárias, havia chuveiro para que nos lavássemos. Mas havia também dor, e não sei se era o que impedia ou se era apenas mais uma coisa, de tantas que sempre há e não precisam servir de interferência. E no abraço, que demos, nossas genitálias se separavam por roupas, ficaram muito próximas, como ficam as de todos que fiquem próximos. Estão na mesma altura, o calor e atmosfera que vem de uma vai para a outra, e talvez até se esbarrem no vazio que as separa, estejam em cópula ou em vestes e medo ou pudor.

Levantei depois de hesitações e fui até a janela. Passei perto dela, ela sentada, eu em pé, andando; meu sexo estava na altura do seu rosto. Se olhou para ver se via resquício ou *jeans* – não sei. Do lado de fora o sol ardia. O céu azulejava.

- Ontem o tempo tava bom, agora olha como fechou.

Explicou-me que se viessem nuvens de trás da montanha que eu estava vendo é porque choveria. Mas como veio do lado do centro da cidade, então ia ficar só fechado e não choveria. Perguntei como sabia, ela olhou para baixo e disse que o marido ensinara. Não era natural, mas pode ser que o fosse e só agora eu notava sua falta de jeito.

No fogão ferviam panelas e saía vapor delas, o cheiro de comida e tempero era forte e dava fome e me excitava a sentir o cheiro de comida nos cabelos de Maria, na roupa de Maria.

Lá fora o pássaro e a árvore. Voavam folhas, mas só algumas.

E do vizinho se ouvia baixo uma narração de futebol.

Da mesa, não sei se me olhava ou olhava para fora. Ao voltar a olhar para dentro ela me olhava e levantamos a sobrancelha. Sempre fizemos isso.

13.

Freqüentemente pairavam com quentura silêncios cheios de comida e cheiro de casas.

Então Maria prontamente como soube dissimular pela vida, mas não fazia o que fazia agora antes, cortava o silêncio com uma frase de costumes. Como soube sempre dissimular sentimentos, se não se iludia com eles. Qualquer um sempre pôde fazer o que quisesse com Maria. Ela se abria, ainda que jamais revelasse o que era ou o que queria, porque tinha vergonha da palavra e de si. Como sempre soube dissimular sentimentos por atos de surpresa, como também fiz muito, ou comentários de maturidade, como também fiz muito. Mas agora Maria já está em pé ao lado do fogão. Mexe as panelas, prova a comida, pensa que eu comeria sua saliva, a do marido, o esmegma do marido.

Enojo-me ou excito-me – imaginando orgias.

Ou lembrava-me da imagem recorrente em que o homem penetra a mulher com uma arma e a mata pela vagina, ela fica parada, feito bicho, com medo, feito criança que tem o sexo lavado e se paralisa.

Eu fazia um comentário bobo sobre algum objeto bobo, até que depois de muitos ela nada dissesse ou só respondesse “é”, e o sentimento cotidiano e abrupto e banal de humilhação se firmasse.

“Aquele imã ali... Ah não”

“Ahn?”

“Não, nada, pensei que fosse... Mas não.”

Não éramos grandes pessoas – nunca fomos. Na juventude cada um a seu modo procurava em alguma coisa a maneira de sufocar a si mesmo. Mas não queríamos sufocar o que nos cercava, porque precisávamos disso, queríamos nos entregar a isso, por mais repulsivo que fosse, e era.

“Ah, você é louco”, ela dizia na facilidade de não considerar outra coisa. Porque não sabíamos afinal isso que é era ver o que poderia ter sido, mas não foi, e o que é, e não se sabe porque foi isso, e não o que não foi.

Então com suspiro e então com explícito disfarce na voz e nos olhos e na timidez e nos gestos diríamos:

- O que você fez esse tempo todo? – fui eu que perguntei.

E como era de praxe há 10, 20 anos, ela riu. Nada respondeu.

Ela poderia perguntar:

- Não, sério, o que você fez esse tempo todo? – e a única coisa que eu não aceitaria que ela dissesse seria “casou?”.

E se o perguntasse eu pensaria: quer saber porque me ama. Como agüentam a dor as pessoas.

Não lembro onde eu estava quando ela casou. Antes pensava que me mataria, a mandaria tomar no cu, não sei, mas apenas não sabia onde eu estava, apenas fiquei sabendo, um dia.

Ela perguntou. Então ela perguntou isso para me cercar e é só ver os olhos gordos olhando para a janela enquanto espera resposta.

(A rapidez de tapar buraco com água e a rapidez que nem sol forte evaporando água e sal.)

- Eu casei – ela disse – e me separei. Mas voltamos. – E ela riu.

Eu ri, sem dentes, e olhei para o nada do chão. Era a mesma necessidade de causar pena ou um olhar profundo que eu tentava na juventude.

Se eu fosse cheio de hormônios como sou de fatos, mas tivesse também corpo – eu então a tomaria nos braços e faria movimentos sexuais com a cintura.

Ou então eu faria mais perguntas. Sobre ela, sobre seus casos. E então nos beijaríamos, porque as perguntas de antes, como ensinam os vividos, conduziriam ao toque recíproco, mesmo que eu pensasse que, ao contrário, criavam uma atmosfera de desinteresse sexual. Copularíamos com violência, na cozinha, com cheiro de comida, ou na mesa em que comiam seus filhos e o marido, no sofá em que ele assistia à televisão, na cama em que foi fertilizada.

- Tá pronto. Me ajuda com essas panelas aqui – e fez força para levantá-las, femininamente, causando-me paternidade. – Vai ficar na panela mesmo a comida, sem frescura.

- Não tem problema não – disse eu querendo ser pragmático.

- Só cuidado que tá quente.

- Não, pode me dá, pode me dá, me dá, anda.

Fui com a mão queimando da cozinha para a copa, na mesa que não era a da cozinha, mas a da copa.

Porque se eu dissesse tá queimando! pareceria alguma coisa, e é triste parecer alguma coisa. Mas como era Maria, depois falei “me queimei”, e ri, ela disse, como sempre disse “esperto, hein”.

Sentei à mesa fingindo bocejar e ajeitar as unhas.

14.

Tinha silêncio à mesa e barulho de garfo no prato, ou de saliva e água nas bocas. Pratos sujos me enjoam. O de Maria enjoava-me ou me instigava.

A não sei o quê.

São as correntes de lázaro presas ao teto e que chegam à mesa, porque imobilizam um homem muito vivo. Afinal, não revive.

Sou um homem lamentável. Se eu tinha qualquer intenção – não consegui.

Caio em todas as soluções, que é não ter solução alguma, porque tenho na cabeça uma dúvida, que afinal é só uma.

Caio nas criações desgastadas. Talvez não haja maior reflexo do criador na criatura.

A mesma máscara confeccionada: é falsa. O que esconde – é desconhecido.

Isso se não tapa o vão oco.

A tinta que descasca, o esforço de legitimação de mim mesmo, dos meus desejos – inúteis e ínfimos como aqueles que são a isso indiferentes.

Estou cansado. Estou também acusado, e cansado, acusaram-me de tentar, ou de não conseguir, cansei de ser acusado e de tentar, mas ainda assim – continuo e permaneço.

Mesmo sob o desejo de sumir ou da diluição.

É repulsiva a idéia que eu formo de mim, e a partir daí a que formo do mundo. Ou que seja invertida a frase, pouco importaria.

É Maria comendo, levanta, diz hm tá bom, José que diz é e ri.

- Come mais, ó.

José come mais um pouco, depois de falar “Não, depois”.

- Hm, tem que acabar com isso.

José come mais um pouco.

- Come mais, ó.

José comeu mais.

- Obrigado.

Não: obrigado.

- Foi o que eu disse: obrigado.

15.

Este mundo se arrepende de me abrigar, e há um momento em que a natureza causa, que o homem causa, que o mundo causa – os riscos abertos em terra viva pelo chão. Não adianta seguir um deles, que ao mesmo lugar se chegará, por mais desconhecidos caminhos que se façam.

Todas as mãos reunidas, brancas, cheias de sombra, erguidas em coro e em pedido. Não adianta. Nada nos ouvirá. Há uma cortina nos céus.

Repara na frente da cortina o palco e a fila de atores: aguardam o palco, aguardam a interpretação. E nesse farfalhar de espera, de folhas e de vento tomba um corpo: sou o ali mesmo estático filho futuro, a pedra, a lenha, o despenhadeiro.

O que há do outro, se diria, é a platéia, muda, indiferente.

O diretor da peça também pediu demissão, se foi contratado.

E eu queria falar a língua nunca nascida dos homens. Nas areias da praia, à beira do oceano aberto, como é lamentável que existas e que isso não tenha importância.

Eu tive um sonho: eu aparecia na linha entre um gramado verde-escuro esmeralda e um céu branco, carregado de cinza-chumbo. Anunciava (o céu) uma tempestade iminente.

Você plantava uma árvore; e a árvore era grande e velha.

Não havia nada: nem água, nem pedra, nem sangue, nem grito. O que havia era pouco e não doía: uma imensidão de gramado verde-escuro, o céu branco, inútil, infestado de nuvem negra, o vento, uma árvore densa que você plantava e fazia sombra (um dia).

Quando eu me aproximei de você, você não reagiu.

Quando eu me aproximei da árvore, você teve pavor. Em desespero – desistiu. E em desespero derrubou a árvore, que tombou abrindo sulcos de terra viva, preta. E rasgava o chão.

Era uma terra estraçalhada, sem pedido de que permanecêssemos; fria e indiferente. Não havia sangue (porque o sangue era nossa carne sem céu ou destino).

E no lugar da árvore estava um homem morto, preso às raízes.
Agonizava, apesar de morto, na terra.

A linha do horizonte, entre o céu carregado de chumbo futuro e o gramado verde-escuro, incendiava-se. Se cobria de uma fumaça densa.

E que não seja prenúncio.

O fogo abria o rasgo negro entre o céu e a terra – e diluía a paisagem.

E tudo que víssemos.

Breve seriam as coisas abismo e escuridão. E um ar que asfixia – não mata.

Então fugíamos.

Mas como não havia nada permanecíamos imóveis.
Permanecíamos apenas.

O mais era fogo e vento.

Eu tive um sonho, Maria.

Uma vez eu tive um sonho, se ainda o tenho.

16.

E estou contando.

Depois de tantos minutos Maria arrependida é a Maria levantada recolhendo a louça.

- Quer café?

- Não, não, obrigado.

- Eu acho isso tão ruim também. Eca.

Eu sabia que chegaria essa moleza nos membros, sempre soube dessa coisa densa que nos ocupa.

E súbito pára o osso, o músculo amolece, tudo é o corpo que prossegue mecânico, salgado, e o corpo é o que ordena a vida, porque a vida é o que o corpo teme.

Essa busca por merda no fundo da carne e fios de luz no fim de um túnel sinuoso ou reto, não distingo um do outro.

Também colocam para desemcubar os fios de luz que estão emaranhados e você fica lá, para sempre, iludido.

Para sempre iludido.

Para mim Maria era o escarro do que eu precisava, o esgoto, a cova que eu precisava e não atingia: queria aquela que se abre entre a cama.

E tudo que ela recebeu e que eu queria agora que recebesse era o que saía do meu egoísmo e da minha impotência. Meu fracasso cobre o sentimento de medo, e por isso minha raiva. Maria não sairia do chuveiro se masturbando ou se escondendo pela casa, com pernas que eu tinha permissão para apertar, permissão por algum pacto obsceno e injusto que permeia as relações humanas. O Tião que eu veria nos olhos dela era o Tião que eu pensava, as muitas Marias que eu concebia, e a que sempre vi, misteriosa e comum.

Essa síntese de angústia foi por muito tempo a busca, a espera e a esperança, a decepção ou a vontade de ter um nome além de ser um nome.

No espelho do banheiro era Tião, era Maria, era José, era João, só não era afinal o que se espera. Se havia mais que imagem e reflexo, eram coisas da cabeça, e só da cabeça. Mas afinal que tudo vai nela.

Era a tua mãe, a minha mão tentando sufocar a garganta em pânico, e pouco era de certeza.

Depois de uma tosse forte veio o nada, dizendo palavras de nada, saídas de uma boca de nada para um ouvido de nada, sem nada a se dizer.

Nem a palavra veio – nada. Foi nada. Está desculpada.

17.

O interfone tocou. Pensei que fosse o interfone e me emputeci. Na casa alheia quando ouço barulho de campainha torço para ser o telefone, mas é sempre o interfone.

Ouvi uma voz de criança e entrou pela sala, correndo, um garoto de três anos. Atrás dele um homem e nos pés do homem uma criança que engatinhava, e do lado do homem Maria, com um sorriso de simpatia, mas secando as mãos; olhava para a criança, para mim vagamente, não olhava para o marido – pensei que fosse o marido.

- Vem cá, meu fofinho – e pegou o bebê no colo. O bebê não era meu. Pensei que o bebê tinha genitália, seriam desenvolvidas, até que fossem feito um fruto.

Pegou também o outro no colo. E fui apresentado a eles de forma indireta.

- Dá oi pro tio, dá. Hein, dá, fala oi – então riu, mas não muito, da timidez dos filhos.

Um gritava se curvando para trás, e ela tinha que levar o pescoço para o lado para não ser atingida, fechando os olhos, fazendo feições de

“que tolo”. O outro continuava de boca aberta, babando, e me olhava, de olhos úmidos.

Tinha vontade de pegá-lo no colo, falar que fossem comprar pão, e então espancá-lo ou me aproveitar sexualmente. Mas a minha vontade não era física, era de que a existência da criança fosse por mim impedida, que alguma satisfação saísse do fato. Algumas crianças causam-me isso.

Então começou a chorar. Maria ia pôr o outro no chão, mas ele também começou a chorar berrando não. Tinha uma voz fina, uns dentes caídos, já tinha uns 8 anos, não 3, e a ele me satisfaria matando-o apenas, apesar da insatisfação que viria ao perceber então que não soube, não saberia, que morreu em razão de sua repugnância.

Cumprimentei o homem apenas balançando a cabeça e com um sorriso sem dentes. Ele fez o mesmo, levantando ainda as sobrancelhas. Logo esticou as mãos, e fingi não perceber, fingi estar absorto olhando as crianças, para que Maria percebesse minha frieza.

Me expulsariam de sua casa, foi o que pensei, Maria dizendo que não admitia que eu não cumprimentasse seu marido. Ele me chamaria de covarde, ela concordaria.

Mas isso não aconteceu.

Não perguntei o nome das crianças. Não comentei delas.

Um era José e outro Tião – ouvi vagamente sair da boca de alguém se referindo às crianças.

O menor parou de chorar. Ambos foram para o chão.

- Esse é João – disse Maria. Voltei a fazer o mesmo que havia feito: balançar a cabeça, sorrir sem dentes, falar tudo bom. Ele a puxou para

perto, envolveu-a com os braços, deu um beijo na cabeça. Ela retribuiu, pôs um braço nas costas do marido, outro no peito, ficou com a cabeça encostada.

Fui embora. As genitálias dos três, numa roda de três, detestavam-se ou se esperavam, não sei.

Dei dois beijos em Maria, não apertei a mão de João: balancei a cabeça e sorri sem dentes, dizendo tchau.

Peguei ônibus etc.

18.

Agora veio mamãe e veio papai e veio vovó – fala alguma coisa.

A linha que está indo desbarranca, mas tudo que vai – desbarranca.

E talvez tudo que a apavora – irá mais facilmente.

Nada senão negar sempre o tédio, a merda, deslocar a moral conforme se desloca o que se sucede - ou a palavra. No final das contas não há criança que dure tanto quanto o homem. No final das contas não há criança caótica, só criança criada. O caos está na cabeça, infecto, porque o homem está infecto, as cidades, os campos com casas e casais dentro, os canis, os currais.

E tudo que se possa chamar por convenção de homicídio de meu, teu etc.

E de etc.

Eu queria usar a palavra “alhures”, mas não sei onde usá-la. Não sei o que quer dizer a palavra “alhures”.

Dormi com dor de cabeça. Mas tenho sempre dor de cabeça. Ora me levantava, ora voltava a deitar. Passava a mão na cabeça, nos cabelos, enquanto estava meio acordado meio dormindo. A luta contra a dor de cabeça era também a luta contra o sono, para que enfim acordasse, fosse tomar um remédio. Devia ter algum sono ruim. Até que o remédio fizesse efeito levariam horas. Deitar era voltar a uma convulsão tímida. Ficar de pé era ser posto à beira de abismos.

Não foi assim há tanto tempo que me tornara humano. Minhas tentativas de assumir a cada dia o mesmo homem – cansa-me. Penso que a dor do fígado, o enjôo, a dor de cabeça... venham desta vigilância constante – para que não se desfaça a maquiagem, esta que não sei como foi posta na cara, esta em que me confundo, esta que não tiro mas retoco.

No mundo tudo me olhou sempre de dentro do espelho, como eu sempre neguei o equilíbrio mas o usei para sobreviver. Como nunca soube o sentido disso – sobreviver, senão como sinônimo de estar morto.

A vida é uma promessa que não se cumpre.

Como fui sempre verme busquei o convívio para a sobrevivência, o hábito para o tédio com a loucura sempre presa ao limite que define a sociedade ou que a sociedade definisse, ainda que eu a odiasse – e a odeio. Mas odeio tudo, como amo tudo visceralmente - se vejo assim meus companheiros ao lado se relacionando com as coisas.

19.

Quando eu cheguei à rua todo mundo sabia que me esperava a parede branca manchada de sangue no final do caminho, como um prenúncio, uma profecia - que não se cumpriria (porque dali eu mesmo não continuaria: havia uma parede). É ponto. Havia uma parede. E passando antes por edifícios em ruínas, sem paredes, com paredes, com paredes derrubadas, passando pelos becos, pelos varais, pelos homicídios seguidos do suicídio – pude sentir o caminho.

Isso é o que eu podia fazer, o que fui, não sei, não saberia, o que todos sabem, o que eu tento saber, embora saiba que sei de veras. Ah! Virtuosismo que tapa a cara de quem tem no rosto um buraco preto!

Na verdade minha liberdade é minúscula, mas mais ou menos suficiente para que eu me ponha no alto de uma torre e de lá veja estepes vazias, rios secos, quadros erguidos no horizonte para que não caia o céu, para que não caia a paisagem.

O autor permanecerá no seu mundo mesmo que peçam para que se revele, até que ele se mate e perceba a vulgaridade a mentira a inutilidade do criar do pensar do tentar etc. Eu mesmo, autor agora, digo que serei autor depois. Digo que vazio não é solução, é dogma, o sentimos como sentimos as coisas. É uma existência que sentimos.

É claro que eu deixo tudo muito aceito. É claro que eu deixo tudo mais aceito.

É claro que eu uso mais ou menos, de certa forma, essas coisas, essas coisas, todo mundo precisa dessas coisas. Todo mundo que precisa condenar alguém, conhecer alguém, confluir alguém - para onde (é o que

se perguntaria). E não se teria resposta, como quando se tem não é certa - mas é uma resposta.

Todo mundo precisa convencer alguém pela exigência de quem ouve mais ou menos sem saciar a exigência do que exige. Eu quero convencer a mim de que morre na vida o homem que existe na vida a morte. Apenas os sentem o que é morrer podem sentir o que é viver.

Foi antes disso, ou depois, pouco importa, que fui à rua.

PARAÍSO

1.

Não tinha intenção de nada. Fui apenas, como sempre fui apenas. O ato não é um auge, uma vitória, porque na rua estão as coisas, passam as coisas. Se quero ir de casa à padaria existe a rua, e nela tanto sentimento que suprime o mero ato de se dizer que foi à padaria. O esforço físico e mental é gigantesco.

Não é nada, é só ir à rua.

Eu preciso ir rápido. Eu preciso. Eu preciso.

Eu preciso ir rápido.

Quase com benevolência de mim mesmo e para encontrar depois dos muros a reunião daqueles que me fizeram marcas. As paredes vermelhas, iluminadas com luz forte, servem de apoio para a cabeça.

Tenho levado a vida como tudo mundo.

Tenho matado sonhos como tenho imaginado o mundo.

Tudo que é em público é para a palhaçada, e também o que é entre dois.

Na escada o velho olhava (fixo) para a porta. Depois para a lixeira. De tempos em tempos a abria, a porta ou a lixeira, olhava, metia a mão lá dentro, no escuro, e depois a fechava, a porta ou a lixeira. Voltava a aguardar. Quando me viu balançou a cabeça com ar de cumplicidade.

Mas isso em algum outro dia, que agora eu estaria na rua.

(Que farei quando passar o manuscrito a limpo além de ter passado o manuscrito a limpo?)

Passei pelos corredores cheios de portas, vazios, por um jovem de bermuda e sua namorada de saia. Passei por odores de comida no carpete e na toalha e portas abertas ou portas fechadas, basculantes e deles o som da água ou da louça e talheres. O cheiro do óleo do elevador, apesar de não haver elevador. As paredes manchadas.

Na rua a lua era enorme, iluminava o suficiente para que se distinguísse o céu das linhas das árvores enegrecidas, das linhas das montanhas ao longe, das florestas. Nada havia na rua: um ou outro carro que passasse. Ladrava em algum lugar algum cão – enquanto ventava e a rua não era assim um lugar: minha existência povoava dias passados, gentes passadas, futuros a nunca vir, lugares nunca vistos, lugares passados. O que eu perdia era o que já havia perdido ou nunca tivera.

Perdia também a mim mesmo, e me ocupava um rombo no peito, um peito saqueado.

Na rua não havia ninguém. Alguns casais passavam, atravessavam a rua ou seguiam do mesmo lado. Era noite de domingo: o que explica o vazio da rua. À essa hora, antes eu estaria com Maria. Mas agora não mais. Era o próprio dia em que levantei e disse: não disse nada. Mas as padarias estavam abertas, os supermercados estavam fechando. As farmácias também estavam abertas. Os prédios tinham janelas acesas, amarelas, as janelas apagadas revelavam o mistério do morador que não sei que rumo teria tomado. Tantos, tantos caminhos podia ter seguido. E a janela acesa podia abrigar na verdade apenas a mobília cochilando.

De alguma maneira que não sei como inventar fui parar num bar. As paredes vermelhas e a luz amarela, as mesas redondas, pequenas,

outras quadradas, se estendiam até uma varanda que abrigava duas mesas sob a noite e a lua. Na varanda a iluminação era suja, esverdeada, também amarela. Num vaso a planta balançava com o vento que vinha do mar. Numa mesa um homem sozinho bebia sozinho, alheio de si e do bar. Dentro do bar dois homens estavam na mesma mesa, mas nada falavam. Num canto escuro, numa mesa com sofá, uma mulher fumava. De alguma forma percebe-se que um dos homens se relaciona atmosféricamente com a mulher. Mas não se sabe dizer como ou para quê.

A música ia e vinha, quando ia ficava o silêncio, quando vinha a irritação era grande. O ruído dos copos já irrita. Portas batiam num corredor colado ao bar, que cuspiam na parede uma porta, a de entrada, apesar de ser desconhecido o edifício em que se finca o bar. Isso é comum e tem vários nomes.

Para mim havia na noite algum sentimento de se estar perdido e não ser visto, de gritar para um ouvido surdo – ama-se esse ouvido, precisa-se desse ouvido. Há muito tenho buscado o sentimento de conforto. Deposito a esperança em Maria, um pouco do que sobra no futuro, mas o depósito desse já foi maior do que é agora, como o depósito em Maria também já foi maior do que agora. De qualquer forma ainda existe agora. Pouco a pouco meus passos é que se tornam mais espaçados agora, mais raros, até que se diluam no que é resto de ruído agora.

No corredor passava às vezes uma mulher, um homem, os dois juntos, um velho, alguma criança, alguma criança com um velho, só com uma mulher, só com um homem, algum velho com um homem... Traziam rostos variados, mas uma mesma marca que não se identificaria senão

como de incompreensão. Então o corredor, antes agitado pela passagem de pernas, voltava a ficar vazio, já não se ouviam passos ou barulhos de tecido. O mais de som que houvesse eram portas que batiam. Ou passos que pareciam seguir em outra direção que não a que passasse em frente à porta do bar. Podiam ser pálidos, de terno e roupa de gala, maquiagem rosada nas bochechas e batom; ou comuns, com a roupa que lhes fora dada de aniversário ou de natal, de alguma mão distante e esquecida.

Fui até a varanda. Dali se via o mar, a espuma, as montanhas negras, a areia e um farol. A luz da varanda era às vezes, mas só às vezes, engrossada com a passagem da do farol. Tudo oscilava, apesar da mesma atmosfera estática e muda.

Haveria casais na praia, copulando, sujos de areia e cheiro de peixe, moças arrependidas, oleosas, fertilizadas, homens enganados, traidores, bêbados traídos, machões de enormes falos? De qualquer forma estariam sob as águas escuras – e não os via.

O homem que mexia na borda do copo continuava na varanda. Entrei de novo. Deixei a porta aberta porque eu queria o cheiro do mar e o vento frio.

Uns dentro do bar me olharam, a mulher não me olhou. Não falavam. Os que estavam dentro do mar não se viam. Estavam mortos, como mortos estavam os retângulos amarelos, as casas que visitei, os casos de Maria. Mas aqui dentro – meu Deus -, que vivos.

Achei que dentro do bar haveria vida.

Sentei a uma mesa redonda. Atrás de mim, à esquerda, os dois homens; do lado direito, uma mulher na escuridão. Ambos ao fundo, a

mulher mais ao fundo, e se me observavam – não sei. O garçom apareceu e com ele a imundície do uniforme. Tinha lápis negro em volta dos olhos, borrado. Trouxe um copo. Encheu.

- Não era pra eu estar fazendo isso, não era – disse. Pegou o copo e, tomando cuidado para que não transbordasse, bebeu até a metade. Foi para a penumbra em que estava a mulher. Ouvi o copo batendo na mesa, então uma risada, então um urro masculino, então novamente uma risada. O garçom saiu da escuridão e foi para o balcão. Estava suado, a camisa meio aberta, passava a mão no peito e a descia em direção à braguilha.

Dali a pouco virá um dos homens da esquerda sentar ao meu lado. E veio com o copo e com a garrafa. A barba por fazer não lhe dava aspecto sujo: o cabelo é que, penteado para trás, exibia o óleo metido nos fios grisalhos. Os olhos eram inchados.

- Tá vendo aquele lá fora?

Respondi que sim, balançando a cabeça. Continuei olhando para fora.

- Chegou aqui comigo. Quem vê não imagina. Também, o que se imagina? – Encheu o copo. – Assim que eu cheguei na verdade ele também chegou. Assim que eu cheguei... – Olhou para fora, numa pausa, com os olhos muito abertos; repetiu ainda mais uma vez, em voz baixa, para si. – Assim que eu cheguei... Depois... – Levantou-se de repente, pegou um copo no balcão, caiu, rasgou a mão. Todos se levantaram, exceto o homem da varanda. E quando ele se levantou todos se sentaram. Veio andando até minha mesa torto, curvo, sacudindo a mão que sangrava. Largou o copo respingado.

- Isso que aconteceu comigo... Foi o que aconteceu com ele, merda. Ele se sentou numa mesa aqui dentro. Depois foi pegar um copo, mas caiu e o copo quebrou, cortou a mão. Agora olha a mão dele. É sangue seco. Ele segura o copo com a outra. Deve estar doendo, mas ele não sente. O sangue secou. Mas se você pega essa garrafa e joga o que tem dentro na mão dele, ela volta a sangrar, a dor volta, merda. Ele não bebe. A garrafa está cheia - tá vendo? Sentou ali e não bebe nada. Mexe na borda do copo. Isso já tem umas duas horas.

O homem fechou os olhos, apertou-os com o dedo e se estendeu no encosto da cadeira. Abraçou a cabeça e continuou:

- Eu conheço ele. Ele não lembra de mim, mas eu lembro dele. Nunca casou. Eu casei. Ele não. Estudei com ele, mas ele não lembra de mim. Só agora tô vendo ele, depois de 40 anos. Ele não lembra de mim, não vai lembrar. Eu não sei como eu lembro dele. Mas ele tem uma filha com a minha mulher. – Tacou os braços em cima da mesa e fechou os olhos com força, comprimindo a boca como se reclamasse.

Espalmou as mãos no rosto, ficou com a cabeça apoiada nos braços, ficou com os braços apoiados na mesa.

- Só merda. Fazer alguma coisa mesmo ninguém faz. No colégio ele tinha uma namorada. Eu peguei a namorada dele um dia. Fudi ela. Fudi ela no cu. Ela nunca tinha feito isso, ela era virgem. Descabacei ela. Tinha sangue pra todo lado, a porra que saiu parecia um pedaço de pele mastigado. E eu nem tinha colocado a boca naquela buceta. Só pus o pênis, penetrei ela na vagina, depois no cu. Ela gemeu, disse que doía, mas eu fiz com mais força, e ela disse “vai”. Ele viu a gente no banheiro masculino,

mas ficou calado o tempo todo. Continuou com ela. Depois terminaram e tal, ficaram só amigos. – Calou-se. Fez um gesto largo com um dos braços, mexeu a boca, calou-se. Só depois, repetindo o gesto, disse com cansaço:

– Soluções repetidas, tá me entendendo?

Falava sobriamente.

A mulher da direita se levantou. Saiu da penumbra. Veio andando não sei como, porque não a via. Mas você que me vê de frente a vê andando. Leva o cigarro entre os dedos, o braço do cigarro sustentado pelo outro braço que se prende contornando a barriga.

Não disse nada. Puxou uma cadeira, se sentou de pernas abertas, o encosto da cadeira ao contrário, entre as pernas; tragou, atirou o cigarro. Levou os braços aos cabelos, suspirou, desceu as mãos até a altura do sexo. Ali o comprimiu, tentou fechar as pernas mas o encosto não permitia. O homem sentado à minha mesa olhava sem expressão. Bebia, tossia. Eu não sei o que fazia, sou apenas um personagem que servirá de câmera.

- Você tem... – disse a mulher passando a mão nos meus cabelos.

O homem explodiu em risos. Súbito parou, balançou a cabeça em desaprovação. Encheu o copo de novo, que ali ficou cheio, porque o homem abaixou a cabeça até a mesa, ali ficou - como se dormisse.

- Todos os homens fedem – disse a mulher. – Mas esse cheiro. O cheiro de vocês...

Ela suspirou, abaixou a cabeça, deu um sorriso e voltou a erguê-la.

- Eu sinto ele em você, esse cheiro de homem, mas é diferente. Eu até te dava meu cu. Mas você não ia conseguir.

Eu disse em voz fina, para dentro:

- Foda-se.

Eu poderia ter dito: me dá tua buceta, piranha, e ter abaixado as calças e metido o pênis na garganta de alcatrão.

Mas disse apenas foda-se.

- Você é ridículo, cara! – disse a mulher. – Caralho... Vocês viram? Cara babaca, porra.

O homem sacudia os ombros. O outro não sei o que fazia. O da varanda mexia no copo, apreensivo; compassadamente nos olhava.

Espero que esse mundo desabe, que despenque, e que essa mulher do meu lado suba na mesa e se dispa, se masturbe e implore que eu passe a língua nas suas coxas.

Os homens que comeram Maria – imagino que pensassem o mesmo (e me sacrifico, me espanco).

Eu a olharia fixo e diria: não.

Ela desceria da mesa humilhada - e com vergonha, e com vergonha tentaria cobrir a nudez, mas não haveria roupa.

A mulher tirou de dentre os peitos um papel. O busto brilhava, parecia suado, não sei se era suor. Excitei-me. Ela daria o cu para mim, ela havia dito, mas eu não tinha coragem de tocá-la. Se a tocasse seria entre uma brincadeira – e ela não perceberia a intenção.

Assim fiz sempre com Maria. Ela me daria o cu, a vagina, a alma, a boca. Ou me humilharia ou diria: e agora? Vai fazer o que? Anda, fode.

Mas eu não poderia, ficaria sem graça, tentaria continuar, mas ela seria como uma boneca morta, esperando, mas não seria capaz.

Abriu o papel e leu em voz alta: faço trabalho, rezo, leio cartas escondida. Quando tinha 16 anos fui ao banheiro durante a aula. Lá trepei com um menino de 14 anos. Ele ejaculou num pedaço de papel. Eu gostei, ri, voltei para a sala de aula toda molhada, fui simpática e agradável com o menino que estava apaixonado por mim. Agora preciso escrever essas linhas nesse papel, depois desses anos, para agradar ou desagradar quem lê o livro.

Virou do avesso e continuou: O mundo é o que digo – casa de massagens, ambiente limpo, dançarinas limpas, ambiente seguro, dançarinas seguras, limpas, dançarinos limpos, seguros, musculosos, que podem comer as dançarinas se você quiser ou aquela ou aquele que você ame.

Parou de ler. Dobrou o papel, pôs entre os dedos, deu um suspiro, deitou a mão sobre a mesa.

- O que você acha? – ela me perguntou.

- Eu?

- É. O que você acha? – ela se fez humilde, pedia ajuda. – Por exemplo, está muito ruim? É que... – ela riu. – Promete que não conta pra ninguém?

- Não, o que é?

- Eu tenho um amigo. Ele disse para mim que gosta de mim, mas eu disse que não gostava dele. Mas agora eu gosto dele e não sei como dizer isso.

Senti-me superior e morto. Ela não me daria o cu.

Ri.

- Você não tem língua não?

Ri de novo, já sem força na boca, os dentes feito os de cavalo.

- Então, o que você acha?

- Sei lá.

- Ah! Então ele não sabe! – a mulher se levantou, o mesmo fez o homem que tinha a cabeça descansando: riam.

- Ah! Então ele não sabe.

- Ensina a criança, porra, você que sabe – riam.

A mulher bebeu do copo do homem, o homem sentiu-se poderoso, a mulher sentiu-se gratificada. Dali a mulher o teria como fiapo. Dali o homem a teria como empregada, mãe e puta. Às vezes copulariam, às vezes se abraçariam, às vezes encontrariam amigos no fim de semana.

Ela pôs a mão no meu peito, rindo, mas então ia perdendo o riso. Puxou a gola para baixo. Desceu as mãos pela camisa, abrindo um rasgo. O rosto então já era sério, e também o era o do homem que a abraçava: conservava um sorriso de orgulho e segurança.

Chegou com as mãos até meu abdômen. Tive vergonha que tivesse uma ereção, mas não me importava que tivesse vergonha. Isso deve ser o segredo de não ter vergonha: não ligar que e tenha vergonha. Chegou até a cintura passou as mãos por cima das calças até a virilha retornou se sentou o homem explodiu em risada ela ficou séria olhando pra baixo: você não entende ela disse olhando séria pra ele.

- Eu deixo. É uma terapia – ele disse sorrindo. – Ela tem seus peixeiros, entregadores de eletrodoméstico, vizinhos; eu tenho a bênção do

padre, ela também. Somos felizes. Ninguém pode dizer que não somos felizes.

A mulher ergueu-se de súbito. Poderia ter gritado, mas não gritou. Os dois se espancaram. A mulher caiu. Ele, abrindo os olhos, ria.

- É uma terapia – e ria.

Ela tinha feições de pena. As mãos da mulher foram até as pernas do homem, pedindo perdão. Então beijaram-se. Ela gemia, ele urrava, faziam movimentos sexuais, estavam vestidos, eu estava ali vendo, o homem da varanda estava na varanda.

Então ela parou. Deitou a cabeça nos ombros do homem e ameaçou o grito – que se desfez num choro e num soluço.

- Ele é louco. Ninguém pode dizer isso, mas ele é louco – disse a mulher apontando para o homem na varanda. – A gente chegou aqui e eu estava sangrando. Lá embaixo uma mulher o chamava da varanda. E ele – apontando para o homem de cabeça grisalha – ria, como riu agora. Estão vendo? Rindo! E urrava, como agora. Mas então era por causa dele – e apontou para o homem até então inerte na mesa.

Caminhou em minha direção, o rosto arrasado. Tentava se recompor. Voltou para o meu abdômen.

- Mas você... – e tinha a voz baixa, como se fosse doce. – Mas eu não podia. Eu nunca pude. Não daria. Compreenda, não daria. Desculpa. Desculpa. – Irrompeu numa ameaça de choro.

- Agora estamos assim – disse ela. Caminhou até o homem agora despertado, beijou-lhe o rosto.

– Eu estou pior que um faminto. Porque um faminto pelo menos procura por comida – disse ele e riu, no que ela também riu, deu-lhe um tapa no ombro. – Deixa de ser bobo.

Os três (a mulher e os dois homens) confraternizavam a alegria. O da varanda continuava na varanda. Sentaram-se em volta de uma mesa. Um deles servia bebida. A mulher, olhando para frente, com um sorriso, diria, e o sorriso feneceria conforme as palavras saíssem:

- Eu estou pior do que um faminto. O cheiro do mar... Sabe o que é você olhar ali para baixo procurando alguém e ao invés de olhar para a calçada olhar para o mar? Eu estou pior do que um faminto, porque um faminto pelo menos procura por comida. O pior é que eu sei que não procuro nada. Não procuro nada. E sei que é mesquinho e que é até vulgar falar tanto de mim, falar de quem tem fome. Eu tive sempre tanta fome. Mas fui sempre o que é comido. Aquele que me ofereceu o corpo como alimento, neguei, fiz questão de que visse como eu servia de comida. Não sei... Não importa. Eu não tenho fome de nada. De nada. E uma maneira que eu arrumei de viver enquanto ele – e apontou para a varanda – também não quer nada é tendo certeza que ele não vai me matar, e que por isso posso continuar fazendo o que faço. Na verdade o que importa é duvidar das certezas, pô-las à prova. Então é excitante questionar a certeza de que ele não me mataria. Ele me pega nos braços com força, cheio de raiva, e ao invés de me esfaquear me fode, e eu lembro que poucas horas antes me fodia na praia um desses dois, ou algum outro. Mas tive sangue. Nenhum deles tirou sangue de mim. E o que tirar vai ser maravilhoso, principalmente se ele que sempre quis fazer isso puder ver como eu vou

gozar por causa disso. Eu tenho mais de um filho, é verdade. – E retornou o olhar para a mesa, sorriu olhando para os dois que bebiam e não a ouviam. Da varanda o homem também não a ouvia, ela pensou, mas o fazia. Sentiu alguma solidão, mas que passou conforme passou o que dizia quando sorriu e voltou os olhos para a mesa.

De dentro apareceu o garçom. Olhou em volta e voltou a entrar. Ela subiu na mesa:

- Olha! Você não pode me comer – berrava.

O passado às vezes retorna, mas somos sempre nós que retornamos.

- Será que ele vem será que ele vem será que ele vem?

De fora veio o homem da varanda. Tinha sangue na camisa, tinha sangue nas mãos. Ela, nua, jogou-se aos seu pés abraçando-lhe as pernas. Estava nua. Todos os outros homens estavam vestidos e excitados, só ela nua, de repente.

- Tá vindo!

E, de súbito, voltou a subir na mesa. Passou a perna entre o pescoço de um dos homens. De dentro veio o garçom, suando, parecia um touro. Arriou as calças, exibiu um falo nervoso. Ela gritou. Ele foi até a mesa, segurou-lhe as coxas e a ergueu, levando-a até outra mesa. Ali fudeu, e ela berrava e ele urrava e o barulho da batida de peles tomava o lugar com o som dos líquidos e dos copos. Súbito parou. Ela retirou o pênis da vagina, olhando para o garçom que lhe dava um tapa na coxa. O som de água era forte. O garçom ergueu as calças. A mulher pegou uma peça de roupa no chão, comprimiu-a contra o sexo.

O homem da varanda era mudo como sempre o fora. O sangue devia vir de um corte na garganta, mas aí já é demais.

2.

Eu quero sair. Eu quero sair. Essa mulher que se arrebenta não é uma palavra. Uma linha é uma ordem, mas essa mulher que se arrebenta não é uma linha, apesar de ser uma ordem. É o meu ciúme e o ciúme dela, que é necessidade, fora mutilação um dia, é cicatriz hoje. Como vai alta do lado de fora a lua e tem vento com sal na varanda, o mar é um mistério. O que vai lá embaixo, se há coisa que se esconda sob as águas?

Quem está sobretudo sobre a mesa então é o homem, na forma de querer dizer “ser” e “existido”. Então um ou outro – não sei quais – desatavam em gargalhadas, enquanto um outro tentava se inserir no ato, era um cachorro, mas cachorros somos todos, para que tentar esconder, para que tentar esconder tanto?

Que vão três pessoas num bar é sabido, mas não se sabe, ou nem se saberá, que as moldou o barro, o barro frio, e que aquele que as moldou é morto como jamais conhecido ou expressado. É sabida a impotência desses que nos maltratam, desses que nos fustigam: são carrascos em nome de nosso próprio desejo. Quando pus três ou quatro pessoas num bar não sabia que elas falavam, que sabiam fazer remendos, como faz a mulher ali sobre as mesas, remendendo remendendo tudo que pode remendar de tudo que já é trapo e perdido, mas tenta juntar, como vê os vestidos dos outros – sempre tão bem costurados.

E até eu mesmo, depois de uma solicitação mal feita, poderia desfazer as tintas das paredes, poderia fazer aparições mais líricas – enquanto o que eu quero é ter a certeza desmazelada.

Pois bem, porque se não vêm as mucosidades grudando na madeira e na pele, vêm os berros do da varanda, agora dentro do recinto, que podia bem nem gritar – e não grita realmente.

Aprendemos há tanto e por métodos tão desconhecidos, que não vale a pena gritar.

3.

E como houvesse um rastro de sem-sentido e o apelo do leitor então o autor se sentará ao lado do leitor e de toda forma de tédio – que o livro já foi também escrito.

O leitor sentará ao lado do leitor e nos olhos arregalados de preguiça se perderá o personagem, e nada acostumado à dor será visto como narrador: fará então uma pergunta de obséquio – o leitor.

Sentar-se-á de frente para quem vê ou lê, com granulação na imagem e sombra nos olhos, em metade do rosto, essas coisas. Umass poucas horas serão de luto. Morreu-nos o sossego que nunca tivemos.

Publicaremos.

(A mulher então levou os dados à boca, como se fosse tudo jogo, espreguiçou-se, olhou em torno: ninguém saberia responder quem fora o vencedor. O homem saía de cima dela e eu tentava ver na mesa a mancha, o suor, o sangue, o esperma, a secreção – para que eu morresse.)

Como ninguém morre.

Seguirá o autor a encomenda de prestígio e o projeto das redes de TV e dos editores e das revistas culturais. Nós é que não sabemos. Eles sabem, e sabem muito bem, só querem qualidade e desenvolvimento. São fenomenais. Editor-lero-lero, este que censurará os modos imperfeitos, quer publicar um crítico de formas canhestras.

Haverá então no teto uma lâmpada amarela, e o leitor beberá com orgulho à luz suja o conhaque que narra as peripécias de José, esse lavrador das repugnâncias e dos cemitérios. Mas já quando houver luz já lhe terão oferecido isso que me negam – e desconheço o nome.

Mas com que gosto cada homem afirma ter provado da vida.

Só não lamberão os beijos ou serão honestos ao pedir repeteco.

(O que queria ser marido – talvez seja o da varanda - berrava um berro tétrico. Ficou assim por muito tempo, sem admirar o espetáculo de tão nobre profusão de tons. Olhava apenas. Vieram os homens e impediram que ele olhasse, depois impediram que ele se desvencilhasse, mas antes, muito antes, impediram que ele avançasse e se pusesse sob o espetáculo, para que uma gota lhe atingisse, ou que tentasse em vão – porque seria rejeitado pelo sorriso daquela da mesa – a separação física, a separação física, a separação física. Sussurrou que sentia o cheiro, mas só sussurrou – ninguém ouviu. Poderia ter finalmente se revelado, se expressado – que ninguém teria ouvido. Era molécula e era chicote ou carne esfaqueada ou masoquismo – foi o que ele disse.)

Mas o leitor também dirá, ele sempre dirá, somos democratas liberais respeitando as leis e a ordem, esta que nos guia para tanta justiça e

novos nomes do mesmo velho crime. (Mas isso do crime é o que não se dirá.)

Far-se-á longo gesto por parte do leitor, até que então se lembre do preço e exige o que lhe prometia o homem de avental. Exigirá também pontos, não mais reticências.

Mas pensando bem ele até verá o que dizia o homem do avental – por que não?

O autor não é deus, também não é um merda. Então lhe encomendarão novos volumes para que sejam trancados em bibliotecas ou doados na campanha pró-leitura, desde que o que se diz seja visto como cultura, não como ação. O leitor olhará para o autor, e terá tanta satisfação quanto dificuldade e ansiedade de se revelar para os amigos e novas formas de comunicação, essa pura e bem sucedida que executamos com maestria.

Isso enquanto além da janela do cômodo a noite sobe e as cidades acendem. Com um gesto brusco tentará tomar das mãos a caneta. Mas o autor não tem canetas, pouco escreve, tem preguiça, não tem tanto o que dizer, só tem um egoísmo e uma vontade de aparecer. E o autor deixará, porque é bobo ou exemplar, que lhe dêem esta condecoração de bons modos e preocupação com seu tempo.

(A mulher se abriu e me olhou de soslaio. Diria me toca, mas olhou para minha calça com prazer íntimo e voltou a olhar para o teto, exausta, suada, cansada, fertilizada.)

O leitor observará com atenção as roupas gastas e esta falta de habilidade com a palavra – do autor. Os cômodos vizinhos ao que se está

serão de qualquer jeito. Da rua virá o que vem da rua, do rio que passa perto o que vem do rio, do mar o que vem do mar, e não só dele, mas também da memória. E em algum lugar distante na noite ou no dia haverá em algum lugar muitos lugares e muitas pessoas e nenhuma dor ou sensação senão a de pensar este lugar. Muitas pessoas, sozinhas ou não, e todas com a mesma carne e com a mesma necessidade de estar apenas nesse lugar entre essas pessoas, independente de si e anexas ao tempo - afinal é desconhecido. Apesar do céu vazio e da espécie doente, a mesma necessidade por comida e defecação, sexo e relação, desde que haja nela capacidade de degeneração de um, engrandecimento de alguns, regeneração de si mesmo.

De fato o autor é doente: quando vai ao encontro de alguém não se fortifica. O autor será olhado por muito tempo, ou nem será visto.

E o leitor moldará a palavra que talvez não soubesse que possuía.

Com um gesto de raiva e de indignação o autor será atingido no rosto. O autor já aceitava ser acariciado na cabeça, não discutia em público, nunca o fizera, já não demonstrava orgulho, mas humildade, para que fosse elogiado no impresso dominical. Mas agora o leitor lhe bate no rosto.

É preciso defendermos a cria como defendemos o inimigo.

Então o leitor irá até a janela para olhar a noite cansada, apesar de muito da manhã permanecer, a manhã com cheiro de leite e pés pisando calçadas, comprando pão, jornal, sob manchas de luz branca.

E a existência é possível. O autor é horrível. É um adjetivo e uma ironia.

O autor abrirá, ou será aberto.

José é visto num retângulo amarelo na noite pelo leitor que foi até a janela. Tem a mão na boca, mas poderia ter a mão em qualquer lugar. Está cansado e quer dormir.

O leitor sairá da janela, lembrou-se de que falta ir a casa pegar o livro para o autógrafo ou apenas não ter livro nenhum em casa, que o autor morreu e os manuscritos tortos foram queimados um dia em que o quarto pegou fogo e ninguém soube de nada.

Andará pelo corredor. Então súbito parará: é noite – pensa-se -, é noite.

E parará em frente a três caminhos. Pessoas conversam, a porta que vai ficando atrás cospe luz no corredor, e todas as pessoas de dentro, de cabeça baixa, já não precisam fingir: José foi embora, o leitor também. Lá nem ocorre de um ir para a varanda, a outra se sentar fumando, os outros se sentarem bebendo: já não faz sentido.

Se um dia fez, Maria, se um dia fez...

E o garçom já recolhe o pano que caíra no chão e até se lembra porque o pano caiu no chão e ninguém se importou.

É José que vai pelo mundo. Ma sé qualquer coisa (que vai pelo mundo).

PURGATÓRIO

1.

É preciso existir. Ah! É preciso existir. Com todas essas pernas e com esses braços e com todos esses braços. Se sou eu que vou com ar de insuportável lamentador pelo corredor... Não reconheço: nem meu gesto, nem meus sapatos novos.

Deixei para trás o bar, passei por uma porta e ao lado da porta uma janela com vidros. Lá dentro um palco, uma peça de teatro com palhaços, atores no papel de atores, uma meia dúzia de gente sentada em mesas. Percorre o vidro a bruma que sai da minha boca. Não sei por que uma janela daria para o corredor. Isso não importa.

Mas há consultórios também, salas de espera – ao longo do corredor. É a ilusão o apreço da promessa.

Percorro o fogo cheio de lugares e portas cheias de quem-sois. Posso com habilidade me pôr e te pôr num súbito quarto, ou num armazém sem estoque. Todas as portas dão para o corredor, atípico pelo que se tem fora dele. O corredor de que falo tem muitos caminhos. Vou por ele, não o conheço, mas vou por ele. Como poderia também me pôr e te pôr num apartamento abrupto, de música forte. Eu então iria ao banheiro, e lá estaria Maria e encontro Tião e se inicia então um diálogo de dramáticos. Monólogos também, principalmente monólogos.

Mas ocorre que ainda insisto – e a realidade se estampa nas paredes, apaga a luz do corredor: tudo é caminhos.

Vou por um trecho de corredor vazio e de portas fechadas, semi-abertas ou derrubadas. Nenhuma, nenhuma está delicadamente aberta, comiseradamente interdita, concuspiciosamente obliterada.

Não caminho com surpresa. Não caminho como se houvesse nisso de caminhar a metáfora, a revelação. Caminho como se caminha todos os dias, para o trabalho ou para casa, para o puteiro ou para o hospital, para o açougue ou para a casa dos pais, do amigo, para o supermercado. E se parei numa encruzilhada de trechos de corredores foi porque não tive vontade de antes entrar por alguma porta ou imediatamente seguir por qualquer dos trechos.

Algumas portas têm sua TV ligada, a sala de espera ou uma sala de estar, uma padaria ou algum velho sentado na cama, o caixão sendo velado, o caixão sendo preparado, a mulher se lavando, o homem chorando olhando pela janela, o sexo que sai de mim se me imagino fora de mim. Também alguma criança que queria fosse meu filho ou irmão – por alguma espécie de beleza que emane. E os barulhos de talher e os telefones tocando, como se secretarias estivessem perdidas ou abandonadas – talvez estejam.

Na encruzilhada de corredores estavam algumas pessoas – não lembro quantas – que tinham a pele gasta, a roupa suja, em retalhos ou rasgadas apenas.

Veio então caminhando apressada, de um dos trechos de corredor, uma mulher bem vestida. E também um homem, que estava com ela, mas não vi se veio do mesmo lado. Era uma das pessoas que passavam pelo

corredor e podia-se ver do bar. Mas agora não eu estava mais no bar, e já haviam passado por ali, eu as havia visto.

- Vocês ainda tão aí! – disse a mulher olhando para os que estavam parados e trazia para eles um sorriso. Ajeitou no ombro o xale branco.

Abriu a bolsa. – Toma... Aqui. (Solícita.)

Solícita, deu uma moeda.

Ela não ofereceu a mim porque aqui eu só observo, não me misturo à barbárie. Sou tão nobre. Tão nobre.

2.

Era um casal pobre com crianças. O homem, esposo da de casado de pela e bolsa, aproximou-se. Tinha uma cartola, um pano branco nos ombros, caindo em duas pontas pelo peito, um fraque, uma bengala, um *pincez-nez*. Mas isso não importa.

Aproximou-se da esposa.

- Chega agora – disse ele, e era seco. – Poupe-nos de seus atos de culpa.

A esposa permaneceu alegre.

- Ah! Olha que gracinhas! – ela se empolgava. Súbito demonstrou pena. – Pobrezinhos!

Agachou-se junto de uma das crianças.

- Está com fominha? – esticou os beiços para fora. - A tia te arruma alguma coisa.

O marido demonstrou irritação. O segundo já chega foi segurando no braço. A mulher disse ai.

O casal pobre permanecia olhando para baixo, a sombra nas rugas do rosto.

- E vocês? – perguntou a mulher aos velhos. – Eu não lembro o nome de vocês... Mas que importa, não é verdade? Nos conhecemos melhor de outra maneira.

Os velhos permaneciam imóveis. Respiravam fundo, pareciam ter admiração pela mulher, mas não agradeceriam o que lhes era feito porque nada lhes era feito. Eles sabiam disso, mas não se lhes escapava de qualquer forma a satisfação e agradecimento na postura.

O homem puxou a mulher. A mulher deu um grito súbito, uma risada nervosa; tentava se equilibrar no salto. O homem disfarçava, era austero; tentava não largar.

- Pára com a tua benevolência! Essa mania de... – então hesitou, perdeu a exasperação na voz, fez-se polido. – Essa mania de prostituta e mãe. Não tirará o peso. Não tira de ninguém. Efusiva como se tivesse que mostrar que tem dois peitos.

A mulher ia vivendo entre a seriedade, o sorriso sem propósito e a comoção. Ajeitou o xale com um suspiro. Despediu-se com cordialidade, o que também fez o homem.

Foram-se por um dos corredores, braços dados, chapéus na cabeça.

3. Carta para Maria

Eu não enlouqueço. Imagino que a sanidade, isto que não sei reconhecer – mas ninguém sabe -, se me escapa, se esvai, até que me encontrarão numa rua. Imagino que seja fácil ler – como é fácil escrever. O que ocorre é que é tedioso e cansativo.

Nosso corpo não nos dá uma posição que seja confortável, um sentimento de que esteja limpo, por fora ou por dentro.

O difícil é sentir.

E quando se sente... Afinal não se sente. Pensa-se que se sente. A condenação do homem é pensar, não sentir, porque não sente. E o pensamento não é lógico como o é o instinto. Os homens dizem: pensa. Seguem o instinto quando lhes é interessante. Valorizam o pensamento quando lhes é interessante, mesclam-nos, no-los recriam (o pensamento e o instinto), como entidades de linguagem e comisseração.

Tento escapar de qualquer interiorização. É mentiroso e é inútil. Criar cenas, por mais infantil que lhes cerque a maneira de escrever, é mais honesto. Afinal, há um quê de que não se escape como não se escapa do sangue na vida.

Mas o que importa: você não cria, Maria, apesar de que desde muito cedo sempre te disse para fazê-lo. De qualquer forma, não cria. Foi criando potros e jarras de água morna ao lado das camas hospitalares.

Tento escapar de qualquer nome.

Porque imagino que há o mundo lá fora, e que ele não tem um significado maior do que ser mundo. Mas então tem um nome, não seria isso não fosse esse idioma, essa escrita, essa linguagem ou lógica que tem moldado a civilização e a civilização tem estado afinal errada.

Chego ao senso de justiça ou certo ou errado por que meios, afinal? Não sei. Sabemos muito pouco, e afirmar que não se sabe é enfim tão confortável quanto criar afirmações ou argumentos. Estão todos igualmente sujeitos à verdade ou à ilusão, desde que haja convencimento e aceitação.

Mas então é outra afirmação.

Porque, imagino, há o mundo lá fora, e é nele que estão as coisas, as diluições, as palavras trocadas sem desconforto, o sorriso sem a cabeça para baixo.

Chegam com notícias do mundo. Notícias que eu recebo segurando os olhos. A questão não é que os homens matem, mas que uns sejam perdoados e recebam o título de grandes adeptos ao desenvolvimento e progresso.

Lá fora se concentram facas, faces risonhas de bebês recém-nascidos, os pais que desconheço. Não sei se os invejo. Os invejaria se você fosse possível, Maria. Não o é: é a mesma mentira e vontade de mundo que me percorre as veias há tanto. Que importa você esteja com outro homem, que eu tenha estado com alguma outra pessoa? O que importa não é tanto nós dois, mas nós mesmos, porque é certo que só se ama se se ama, e afinal ninguém tem muita intimidade consigo mesmo para se segredar humilhações, desejos, dúvidas, decepções, alegrias.

Bocas de cal e olhos mudos, becos vazios ou cheios de ratos e mendigos que têm um coração e um estômago saindo da boca como qualquer homem os tem – são as mesmas mãos atadas que não emitem ruídos de socorro, não porque imagine que os ouvidos estejam surdos, mas

porque tanto faz, tanto faz, as injustiças se resolvam, sim, mas não com a receita que deixaram na porta, tampouco com esta que vou dando, que ajuda menos.

Pedras na carne, faces, facas cegas, porque ninguém corta.

Então eu penso, não sem duvidar da solidariedade e do conhecimento, em me interiorizar, em esquecer, apenas esquecer, em ver que no futuro está a dor do passado, o céu da cidade morta que se acende habitualmente quando anoitece – mas é impossível esquecer, porque o espetáculo não foi suficientemente mórbido ou chocante. Os cheiros do rio e do mar vêm sempre, tenha chovido, não tenha chovido. Lembro não do teu rosto, Maria, mas do rosto que tem eu atingir teu rosto e as dores de não o poder, não sei por quê, certamente por mim mesmo, um pouco por você, mas menos, que se eu forçasse fisicamente você cederia, assim são as coisas e os sexos...

Devo ter alguma doença. Alguma doença que me corrói a capacidade de ser homem e bicho, mas sozinho comigo mesmo uma potência de instinto e animalidade que ferem a moral desses que vão instintivamente fazendo esposas ou economicamente fazendo dias.

O que eu queria... era não esquecer. Preciso desses dias pulsando de dor, mas que eram tão ruins quanto estes que continuam pulsando, mas talvez às vezes não pareça... Já pude sentir a facilidade que é o esquecimento, o se espancar para não se deixar estraçalhar. E ainda em 10 anos receber a pobreza de versos mal escritos ou a fama que desejava, desde que não contrarie tanto o que recebeu. Se contrariar poderá ser

também para que atinja a fama que queria. Impossível fugir tanto desse imperativo de imagens.

Porque nós nos concentramos no momento e porque nada completa o instante, se nossa existência se fixa em cada ponto da memória e da imaginação, então o momento é vazio, o lugar é isolado, apesar de tão necessário, e já se tem saudade do presente, como de qualquer coisa lembrada ou imaginada. E súbito não somos tanto como gostaríamos, mas não saberíamos do que gostaríamos.

Imagino como para ti é diferente a palavra “nós”. Pode ter um tom de doçura, não sei, como tem para mim. Mas alguma coisa de diferente deve haver sempre. Fico pensando se os sentimentos e sensações são iguais para todos. Não são. Poucos atentam para o que sentem, e quando o fazem imaginam o que sentirão quando contar isso para eles. Como é diferente a dor, de um para um, as dores não se anulam. Mas afinal é a mesma, não sei se é a mesma.

Como é certa a dúvida, inclusive certo e melancólico afirmar que a dúvida, única pureza, é certa e não duvida.

Há nesse papel de larva a necessidade de grandiloquência e aparência. É esta literatura que desprezo mas que faço.

Há o medo e em cada medo o nosso peito fechado, a fibra causada por cicatriz e vai batendo a fibra batendo batendo.

Estou cansado de mim mesmo, mas assim devemos estar todos. Desta pele, deste corpo, deste estilo, desta idéia repetitiva, deste auto-desprezo. Tenho sentido o vazio como sinto as pernas. Não mais que o vazio. É o nome que dou. Não importa o que seja, só que seja dito, e

também não sei ao certo com que propósito. Talvez achando que quando lerem e me glorificarem ou me rebaixarem será um alívio: a criação de uma imagem. Isso é que vai movendo as criações, os relacionamentos, as conversas, essas coisas, estas coisas também.

Nossas mãos não se tocam porque a carta que envio é pó. Maria vai me telefonar: você é muito doido, caramba, muito sem noção, só você mesmo.

A essa indiferença se resume toda a filosofia. À dúvida se é sincera e que pode ser verdadeira ou mentirosa se resumem todos os dias.

É bruma, fumaça, pó, odor que ascende e descende e se esquece ou não se esquece, apesar de tanta sensação - até a que se desconhece ou não se admite.

O que eu queria era que sumíssemos.

4.

Está errado o mundo.

Está errada a hora e as portas e a maneira de plural ser só plural.

Está errada a hora – a palavra ou a imagem..

Reparo na minha necessidade de angústia. Deve ser a vontade de morrer – que tenho, mas não é mais forte do que é a minha necessidade de angústia.

José viveu ainda muito tempo. Não sei quantos anos. Há quem diga que chegou aos 180. Não morrera antes, como se poderia afirmar, mas depois – aí sim, então, morreu. Não morrera antes, com Tião ou

Maria: morreu depois, com a vida. Morreu no dia em que morreu no fogo. E se antes estava, agora já não está mais. Depois, mais nada: de maneira que só é concebível e eterno enquanto foi, por isso será José, esse nome tão passável, não passageiro.

5.

Eu penso que há muito ainda nesse mundo. Digo... todo conhecimento vem da dúvida e resulta numa conclusão de convenções. Entre muitas outras razões é por isso que não gosto do estudo. Principalmente por não podermos dar nossas próprias conclusões com argumentos tão falhos ou certos quanto os recebidos.

Há em mim uma necessidade visceral – de criar – que vem da decepção e do desejo de vingança. Encasquetei que a glória e genialidade me dariam o conforto, o respeito ou o poder. Mas - o que faz uma palavra (é coisa que não sei).

Parece-me que o ser humano caminha à ditadura capitalista com a mesma com que caminha à defesa do que é agora ou ao ataque inexpressivo do que é também agora. Não tenho fatos que me provem – apenas um sentimento.

Mas para isso é preciso também fazer alguma coisa.

Ah! Isso sempre. Temos que nos mexer, não é?

Aliás, agora percebo que o homem é fisicamente e psicologicamente instinto. Não posso negar a razão, apenas o racionalismo,

porque há em cada coisa uma razão de sobrevivência. Mas pode ser que também não haja.

Mas é sobretudo ilusão. O homem é ilusão.

E bastam-me poucos dias para que eu me sinta mal e para que eu melhore.

É esse tipo de coisa que acho terrível: riscaria toda essa aridez feliz da vida. Mas não vou fazer porque alguém pode achar aqui alguma qualidade.

(Andava na minha mão uma formiga enquanto eu escrevia. O homem me pediu o livro emprestado porque faltou na outra aula. E então ao voltar a escrever esmaguei a formiga. Arrependi-me. E acabei de esmagá-la. Alguém podia me esmagar de repente. Eu não criaria mais nada e todos, inclusive eu mesmo, seríamos muito gratos por isso, mas eu ficaria muito putado e me deprimia se penso nisso.)

Apesar de que... Ah! Eu estou cansado.

É o cansaço que faz esforço para pesar as pernas e jorrar sangue pelos poros de suor por que não sudo. E porque me protejo de tudo me afastado de mim mesmo: faço imagens vertiginosas de cada coisa, até que não sejam mas ameaça: tédio apenas.

Cansa-me sobretudo eu mesmo – etc.

Essa vida também – mas que afinal se poderia perceber que o que existe no início e no final é a fatalidade, e dentro disso qualquer coisa.

É horrível. Não desejo para ninguém que exista.

6.

Aprendi a fazer efeitos de fogos de artifício.

Nenhum artista fala da criação, porque fala-se sempre de Deus. De uma forma distante e refinada, como se a permissão para o sonho não estivesse sob a pele, mas na esperança. Afinal, o objetivo talvez seja, ou bem ou mal, a transcendência.

Tenho tido estado – muito desesperado.

Aprendi a fazer efeitos de fogos de artifício.

E como qualquer coisa se sente e se nega, se leva para longe, para que não apodreça perto de nós: todo mundo nega o mundo e gera dúvidas para negá-las pelo que já vem se compondo de decomposição da poesia. É tudo em seguida de tudo.

Aprendi a fazer efeitos de fogos de artifício.

Quem afinal admitiria um egocentrismo, um sentimento honesto? Talvez porque admitir exija um ouvinte, e é impossível ser sem tentar se afirmar – se há testemunha. Tenho tentado preencher cada espaço vazio com uma pré-concepção. Mas isso fazem todos. Não posso me isolar, ainda que eles estejam planejando coisas que desconheço, à meia boca, também fiz o mesmo, faço de vez em quando, e os que nos rodeiam e não participam dos estratagemas não me parecem então figuras tão dignas de que eu me importe com elas. Ergo sobre cada pré-concepção um mundo, na verdade meu mundo – que construí com as sucatas que fui encontrando, agora não posso me desfazer delas, terei que achar outras, mais vale fica com essas dizendo que são da melhor qualidade – ou que são ruins, se assim parecer mais vantajoso de se dizer. O mundo é o mesmo.

E o mesmo mundo – está apenas sob outras lentes, mais densas, convexas ou convergentes, de qualquer forma há sempre lentes, amolecidas, pré-moldadas ou não – estão lá, e não saberemos dizer de onde vêm senão da própria percepção de mundo, e do que ele é, o que se espera, o que tenta, o que se faz para que não venha o sentimento incorrigível e incomunicável do fracasso. Mas cada pedra é a mesma pedra, dizem-me esses óculos antigos e tortos, ou novos e possantes, conforme preferir. E não precisaria nem mudar o mundo em si para que o passado retornasse: só as lentes. Isso porque estou muito solto, dentro desta prisão que é dizer.

Há o calor e há a desconfiança. Parece-me que todos amam. Todos. Amei também, como no sentido comum e apaixonado, e então não amei, só tive vontade – que depois virou obsessão e patologia. Mas não se interessaram pelos estudos da doença, de maneira que continuo num buraco de apartamento e não apareci na TV. É uma ordem de súplica para que não se perca de direção essa embarcação simplória, para se ver Deus, para sustentar em bengala de pau o que vai caminhando e é vida.

Vejo a cada momento uma aranha. Se durmo, ela sobe em mim, no meu pescoço, mete as patas pelos meus olhos, e as patas são crespas, arranham, agarram-se ao meu nariz e o ferrão parece que penetrará a pele e inoculará qualquer veneno terrível que não mata, que se recusa a matar. No escuro sinto animais que me farejam e têm focinhos frios, olhos terríveis que se mantêm fechados porque se se abrirem verei a terrível verdade de onde provêm. Touros que me atacam de súbito, no meio da rua, num quarto, e correrão nervosos por todo o espaço, em violência,

buscando agressividade. Tudo isso é Deus, diz-me o que sinto, tudo isso é Maria e esperança, diz-me o que sinto.

Mas sou igualmente capaz de conservar planejados equilíbrios e bons sentimentos, pensamentos que me dão a paz na tarde, apesar de um verme de desconforto ou sufoco permanecer com o trabalho laborioso de roer o coração ou o cérebro, alternadamente. Não sei mais quem sou: nunca soube. Nunca soube viver, apesar de sempre tê-lo feito irremediavelmente. Essa música fúnebre que vem da dúvida de certeza é o que me tem posto de pé todas as manhãs – porque não sei se falarão muito mal de mim se eu perder o emprego, por exemplo. Além do que nunca conheci os homens dos livros, estampados em grupos de poesia, em bebida, em mentes atormentadas - mas afinal em conforto com esse tormento. Só encontro o que é homem, o que é gente, não o que é papel ou película, isso pertence aos que as criaram conforme queriam que fosse o mundo – assim se faz toda a arte, se assim deram o nome.

É – este tempo que passa – o que me permite observar a minha própria vida pelas coisas além da mera desgraça ou do auto-padecimento. E me esqueço do que afinal pretendia, me esqueço do que era necessidade e do que já é vício, vício que não é necessidade, é qualquer outra coisa, qualquer outra coisa, é outra coisa que não esta.

De fato deve ser isso o inferno: ser um nome, e apenas um nome; um adjetivo, e apenas um adjetivo; não adianta gritar ou argumentar: terá esse nome, e esse adjetivo, e se quiser tem um local próprio para reclamações, com uma fila e formulários, que até te mudarão de nome, mas então você percebe que é mais sutil a questão, que é mais psicológica,

que é fixa, e o fixo não era o nome, mas a paisagem que enxergam ao te ver. A paisagem é vasta, mas é simples, não é complexa, muda um pouco, mas só um pouco, você até percebe, mas de qualquer forma é fixa e não corresponderá às expectativas, tuas ou de outros, e “outros” é vago, mas mais vago é “tuas”.

Então tudo que faço é uma mentira, meu gesto revela minha falsidade, meus esquemas de impressões, os livros que li, os objetos que quis comprar. Meu esconderijo é uma poça, será seca conforme passar por cima um carro, pessoas, vir o sol, um cão ter sede. Se fará ridículo, um homem na lama, escondido sob as águas, sob uma poça – ao menos fosse mar. Mas não será suficiente, eu tenho outros buracos como todos os têm, e todo mundo é destampado freqüentemente, se reconstitui freqüentemente, um acordo de esquecimento é firmado freqüentemente – tudo o mais se faz riso entre conversas ao pé do ouvido, ou até à mesa.

Mas permanece a neurose. A neurose. Assim penso para que eu não seja tão solitário, ou porque assim me parece, ou digo isso agora certo de que nada é muito fixo, e a afirmação é tão falha quanto qualquer argumento – mas preciso afirmar (quem não precisa?). Pouco importa de onde vem essa necessidade – de onde vem essa necessidade?

Parece-me que é indispensável sobretudo a lucidez. Digo: eu enlouqueço, é certo, mas devo sobretudo ter certeza disso e observar-me, como me observam secretamente. Vivo entre dois mundos que alguns considerariam opostos, outros veriam que afinal as coisas não são duas que se digladiam, mas muitas – que se odeiam, fazem acordos de paz,

voltam à luta, cessam. Conforme há vida e nossas vozes vão ecoando pelo vento.

Permanecemos de qualquer forma como este mundo incrustado na carne desconhecida, o céu vazio, o amor pouco – confirmado como ato, apenas ato.

E todas as afirmações.

Tenho uma necessidade fatal de sonhar. Mas também nem é assim tão grande. Sonho com tudo. Contudo, sonho com o que é realidade. Mas não sei o que é realidade.

Meu pesadelo é existir.

Ou, antes: o pesadelo é que os outros existam.

7.

Existem muitas formas de dizer as coisas: diretamente, por monólogos, diálogos, cenas, associações de palavras, grandes descrições... Mesmo que não tenham intenção de dizer nada específico.

O problema é que eu me convença disso e não me espete tanto diante do que faço – e não diga então tolices, seja lá o que seja isso.

De qualquer forma, as coisas mais belas são ditas de muitas formas, e não precisam estar tão explícitas ou tão de acordo com esse conceito de beleza reacionário e estranho que carrego.

8.

Eu vou voltar. Eu vou voltar. Eu vou voltar.

José ia pensando: “Que vou fazer agora? Que isso? Você sempre falou como se eu não fosse uma ameaça, e quisesse justamente ameaça”.

José de Qualquer Coisa permaneceu ainda imóvel à porta do bar vermelho-álcool. Então permanecia. Sua vida fora sempre isso – permanecer. Mesmo quando as coisas passavam e vinham novos tempos, afinal permanecia uma chama que era ele mesmo, mas incomodava - uma chama de impotência. Imóvel é o que era e fora sempre, santificado pelos membros estáticos que não se voltam com fúria para nenhum corpo que oprima, seja dos outros, seja seu mesmo. Até a voz, aparentemente livre e inofensiva, nunca fora usada senão para dizer obrigado ou dar uma risada de simpatia. Amaldiçoado pela palavra de cada bota que o contava – porque eram muitos os que o faziam.

Lembro-me perfeitamente do final de semana. Eu estaria com folhas nos braços me esgueirando por cômodos, que na sala vovó conversava com mamãe, e do quarto irmãzinha respondia. Mas para que a irritação, para que esta insatisfação? No almoço irmãzinha reinaria, recontando histórias, mas afinal também o faria vovó, papai, mamãe. Meu caso era, pelo menos para mim que me via em ambas as circunstâncias, distinto: só o faria com Maria, não com os outros, sobretudo os de casa.

No almoço, ainda no almoço, perguntariam se eu não queria mais arroz, tem mais arroz lá na geladeira para esquentar, tem sorvete no congelador – eu já sabia disso. Chuparia uma tangerina, se fosse época, ou uma laranja. Às vezes, só às vezes, acharia um verme, com uma ponta preta do corpo, andando gordo, fazendo ondas pelo prato. Esmaga-lo-ia

com o guardanapo. Às vezes, só às vezes, berraria: um verme. Outras apenas o esmagaria e o jogaria fora, sem dar qualquer anúncio do ocorrido.

Por outro lado, também não foi sempre que evitei o contato humano. O toque físico, a presença de um outro corpo fazendo digestão e suando ao lado do seu – é verdade que sempre me causou uma comoção desagradável. Exceto se eu pensava em Maria – ela eu queria ao meu lado, justamente suando. Fora ela, a proximidade de outra pessoa me causava pelo menos um desconforto e uma procura por encontrar o odor dessa presença, lamentar esse odor, maldizer o corpo humano. Maria raramente demonstrou mau hálito, mas demonstrou também. Por muito tempo usei essa imagem brevemente existida para fustigar a cabeça ou me elevar em relação a ela. Mas era então Maria que evitava, apesar de dizer “ah! Não seja tão dramático”, se eu abertamente falava do assunto, porque o olhar pesado e o ar de decadência e perdição que lhe destinava para que percebesse ou sentisse pena, se causavam algo, não era suficiente para levá-la à fala por conta própria.

No entanto...

Como também no almoço, se não houvesse vovó, falaria mal de vovó, e eu também o faria, se estivesse com vontade de falar no dia. A culpa que poderia sentir não era suficiente para me calar: o que me faria parar depois de começado seria apenas a constatação filosófica da degradação humana no fim da vida, da hipocrisia dos que nos amam e, depois, do quão insignificante é também não falar mal de alguém.

Vovó, mamãe e irmãzinha buscavam minha opinião, não porque dariam importância a ela, mas porque se sentiam um pouco mal diante do

meu silêncio, apesar de ter se tornado, a bem dizer, um hábito revelador. Quando saí de casa, simultaneamente, sentia o mesmo asco e também a saudade, a presença fixa e imutável dessas mulheres criadas no seio da vida pré-concebida que não faziam mais que bolos e lavar roupa, mas que davam o conforto que não mais acharia em nenhum lugar, ainda que estivesse certo de que o sossego viria um dia – talvez com este livro.

Ora, que ironia - e terás razão.

Também não devemos nos dedicar tanto à auto-degradação: isso é coisa que se verá pela nossa forma de dizer as coisas, pela nossa forma de falar ou agir, e afinal dizer “gritou” é mais interessante que falar “gritou começando com um u e o abrindo, até que formasse a” se se quer deixar quem lê mais aberto à imaginação, mas afinal não é obrigatório. O que é pena. Apesar de buscar a liberdade incondicional, só me firmo em obrigatoriedades, só nelas encontro algum tipo de solo rochoso que não ofereça perigo de deslizamento, mesmo que valorize o perigo.

Ocorre que muito do que faço é por achar que é valoroso, e sigo uma moral estranha, diversa, que foi entregue pelas próprias coisas a que destino minha repulsa. Grande parte do meu sistema de moral que me lança aos atos, gestos e pensamentos não é mais que a tentativa última e desesperada de aparecer, seja lá para que sirva isso, se retorna a uma infância de rejeição, à rejeição da adolescência, à solidão, qualquer outra coisa ou apenas a um distúrbio fisiológico de alguém que teve a vida que tiveram todos, mas não respondeu da mesma forma à maneira de digerir e esconder as decepções. Ou fez como todos, só que escreveu, e tentou pôr isso no que escreveu.

Mas pode ser que não.

Ou então quando eu comia uma tangerina, saía da mesa, e quando voltava meu pai me oferecia uma tangerina, porque não havia reparado que eu havia chupado uma. Isso me irritava. Mas me irritaria também se ele dissesse: ele comeu uma tangerina, que eu vi. Tudo afinal me irritaria, me irrita ainda hoje, e não posso dizer que a culpa seja das coisas. Somos todos culpados, o julgamento que destinamos às coisas é a mesma condenação que já podemos destinar a nós mesmo. Que haja homem inocente neste terra é coisa que não se pode afirmar, mas posso me contentar em dizer que somos todos testemunhas do erro dos outros, da culpa dos outros, independente da moral que nos defina ou nos faça duvidar. E se por um momento não admitimos a culpabilidade do criminoso que somos todos – é por uma maior facilidade de se ir levando a consciência.

Cada julgamento que bolamos meticulosamente – e nenhuma História que fizemos salvou alguém, porque de fato ninguém salvou nada. Independente dos mártires e das imagens – que diferença fará? Pouco importa seja rei, camponês, ninguém te compreenderá, desde que fale como eles ou fale diferente deles, virá logo alguma centena pensar que você faz o contrário do que você pensa que faz, e afinal quem poderá dizer que estão errados? São culpados pelo que dizem, mas você o é pelo que pensa ou pelo que não diz. É um resquício cristão – quem saberá? -, mas chegou um tempo em que não basta falar mal dos cristãos e deixar passar os demais: é necessário que falemos mal de todos, sobretudo de nós

mesmos, até que esse ato seja uma obrigatoriedade e não tenha mais qualquer significado.

Então não sei o que nos parecerá.

Mas pouco importa tantas objeções ou conjecturas, estas mal aprumadas tábuas que a razão nos põe saindo do coração para que se tenha acesso ao exterior sem saltos tão complicados. A isso chamaríamos de linguagem, mas talvez não seja verdade.

Todas as formas de dizer eu te amo são vagas e utilizadas em vão. Eu sonho em ficar sobre uma ponte e atrás de mim uma paisagem cinza, meio ocre, e eu teria um cigarro e isso seria uma foto. Ali eu viveria para sempre, quem me olhasse veria um ambiente de conforto e capacidade de lidar com os demônios, com as adversidades e um respeito enorme, um faltar de sofrimento, ainda que a biografia indicasse os mais terríveis desconfortos e humilhações pelos fatos da vida – porque na foto não haveria fatos, tudo já teria passado, eu seria uma lembrança digamos grandiloqüente, sentimental, moldada sobretudo para o gozo de Maria.

Mas não sei se posso dizer irritação... era o que eu dizia em algum lugar. Já não sei, já me perdi nesse monólogo sem tanta revolução lingüística, e se houvesse não seria mais que pôr meia dúzia de palavras ao contrário. Inútil escrever como a bíblia. Mas não importa, eu falava de monólogos... Prefiro as cenas, ainda que nelas também eu me mate de como afinal poderiam ser escritas de diversos ritmos. Mas ao menos distraem um pouco mais, são mais suscetíveis a interpretações diversas, se assim desejam.

Digo o que você quiser ouvir – para que me considerar o que você melhor considerar?

Então dessas frases poderiam sair longas reflexões sobre minha necessidade de pureza. Mas que importa? Farão isso por mim. Ou se essas folhas pegarem fogo, ou eu morrer e ninguém as ler – também pouco importará.

Mentira, muito importa.

Apesar dessa aparente indiferença fico aterrorizado. Confesso. Mas a confissão não é suficiente, nossa sentença não foi dada. Somos julgados metodicamente, revirados, e a sentença não é dada. Talvez nem haja, mas é certo que já há o tribunal e a lei, essa comiseração dos fatos, essa confluência das forças mais bem situadas – e que seja em qualquer plano, do social ao metafísico: qualquer lei é um reflexo de mentes incapazes, mesmo que neguem a lei mais tarde.

E aqui talvez indiquem meu anti-anarquismo. Mas não é verdade. Só querem usar o esfregão como melhor lhes convir, as placas como melhor lhes convir – essas coisas.

Ou pior – foda-se.

Mentira, me importo com tudo. E talvez nessa importância que dou ao que não é vida, e mesmo ao que é vida mas é sofrimento e memória e falta constante de Maria, mesmo que seja atingida - resida toda essa bíblia de desgraçados.

9.

José não tinha fome porque era homem duro, feito na costa, feito cor de ferro, no chão duro de cimento ou terra batida, terra batida pelos deuses, feito dentro da água escura de amálgama, fria, muito fria; feito na barriga cheia de intestino e no crânio cheio de miolo, mas no peito, meu Deus, que tão inexistente coração!

É necessário que uma coisa se faça dita: é a lenda dos homens que espreitam os homens, que também espreitam outros, e formam um círculo, uma esfera, a que se dá o nome de mundo e não se apaga da memória – nem com fogo nem com morte.

10.

(É necessário que falemos ou com mais raiva, tu com mais raiva, nós com mais raiva, ou com mais comiseração.)

José já havia deixado a porta. José deixou a porta do bar, mas isso já havia feito antes, antes mesmo dessas linhas últimas. E o corredor que se seguia então era de um amarelo doentio, muitas sombras se arrastavam para as quinas. Mas pode ser que tudo fosse uma luz branca de hospital, azulejos imundos por toda parte, e um ar de açougue ou de clínica clandestina em que mortos são envoltos em toalhas de mesa. Serão comidos, afinal: é justo.

As pernas já tomavam ritmo, primeiro uma, depois a outra, como havia aprendido para que pudesse freqüentar as ruas – quando parou numa encruzilhada de corredores. Havia então dois corredores, mais o de onde vinha José, e na junção comum daqueles dois estava sentada uma família.

José tinha certeza de que imperava no homem e na mulher a dúvida, mas também o hábito de estarem juntos. Foram parar ali até então com muita segurança e determinação, porque o corredor era afinal um só, muitas portas, mas um só. Agora contudo não se pode dizer que o caminho fosse um só, porque o caminho se dividia em dois, e em quantos mais se dividiria mais para frente... Ou até que depois se unissem novamente... De qualquer forma o corredor que se escolhesse implicaria que não se passasse pelo outro, e este fosse apenas um ponto na imaginação – mas assim é tanta coisa. Só que isso não era consolo. Pouca coisa, aliás, serve de consolo.

Da mesma forma que a possibilidade de cisão tomava-lhes com força as entranhas, arranhava-lhes os músculos, sulcava na pele valas enormes que não eram covas abertas para cadáveres vindouros, mas marcas do tempo, do tempo em que qualquer forma veio e virá – espera-se.

Esperar é o que fazem.

Sempre tivera uma dúvida – José – que não era a dúvida de ser José, mas a de, por exemplo, deitado numa roda, não poder deitar de barriga para cima, senão a coluna quebrava. Mas podia deitar de bruços, que não acontecia nada. Numa rede, entretanto, ocorria o contrário. Sua dúvida era então quanto aos interiores e os exteriores...

(E até certo ponto tal fato impressiona este livro, apesar de eu não ter qualquer coisa. Não tinha quando comecei, não tenho agora, não tem final porque não tem início, e quem me disse isso foi o homem quer vai escrever a contracapa que vai para as livrarias, mas não só ele. E é aí então que se esbarra o poder de visão: teve início, isso é um meio, e haverá fim.

Tudo tem um fim, se assim se pode dizer. A existência deste livro é a existência deste livro, a partir dela o que brota não é a existência do livro necessariamente, mas a inutilidade advinda de uma existência alheia e indiferente e a condenação de ela haver enquanto há, não sendo não mais como se ser, não sendo, e é por isso sempre. Faço tudo com uma intenção só: não sei.)

11.

Às vezes imagino como eu teria fodido Maria. Ela é que se tacaria em cima de mim, num dia de nossa adolescência em que. Mentira. Eu a fudi realmente. Mentira.

Era numa noite de nossa adolescência em que fui à casa dela. Não sei por que, mas fui. E por alguma razão ficamos sozinhos, foram todos embora, inclusive seus próprios pais, todos foram embora. Ela então se tacou em cima de mim em sua cama. Mas não foi assim, eu deitei primeiro na cama dela, cansado, e minha calça *jeans* desbotada era muito *sexy*. Então ela, brincando, encostou na minha barriga, enlaçamo-nos, beijamo-nos, fudemo-nos.

Ela ficou em cima de mim. Eu falei “agora se mexe”, ela riu e disse “não, não vou fazer isso”, mas eu já a tinha penetrado, só faltava que se mexesse. Então eu disse “porra, per aí então”. Fiz com que deitasse na cama, e eu então, indo por cima dela, a penetrei.

- Ta? – perguntei.

- Ta – disse ela dando de ombros, olhando para o teto.

Seus seios ficariam balançando e ela olhando para o lado, com tudo balançando, e ajeitaria o cabelo às vezes, levaria a mão ao sexo às vezes.

Dormimos juntos e acordamos sem graça, muito envergonhados pelo fato de termos dormido juntos.

Depois ela me disse que estava grávida. Ainda estávamos no colegial, então foi uma experiência sexual ter a mãe dos seus filhos estudando do seu lado e teu filho em casa, ou andando no meio de vocês dois, com ares adolescentes.

O mesmo sentiu José diante do caminho que se duplicava: sentiu tudo que podia ter sido, porque já se pensava em um dos dois caminhos;

“E se... o outro...”, mas fora por aquele. Só que ainda estava parado, sem saber o que escolher, se tudo é escolha.

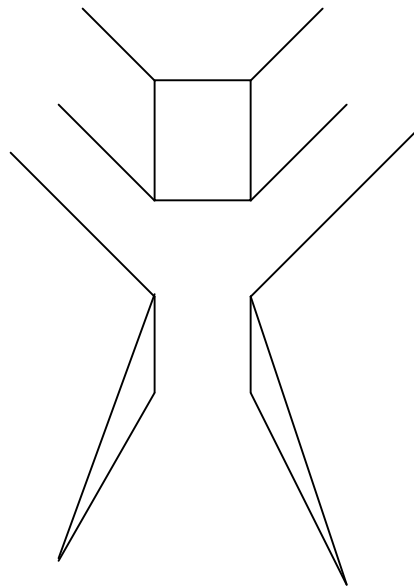
Sentiu o sabor da morte. Era o mesmo sabor e o mesmo odor que experimentava na adolescência, mas então era o cheiro do rio quando não chovia por muitos dias. Em qualquer um dos corredores se desfaria a certeza e uma torre de dúvida se ergueria no coração – mas afinal, quantas torres já haveria?

Nenhuma, se poderia então responder, que José não tinha a dúvida senão como obrigação e estilo de vida. Muitos adotam o seu, outros criam o que de algum lugar foi tirado, e afinal não criam nada; o de José era apenas mais um de tantos ways of life.

Teria que ir por algum dos dois corredores, para então se acostumar pouco-a-pouco.

Até que toparia com outros caminhos, e a memória que se revigoraria, porque o esquecimento pode se esquivar diante de alguns pontos da vida. Mas que também não se pense isso como regra. Não há grandes regras, e as mais amplas regras pecam por serem tão abrangentes, como qualquer outra pecaria por diminuir tanto o espaço de ação e realização dessas coisas que vamos vivendo.

Era uma forma assim, ó, a forma (dos caminhos):



Assim mesmo: como se fosse uma pessoa arreganhada.

12.

Estava sentado o velho, sua esposa e três crianças. Estavam sentados todos na verdade. Digo: a mulher (de avental) estava de pé. O resto sentado – e todos de frente para o caminho único, olhando-o.

Não sei o que esperavam, mas esperavam como José também esperava. Não há diferença entre eles. Ocorre que uns andam, outros se distraem dos que andam, e não sei que é mais admirável ou justo. De qualquer forma estão todos no caminho, ainda que não se saiba o que seguir, o que possam ser esses sussurros.

Atrás do velho, acima da sua cabeça, uma foto estava pendurada. Era em preto e branco: uma criança de branco sentada num gramado vasto. Ao seu lado um homem de preto, com a roupa apertada, também sentado. Era muito magro, os lábios enegrecidos. Poderia estar olhando com fome, mas estava apenas olhando. A criança olhava para a câmera; sorria, assustada. E atrás do velho, acima da foto, uma janela torta: via-se a lua, algumas estrelas, o vento que ia regurgitando pelo céu azul escuro, azul muito escuro.

Todos me olharam: o velho, a esposa, as três crianças. E os três voltaram a olhar para frente, o velho para os lados, a esposa para o chão. Um relógio marcava a hora, majestoso apesar da batida velha. O velho olhava-o. Aproximei-me para ver a foto, porque agora eu estava sem saber onde pôr as mãos ou como me portar.

Era um general – ou uma mulher pobre que brincava com roupas de poderosos. Não sei. Ou era uma boca aberta, focada cheia de dentes, alguns faltando.

O velho puxou o banco para o lado, para que eu encontrasse conforto. E veio de algum dos corredores um homem de terno e sua mulher de casaco de pele. Ele tinha uma bengala, ela tinha um xale. Ela tirou da bolsa um cartão, ele olhou o cartão.

- Aqui...

Ele leu, nada disse, apontou para um dos lados.

- É para cá então.

E foram pelo corredor da direita.

13.

Tu, José, pra onde vai?

Olha-me nos olhos (com teus olhos), só não diga que não os têm.

Não quero mais os meus. Eu tenho olhos. Mas não quero mais os meus.

E se for

E é

José que caminha

Nasce José

Cresce qualquer coisa

Morre José

E foi, e é, enquanto for ou permitirem, e só será enquanto for.

O que eu sinto é extremamente simples: imagino-me constantemente sendo outro, eu sendo negro, francês, morando lá, qualquer coisa. Coisas simples realmente, seguindo as boas palavras. Ao voltar a mim, seja lá o que isso seja, contudo, o que sinto é não sentir nada, porque já duvido *do que eu possa sentir*.

Quando muito, pena.

14.

Pensei muito ainda em ir pela esquerda, mesmo que já houvesse gente que fora para a direita, até sem perceber ou pensar muito. Ao me aproximar da foto, vi José, vi repetidos truques de quem não tem o que dizer senão lamentar-se – e por isso fala muito. José se aproximou da foto, e fui eu que vi, vazando pelos corredores da esquerda e da direita, indo paralelo ao corredor único, um outro corredor – outros dois na verdade, um de cada lado. As portas, os cômodos, os doentes em macas em salas de espera e TV ligada... não estavam mais do que num corredor igualmente.

Eram muito discretos, e se José logo virasse para as pessoas sentadas já se esqueceria do que havia visto, ficaria só a imagem na minha cabeça. Hesitei então, no meio deles, se ia para trás, para a direita, para a esquerda... ou se ficava ali e via a lua, esperava até que sumisse do retângulo torto da janela.

Uma lâmpada piscava, e minha alegoria de entrar em desespero não viria a acontecer. Fui para a direita porque já havia ido gente por ali.

Logo virei a curva vi os dois caminhos que se uniam novamente. Os outros que eram imagem são só certeza – e não sei o que fariam.

O que me parece é que... Digo: todo mundo tem alguma coisa. Parece-me que essas gentes na rua... Que cada um tem um cômodo que lhe dê algum conforto, um cheiro confortável que lhe lembre, sem dor, de qualquer coisa, o natal com luz atrás das cortinas e as tardes que caem sobre as casas com televisões ligadas.

Mas eles não têm em casa afinal um cômodo que lhes dê conforto, um cheiro confortável, o natal com luz atrás das cortinas e tardes que caem sobre as televisões das casas. Toda a filosofia se baseia em buscar a vida. Isso é básico, é vulgar, é animal. Não sei o que é do homem senão a ilusão.

Quer dizer: é. Mas se tem ainda coisa...

Quer dizer, ou digo – se direi -: tem menos que isso, e fica pior a cada dia (toda filosofia se baseia em afirmar qualquer coisa).

Então é isso: andei pelo corredor, passaram por mim gentes de roupa boa, vi uma janela que dava para o corredor e lá dentro um espetáculo de marionetes e palhaços e ninguém que assistia, no final do corredor (porque cheguei ao final do corredor) vi o suficiente para que se pudesse ver ali qualquer coisa, o que bem se entendesse, ou até nada.

E um porteiro me abriu uma porta, um porteiro que me lembra elevador, cheiro de comida, tapete de noite num prédio.

Ali então havia uma festa.

PURGATÓRIO

1.

- Ora, ora, companheiro Gomes! – foi o que ninguém disse de novo. Tivesse dito – e daí?

Sempre me achei muito sensível. Sempre. Mas procuro sentir tudo e nada me causa sentimento. Mas todo mundo sendo com coisa pequena. Mas eu sinto – eu não sei se... eu.

Mas pára, moço, pára – e olha a boca.

É isso que diz a velha cheia de pulseiras e brincos atrás da porta da festa. Atrás da porta da festa.

(Eu não sei mais como falar, mas são esses cachos de dúvida que se penduram mesmo? Afinal, ninguém mais leva isso a sério, e com razão... É para você imaginar o seguinte: há muitos prédios, as cidades independente do que ocorra vão se acender e de manhã se apagar, enquanto padarias com cheiro de café e pessoas que vão para o trabalho conservam alguma lâmpada branca acesa. Mas isso não é importante. Acabe a luz, não acabe a luz, as ruas enormes, suspensas, que cortam as cidades, os carros, os prédios com propagandas, as vizinhanças abafadas e com cheiro de bar, as famílias indo almoçar... Todos permanecerão. Em algum lugar está o homem simples do campo, esse também permanecerá, e independente do que ocorra será o homem simples do campo. Mas há muito já não é tão simples, a mão que o afaga é a mesma que o fazia antes, mas agora tem fios e contratos. Então é nesse ponto que você deve imaginar: se tudo isso fosse uma espera, e toda a espera que conservamos,

nossas angústias, nossos medos, fossem diariamente recolhidos enquanto dormimos e depositados no mundo fizéssemos... A ordem.)

É para você imaginar o seguinte: abri a porta, entrei numa sala ampla, muito ampla, cheia de gente. Pode ser uma boate ou um jantar apenas, alguma reunião decadente ou alguma dança animada e nervosa, ou esses churrascos dos anos 1980, apartamentos de noite com lanche. Então entro, vou ao banheiro. E aí lá dentro encontro Tião e Maria e a gente tem um diálogo que não vou ter capacidade de escrever, não porque não possa, mas porque pus na cabeça que devia ser fantástico, englobar tudo, ser tudo, e só poderá ser uma coisa, uma coisa que vai mudar, é certo, mas nunca vai ser qualquer coisa ao mesmo tempo.

Mas era aí.

2.

Já não sei ao certo. É merda – tenho certeza -, mas não sei; pode ser que nem seja. Pode ser até que nem seja isso.

José de qualquer coisa perdeu o rumo – há tanto -, mesmo que tivesse seguido os rumos. E espero poder recuperar alguma coisa quando for procurar algum editor. Esse medo... cobre não só o futuro prático e óbvio, mas toda abstração de fatos futuros. Creio que eu esquecesse se...

Creio que eu devesse conservá-lo, mas sem permitir que me paralisasse. Ele poderia gerar bons frutos, se afinal cismo que preciso criar. Mesmo que seja só por cismar que preciso. E criar entre estas trevas é tentador, mas não é bom. Todas estas disfarçadas mediocridades. Estou

farto. Peço que você não me venha com comentários, não me venha com vontade ou sede. Se eu for ridículo, que me deixe ser ridículo sozinho, imagine que seja contagioso e sai. Também se for vir com louros, dane-se, dê para qualquer outro que incondicionalmente ficaria satisfeito com eles, não duvidaria deles, nada disso.

Parece-me que é necessário antes de tudo me exhibir cortado, exposto, para que me observem e me comentem as vísceras, as marcas do corpo. José de qualquer coisa é horrível, mas talvez só o fato de publicá-lo possa liberar algum conceito moral litiginoso que insiste em bloquear a boa tranqüilidade de se deparar com a criatura.

Talvez seja o mesmo mal de Deus, e nos aproximemos na insegurança.

Exijo-me, odeio-me e rogo que suores na água, cidades enormes na terra (que me engolirão e me engolirá), reunião de pessoas em torno de cursos, aulas, trabalhos, projetos... Que tudo vá para o inferno, para o inferno, para o inferno.

O mundo triunfará sobre qualquer coisa, como até agora e para sempre.

Sou fraco. Sou muito fraco. Apesar de mais forte do que qualquer um – sou muito fraco.

3.

Entrei no banheiro porque não havia onde sentar – e não conhecia ninguém. É certo que há também sempre a possibilidade de o banheiro

estar cheio, mas foi para lá que fui. Além do que... banheiros fedem, mas foi para lá que fui. Não sei por que fedem, não compreendo, e tento compreender: se entro num banheiro compreendo o que é o homem, o que procura, o que encontro, com o que se satisfaz. Toma-me o sexo, a coletividade, o destino de todas as coisas, a incompreensão entre os homens, a redução de tudo ao cheiro e só ao cheiro. Então passa alguém do lado de fora (e passou alguém do lado de fora) e me faço todo nervo, osso e carne. Imagino o que a pessoa sentiria ao sentir o cheiro que vem do banheiro, então penso em Maria no banheiro, Maria entre aqueles que fundiram o cheiro nessas paredes, eu entre um desses homens, dessas pessoas. Mas isso eu já havia falado.

Então é José no banheiro.

Imagino também Maria copulando com um homem na cabine do lado da que estou (não uso aqueles malditos mictórios). Ouvi um ruído de gemido e de água, as águas sendo esfregadas e peles socadas. E a sombra de duas pessoas entrando pela minha cabine, vindo da do lado. Uma sombra difusa, mas que se balançava, e um deles jogava a cabeça para trás, enquanto o outro, gordo e majestoso, sacudia-se feito cobra de lama. Era uma sombra difusa, imprecisa como tudo, vaga - mas percebi tudo isso.

Então José no banheiro, e Maria e Tião descobertos trepando na cabine ao lado.

Ouvi uma risada de Maria, e como puxava o ar entre os dentes e o soltava com um gemido, como se doesse mas sentisse prazer com a dor... Quando novos, matava-me o fato de Maria entrar na sala de aula sem se demorar ali ou sentar na cadeira da minha frente, puxando assunto como

se quisesse algo ou, antes, esperasse e tentasse chegar a alguma coisa sexual advinda de mim. E eu, feito um macho gordo e satisfeito, faria piadas que seriam recebidas com largos sorrisos e olhos que, cheios de esperança, seriam espera e entrega.

Mas ela ia para o corredor, ali comemorava coitos, passavam pessoas. Como também dias havia... Já não me lembro. Apesar de que prevalecia nos olhos de Maria o mesmo vazio de procurar em cada membro a morte, em cada membro uma faca que tivesse não a vontade, mas a capacidade de matá-la, esfaqueá-la, deixá-la exposta, imunda, cortada – até que todos vissem, todos pudessem ver o que havia lá dentro de incerto e lastimável. E eis então, afinal, a síntese da vida sexual: o instinto e o insucesso, porque os corpos não se fundem, o amor não permite que as pessoas se conheçam ou se toquem, o amor não exige mais do que o ato ou a idealização, e após o ato está o vazio e o subterfúgio, o ciúme sexual que já havia antes e há de haver ainda.

Essa constatação no desprezo com que se despiram, na incapacidade de se ver nos olhos a realização, a existência, a própria alma revelada como uma verdade, como um segredo nunca revelado ou, e a certeza disso, só agora revelado, e nunca mais - não: porque na decadência dos corpos e das almas, entre o espaço de um e de outro, por mais apertado que seja o coito, se estende o vazio e o vazio é tudo. Arma-se contra tudo que for vida e violação, mas o desejo afinal impele à violação de si, e que também se viole – esse instinto inútil de se cavar a escuridão e só ver abismo e raiz, raízes, muitas delas, frias e ásperas. Que machuquem a pele e lancem a vertigem ao coração. Erguem-se barricadas (assim ergui

a minha) até que morre. Morre-se. Ponto. Não foram felizes, mas diziam que eram, pensavam que eram, e afinal se meia dúzia pensar que não – que diferença faz?

Eu só fiquei puto. E depois perguntei: o que é que houve? Não querendo ouvir a resposta terrível. Mas havia silêncio. Nem uma risada ou uma voz de ofensa e frieza. O silêncio apenas.

Como há de se concordar, e há de não se discordar - que é necessária a presença do triste, do espancado. As idéias humanas, os atos humanos, consistem-se muito no teor que haja de superioridade e inferioridade, culpa e vontade de ferir. Nisso se formam os conceitos de eu, as coragens, as comidas.

Trocar as coisas ninguém troca. Estranhar ninguém estranha senão no manual de filosofia.

Mas talvez nem seja assim.

4.

Apesar de que muito disso tudo eu gostaria de pôr no diálogo a seguir – entre José, Tião e Maria.

A incompetência, contudo, me impede.

Bem como... também preciso parecer ruim e desagradável.

Saí da cabine sem dar descarga, e meus nervos esfaqueavam o peito. Hesitei no banheiro. Meti então os olhos na greta entre a porta e a parede. Maria de quatro era penetrada por Tião. Sempre pensei que vaginas dilatadas fossem características de putas e cadelas, e desde a

adolescência me excito e me perturbo pensando que a de Maria pudesse ser assim, pudesse ser minha, cheio do orgulho macho e copulador, ou de outros, cheio do ciúme físico e dos subterfúgios auto-denominados poéticos.

E, mais ainda (não sei se mais ainda), pudesse gostar da posição como também pudesse pedir que lhe metessem (e como dói o sujeito indeterminado) no cu, cheia de gemidos e olhos fechados e mãos balançando no sexo. (Porque ela pedia no cu.)

O sexo anal sempre me pareceu a humilhação consumada. Mas afinal tudo sempre me pareceu alguma coisa. Isso deve ser bom. Não sei. A relação sexual em si consome a relação de dominação e submissão, não só entre os que a realizam, mas também entre os que atuam e os que, de fora, imaginam ou são imaginados. Mas pode, na verdade, disfarçar a relação de dominação e submissão que se estende pelo cotidiano. O que esfaqueia pode ser na verdade o esfaqueado. Assim são as coisas – tão gerais.

Como há as relações que não chegam a conhecer o ato (como a minha e a de Maria), não porque foram muito puras ou sinceras espiritualmente, mas por alguma razão que meu conforto procura definir como medo, minha razão como falta de suor ou hormônio, meu coração como rejeição. E são essas as relações que recebem, de fora, a mesma dominação e submissão que as relações sexuais, de dentro, emanam e em que se envolvem.

E agora não sei mais o que faço. Penso que fiquei observando. Vi que Tião gozou, e que Maria olhou para o esperma enquanto ele gozava.

Enfim sentira o esperma. Mas já havia sentido antes, e não sei se já alguma vez na vida imaginara o meu. É possível. Pouco se sabe das pessoas, mesmo que falem - sobretudo se falam muito.

Deu-lhe tapas na coxas, o ventre dela suado, a virilha dele também suada, retirou o pênis viscoso, balançou-o com as mãos, passou o dedo na vagina – dela, suponho. Dela é palavra dolorida. Maria se levantou, pôs a mão na vagina, para que não escorresse qualquer secreção. Tião a olhava. Ela, naturalmente, tentava olhar as nádegas, usava a outra mão para levar os cabelos para trás. Então subiu a calcinha e esfregou as mãos. (Tudo isso dentro de uma cabine de banheiro.)

Eu também o faria de bom grado.

Tião permanecia vitorioso, mexendo no pênis descansado. Maria se aproximou da greta, supus que fosse me ver. Todo o tempo eu observava – ou não ia estar aqui contando. Finalmente, tomado pelo medo, corri feito rato para uma cabine. No caminho ouvi gritos de Maria. A porta bateu com força.

Havia risos e sussurros e som de saliva.

- José!

- Ahn? Peraí. – Voltei a urinar e depois puxei a descarga.

É então Tião que abre a porta de novo, cheio de riso convivência. Saí da minha cabine. Tião está nu, Maria ao seu lado. Ambos têm a feição da naturalidade. Maria prende o riso, Tião olha para ela e dá gargalhadas, volta-se para mim de novo com naturalidade, o mesmo faz Maria com naturalidade.

Então eu entro de volta na cabine. E Tião bate na porta:

- Sai daí, ô! Tá com medo, porra? Viu o que? Gostou? Ó, é tua, porra, tá achando o que? – Maria ria às vezes. E voltando-se para ela:

- Ó, vai lá, dá uma alegria pro garoto que é teu mesmo – Maria bateu nos braços dele, ainda rido. – Até o cu – e ambos explodiram em risos.

Então para poder escrever a porra do diálogo eu saio da cabine não sei como. E não sei como chegamos a diálogo algum. Jamais chegamos a diálogo algum.

Minha idéia é buscar a beleza (o que é uma idéia). E não se realiza.

Ninguém age. Só quem espanca. Quem apanha – apanha.

Mas quem apanha também bate. Só que quem bate e só bate quando apanha esconde que apanha.

Ah, são com essas coisas que eu tento salvar minha perseguição.

5.

Tião tinha os braços no ombro de Maria.

- E então, está fazendo o que por aí?

- Nada...

- Você conhece quem está dando a festa?

- Não.

E Maria, rindo com naturalidade:

- É ele! – e se voltando para ele: – Bobo.

Ele apontou para ela, olhando para mim:

- Tá vendo? Assim que nos tratam, depois de tudo – e apertou-lhe as coxas, fazendo voz infantil.

6.

Eu não sou uma farsa.

Eu sou uma tragédia. E a tragédia é a essência dessas linhas borradas no rosto de frente para o espelho.

Eu sou principalmente uma farsa, uma força de origem obscura, uma força que não tira nada do lugar – porque é tão fraca e o ruído que faz não gera cataclismos.

Só um esforço em vão – é o que sou. Mas isso fui sempre.

É hora de renovação, paz e amizade, reconciliação e união.

7.

Maria me olha e não diz nada. Conheço esses mesmos olhos de dor há tanto tempo.

Nem eu direi.

Tião é que fica ali, parado, as patas abertas como se fossem uma aranha.

Depois de algumas horas Maria me revelaria: ele me estuprou.

Mas não agora, porque agora precisamos criar uma teia em que Tião caminhará, bonito e vigoroso, satisfazendo sua impotência de não ser homem.

Como eu disse, Tião representa Deus. Mas se quiser que represente outra coisa, ou nada, também está bem.

Não sei o que farei, nem o que farei.

Acho que o mundo (é tudo mundo) é muito previsível. Mais ou menos tudo ocorrerá segundo nossa experiência nos possa dizer e o mistério nos possa fazer duvidar, mas há muito aprendemos a arte degenerante de não crer tanto no mistério - e mais no que nos for dito.

Mas não sei... não sei se isso – nem sei se é isso, se se pode saber de qualquer coisa – até não saber de nada, e talvez eu não saiba de nada, ou não saibamos, e afirmo tanto para quem não sabe, mas afinal só preciso...

Mas não sei deveras - e devia agora permanecer imóvel?

Quero que me cortem e que me sirvam em bandejas. Mas se apenas me matarem também está bem.

Não importa quem vai me comer. Só quero ser comido.

Que me comam morto, já que vivo eu mesmo resistiria na hora derradeira.

Não vi se eram felizes. Vi apenas que eram. Bastavam-se sentindo-se como sendo.

Maria uma vez me disse que eu era um psicótico. Não é verdade.

- Você é um psicótico – foi isso que ela disse.

Mas é bonito falar coisas de si mesmo. É egocêntrico, e isso é terrível, mas por alguma razão tudo vai caminhando para esse egoísmo de não falar mais do que se passa, mas do que nos passa - e sempre se pôr numa posição de destaque decadente ou de destaque de superioridade

intelectual, ou de superioridade pela inferioridade. É sempre assim. Todo mundo faz assim. Já estamos cansados, já temos os braços moles, mas continuaremos até que explodamos.

Ou cheguemos ao fim.

Na verdade sou, como percebem, um cadafalso de bondade e otimismo. Eu amo tudo – porque amo sobretudo a mim mesmo. E fico feliz de ver que Maria está conseguindo sentir prazer e satisfação, com muita comida na barriga.

Eu ia dizer o seguinte, só que não sei se ficaria bom: e Tião é o que existe reinando sobre o céu e the hell (what a fucking happiness I've never had here!).

Não vêem? Reparem: estou felicíssimo, sobretudo comigo mesmo - com o que faço, com meu trabalho, com todas estas calçadas sob meus pés, estas mesmas calçadas que carregaram tanta gente, carregam as pessoas que amo. Gosto também de ficar sentado num banco na praça reparando nas pessoas que passam. É muito agradável. Também é agradável ficar sentado a uma mesa conversando. Puxa!

Reparem na minha nova vida e me dêem parabéns.

Já faz dois dias que deixo na boca um sorriso bonito. Mas é verdade, sempre deixo na boca um sorriso bonito. Ele abre portas, se você não for simpático e não tiver um bom estudo você não consegue, as portas se fecham. O mercado hoje está cada vez mais exigente, você tem que estar sempre se especializando mais.

Até que vai morrer.

Cheio de dentes, augusto. E num dia augusto, vendo Maria, direi:

- Ô Maria! É José, aquele que não lava o pé!

E riremos muito, porque foi muito engraçado o que eu disse, muito mesmo.

8.

(-Como se começa um diálogo? – sou eu que pergunto.

- Não sei – é Maria que responde.

E assim fomos vivendo a vida.

Desde então, andamos meio cabisbaixos.)

José, Maria e Tião estão sentados, calados, curvados.

Tião me olha com olhos vivos, sempre teve olhos vivos. Tão vivos quanto eu.

Mas ele não me vê.

9.

Não sei se convém – deve convir.

Meu filho, escuta. Eu disse que no corredor havia também uma janela que dava para um cômodo em que se apresentavam (para meia dúzia de pessoas) meia dúzia de palhaços.

Eu não tenho nada. Estou cansado. Mas te entrego esta voz tranqüila.

Mas é também necessário sobretudo escrever, ou criar, para que então morramos como morre quem não cria. Não direi que só assim, criando, viveremos, para então poder morrer. Isso já foi moda.

Entrei pela janela do cômodo em que se apresentavam os palhaços. Eu minto, claro que minto: sou suficientemente humano para mentir e tímido para não fazer o que declaro. Sou suficientemente humano para achar que cada gesto é ridículo, e que eu não sou ridículo (ou assim tanto).

Só os homens lá fora assistem. São aqueles que montam o espetáculo, são eles que assistem – porque a platéia já soa como a vontade que vem deles.

De qualquer forma, é necessário que eu tenha entrado no cômodo.

O cômodo não tinha porta, isso é certo, há de se supor por conta própria, sem que eu tenha que dizer tudo. Entrei pela janela.

Normalmente eu apenas assistiria pela vidraça, com ar de esperto e admirador do mundo. Não sei que me levou a entrar, não sei que me leva a cismar com essa idéia.

No palco os palhaços tinham a boca borrada. Não havia música.

E tal era a palhaçada que, quando entrei, continuaram o espetáculo. Súbito pararam. Assustados me olhavam. Alguém em algum lugar gritaria alguma coisa, houvesse alguém em algum lugar.

Um dos palhaços virou-se em direção à voz inexistente, voltou a me olhar, imóvel, o rosto em grossa doença de fracassos; o preto, o branco e o vermelho distintamente destacados.

Apenas, de tão prevenidos, não esperavam o ocorrido – qualquer que fosse o ocorrido.

Retornaram às suas posturas patéticas. Um ficou à frente do grupo. Os outros apenas seguiam-lhe os gestos, destacados por se conservarem continuamente cabisbaixos. Desceram do palco. E o que ia à frente veio até mim, cheio de nada. Indicou-me o palco. Recusei-me a olhar. Indicou-me com força o palco.

Pensei em cair, em gargalhar, mas os demais palhaços, agora sentados em volta das mesas, ameaçaram intervir, socorrer-me se caísse, espancar-me se gargalhasse. Sempre odiei palhaços, porque sempre achei que se voltariam contra mim. Todo o momento estive com um rosto lívido, estúpido, a boca ameaçando se abrir, os músculos do sorriso de obrigação já se fatigando pela ação. Estava certo de que era espetáculo, como minha vida fora tormento por não conseguir criar espetáculo.

Sento-me e assisto a cada apresentação que me metem pelos olhos, já fiz objeções muito duras ou resistentes. Agora contudo... Diabos! Querer que eu me fizesse em cena! Assisto às vidas que se desfazem em cemitérios vazios, sob céus desconsolados, homens que se atropelam, exibem-se e desvanecem. E lá fico, numa torre, assistindo cheio de paixão e fúria. Mas ora, agora essa!

- Agora o da direita, que se arrependa de ter se deixado foder por aquele ser tolo e animalesco.

Assim foram meus dias de passado, em sonhos. Agora, contudo, eram-me exigidos a voz, o gesto, a postura.

Hesitei, confesso, sou gente, é sangue, deve ser sangue, que corre ou bem ou mal por essas veias envoltas de músculo. E subi ao palco.

O sorriso que antes trazia se desfez em vergonha, humilhação, uma falta de jeito nas ações, um quê de desconforto nas feições abruptas. Exigiam-me todos os truques: que mostrasse os truques que soubesse. O que disse foi “é...”, observando os cantos do lugar.

Assistiam-me todos a que assisti um dia, os que saíram com uma derrota ou os que saíram com um louro – não compreendia quem definia os sucessos, mas concordava com o julgamento. Mais tarde veria que era eu o juiz, como seria eu o carrasco, fui de tantos, seria agora o meu próprio, meu condenado à morte, ainda que a guilhotina não fosse particular, que os tempos são de economia e coletividade para se atingir o bem comum.

Essa determinação futura...

Veio-me qualquer deboche, pediram-me um número específico, perguntaram-me se não preferia fazer uma dança em agradecimento aos colaboradores. Não fiz nada. Desci do palco, feição séria; os palhaços à mesa se levantaram em respeito ao número assombroso.

- Divino, divino! – aproximou-se um deles, contudo recolhido à discrição ao perceber o olhar de um dos maiores (não de tamanho, mas de postura).

Afastaram-se conforme me aproximei. Um deles, mais temeroso ou distraído, tombou por cima de uma cadeira. Como não parei cheguei-lhe muito perto, no que começou um grito terrível. Era tétrico, ele mesmo era tétrico. A feição de pavor, a forma como implorava, o olhar dos semelhantes distantes, preocupados apesar de imóveis e procurando se chegar à indiferença...

Pedia por favor e levava as mãos até uma perna, jogava o pescoço para trás, sufocava o grito, se fazia ofegante – para iniciar o ciclo patético. Do outro lado, juntos, os demais observavam. Apenas o líder era sério; os demais variavam suas feições entre o pavor, a tentativa de acompanhar o líder, a necessidade de comentário com o que ia ao lado. Outros (poucos) estavam na penumbra, atrás do líder, e conservavam à luz somente as bocas vermelhas. Todo o rosto era sombra e ameaça. A ameaça era eu, eu seria capaz de perceber, minha voz e minha presença absurda, sem qualquer propósito visível ou aceitável.

E lenta e gradual, iniciando-se como morrem os crepúsculos, vindo do silêncio como vem da linha infinda o navio a vapor, lento e gradual, crescendo, fundou-se no espaço impróprio do espetáculo a música, uma música de banda, de circo, mas no palco não havia gente que completasse a harmonia. Como na platéia nunca houvera espectador. Poderiam surgir umas dançarinas com purpurina, chegar ao palco e recitar a carta de amor, ficar em desespero, olhar-me, voltar ao normal de seus estados de cumprimento das ordens do idealizador talentoso.

Mas isso foi o que não houve. O resto é o que vou dizendo.

10.

É possível, se eu dissesse que José sou eu, Maria é quem amo, Tião o Deus que nos cobre e a atmosfera e cenas o que eu queria que acontecesse, que... Mas tudo, ah! Nada disso é sério, nem a vida o é.

11.

E no final fiz mais do que achar as pessoas mais complicadas do que são: olhei-as, não as vi, mas achei que as via.

Eu olho Maria. Não vejo Maria. Se a visse – talvez desencantasse.

Coloquei em Maria tudo que criei, porque também a havia criado. A psicologia se resume a uma coisa: defender, preservar aquilo que construiu como muralha, defender a própria psicologia. Não mais do que isso. Morremos nesses muros, nestes muros de que não me aproximo para que eu mesmo não perceba que me limitam a passagem.

E são derrubados – mas reconstruídos. Como os enfeites e tintas, emboços e esboços de refinada arquitetura – postos no muro (ruirão). Mas também serão reconstruídos.

Não sei se posso dar um exemplo. Eu disse muito pouco de Maria. Eu não disse nada de Maria, do passado. Falo apenas de mim e dos meus recalques. A isso resumi todas estas páginas. Minha memória se confunde com meu desejo por esquecimento, e o que faço são abstrações vagas, sem qualquer poder imediato. Não escrevi sequer o diálogo em que eu colocaria experimentação, trauma, obsessão e memória. Porque isso ainda hei de fazer, com força e determinação, na cadeira que nos dá conforto e que da mesa sai direto para a glória, não passa por questionamentos meus, por coisas de se deter diante do mundo, esse imenso mundo de tão duvidosa valorização de si mesmo...

Maria chocada, Maria arrependida, Maria cruelando – mas nenhuma Maria é mais bonita do que a Maria que quero. E uma variação

de cores, essas cores de pouca profusão, essas que sob o céu não se modificam, não desbotam, mas que de noite, se não houver luz – se apagarão, não porque deixarão de existir, mas porque deixarão de ser vistas. A luz contudo – da lua ou do sol -, que haverá de ser?

Uma expressão, uma fala, uma comunicação. O que nunca tive, por mais doloroso que parecesse o diálogo, por mais que me esforçasse nessas bordas do imenso livro que forma os labirintos do contato humano. O diálogo que nunca tive. De qualquer forma darei um exemplo.

Hoje por exemplo: sonhei que lhe mostrava, ainda quando éramos novos, um trabalho. Ela dizia que ia ler. Mas se mostrava fria. Então eu orgasticamente, romanticamente, me fazia puto. Falava: se tá puta com alguma coisa, fala. Então ia pegar o trabalho, chegava perto dela, e ela... Ah! Mas o que digo? Não houve sonho, e esse que invento não parece bonito. Então que seja interrompido. Só o que é bonito deve ser feito, mas isso não é verdade, não é justo, não é honesto – e o que haverá de ser? Que seja escrito, não faz diferença, haverá quem veja nisso sua salvação, uma beatitude de vontade e comoção, de motivação ou inspiração, de idéia súbita, de embasamento existencial e qualquer outro nome que nada significa senão nossa incapacidade de lidar com a busca.

Outra coisa que me veio é que, em seu casamento, eu, poeta de nada, era convidado por Maria para fazer um discurso na festa. Eu falava tudo que ia no coração. Eu finalmente falava tudo que ia no coração. Tiravam-me de lá, alguns aplaudiam, ela chorava, seu marido me espancava. Depois, passada a festa, nada se modificaria: ela, casada, teria filhos; eu me casava com alguém, tinha filhos, ou adotava se fosse um

casamento *gay*. Mas essas tolices e esses fiapos de tanta coisa que vi na infância, de tanta coisa que me obrigaram a ler, de tanto que me contaram, senhoras amarguradas pela vida que não percebiam a bÍlis que lhes subia pela imaginação e que transbordava para as crianças que cresciam, fazendo-as seres infectos, doentes, nutridos de esperanças vãs...

Agora o exemplo, mesmo que perca o dito efeito expressivo que teria se posto onde era para ter sido posto:

O professor de Maria deu aula para os pais de Maria. Os pais de Maria são tudo que eu julgava que nós devêssemos ter sido: conheceram-se no colegial. Casaram-se, professores lembram-se deles novinhos, sexuais e então assombrados com a beleza do mundo. O professor diz que a mãe de Maria tinha “um gênio difícil”. Maria, empolgadÍssima, faz o que tantos fariam (o que muitos fariam): tem mesmo, igual o meu.

(Risos de amigos e pessoas contemplando o poder do ser humano nervoso, autêntico, perfeito.)

Aliás: Maria foi sempre muito tímida. Aliás, nossas personalidades foram sempre muito parecidas, a forma de reagir ao que nos ocorresse cotidianamente, a forma de agradecer, a forma de pedir por favor, de fazer graça em alguma situação pública entre íntimos, a interpretação elaborada para fingir simpatia, sem que parecesse vulgar como os efusivos, a distração falsa, o falso interesse pelas coisas, a incapacidade de se envolver pelo mundo, ainda que o desejo fosse uma constância incômoda, um câncer que não paralisa os movimentos, mas pesa no coração.

O professor pergunta se ela pode conversar com os pais sobre qualquer assunto. Ela diz que este ano sim, a mãe pergunta e ela responde

sem problema. Eu estava ao lado de Maria. Pensei o que seriam os assuntos, se falavam de mim como minha irmã e minha mãe falavam dos meninos, se Maria tinha intenções ao responder dessa forma, sabendo que eu estava a seu lado. Besteira. Pensei se era sexo, se eram namoradinhos, se eram interesses, se eram planos futuros de bebês e viagens de lua-de-mel.

Besteira. Besteira sobretudo eu dizê-lo, porque ela sabia que eu a amava, mas então se o digo preciso entrar considerações que dizem respeito ao fato de eu supor que ela então duvidava, ou que fazia uso da superioridade psicológica e sentimental para se fazer existir – essas coisas.

E com a amiga diz que a mãe, quando acaba, diz: traz ele aqui para eu conhecer, ele é tão bonzinho. Agora que acabou – ela diz. Da maneira mais desneurótica do mundo.

O mundo é simples. Eu sou simples. Eu preciso de certezas, ela de alguma coragem. Pus a certeza em Maria, a coragem que tinha sobre a pele, para que fosse raptada, mas seria improvável. É tudo.

O mais é ilusão – e se debate na terra.

O mais é qualquer coisa.

12.

Mas creio que meu erro tenha sido também a amizade. Digo: não digo nada. Não há o que se diga. Essas coisas. De cada lado montamos grupos de pessoas que nos apóiem. Inútil. O que dizem não convém, não é verdade. Falar inútil será fraco – mas inútil dizer outra coisa.

Tudo tão insuficiente.

(Fora que a tudo se acostuma.)

A tudo se acostuma.

13.

As relações puramente amorosas (ou sexuais), se há coisa pura, envolvem basicamente duas idas (ou duas vindas). Ou outro nome com movimento. Ou outra quantidade.

Primeiro: a necessidade de se sentir amado, e com isso a necessidade de pôr fim à ameaça. Ocorre que a ameaça, como o amor ou o sexo, é tentadora.

Segundo: amar e, a partir daí, conseguir se sentir amado.

Por isso é possível ser muito amado e não amar; como muito amar e não ser amado. Amar sem jogo ou afastamento psicológico, contudo, é impossível, porque todo amor resultado ou advém do amor próprio, que exigiria esforço fosse tão próximo do outro – próximo a ponto de haver fusão.

Mas isso tudo é muito seco. Pretendia inventar uma lenda poética e triste, mas não tive imaginação para tanto.

Porque se vê que a penetração é aparente e a sensação, neurótica.

Ninguém ama ninguém. Só se quer ter certeza – por um momento breve.

Mais nada.

PURGATÓRIO
MONÓLOGOS APÓCRIFOS

1.

- Você disse que eu tenho dupla personalidade, uma vez você disse isso. Você não é diferente. Sinceramente eu não sei se tem consciência de toda essa tua doença, desse verme que te entra pelo ânus e sai pela tua boca, das suas interpretações... Mas é horrível. Em cada papel você é igual, jamais muda. Mas na minha cabeça muda constantemente. O que permanece é sempre uma imagem difusa, inatingível, de algum dia de sol e manhãs. Sempre um amanhã mudo e quente, no meio de tanto frio. Eu também sempre fui assim, imóvel do teu lado, com uma cara sorridente ou com uma cara séria, mas nunca, nunca honesta. Eu respirava fundo, olhava as paredes, os dias, e tentava me convencer de que tudo aquilo era um jogo ridículo, um espetáculo de marionetes que se desfaria da mesma forma que se fez um dia, e desse dia não tenho qualquer lembrança. Devo ter apagado. Mas em cada palavra da tua boca você mencionava um futuro incerto, quando houvesse palavras como “teus filhos”, mas eu não queria ouvir. Então eu punha na minha cabeça que você era como uma cólera, como um defunto insaciável que se recusa a morrer: não mostrou todo o fedor que sai de si, a sua condição morta e podre. E você nunca escondeu nada, porque nunca teve nada. Tão-somente esse mesmo ciclo de acontecimentos, casos, esperas, medos, inexpressões, indiferenças propositais. Isso você sempre soube. E só isso.

Quem iniciou o diálogo foi quem o escreveu, quem disse a fala não é explícito, pode-se dar a autoria a quem bem se julgar mais merecido das palavras megalomaniacas.

2.

Maria não considerou nem a história nem a repugnância. Só o mundo que construía. Notícias vindas por uma floresta escura, trazidas por uma sombra de mensageiro, diziam que o país avançava, crescia, e do outro lado muitas promessas se faziam.

- Uma vez você terminou com um dos seus casos. Sim, você tinha casos. E dias depois reiniciou por mim a simpatia e docilidade habituais. Estava então com toda a paralisia pelos ossos, em ruínas, em dilacerações profundas, mas já esquecidas. Você sempre soube esquecer. Isso fez sempre magistralmente. E de noite sentia o vazio – horrível. Você sentia, eu sentia. Mas súbito o que havia era beleza e esperança, porque você rompera mais um caso. As manhãs que antes eram cheias de escuridão e sacrifício se faziam como frescas águas que viriam tomar meu quarto e levar meu corpo inútil, porque meu coração já tomava os céus. Reiniciava minhas análises e suposições sobre suas atitudes, as palavras que usava, o que significariam consciente ou inconscientemente. Mas você também fazia um reinício: buscava carne, rostos simpáticos e “legais”, era isso que você dizia, eu ouvia você dizer. E eu era um bicho que exhibe certa graça e distrai, para quem dizemos, se está com medo: eu estou aqui, não precisa ter medo. Mas ninguém está aqui, estão todos lá, sempre. Você me usava para voltar para a vida.

Mas perceba, é ligeiramente cansativo. Mas (há de perceber) é ligeiramente necessário, conquanto não nos seja determinada a causa ou os intentos.

- Um dia de tarde – é o que é dito – foi horrível. – Vai sendo dita cada merecida peregrinação de palavras, sentimentos, papéis. Já não vale a pena. É tarde. É sempre tão tarde. Entretanto continuamos – já que, assim nos é dito, corre o sangue, morre o desejo, revive o passado, ressuscita o desejo.

E tantas manhãs – tantas manhãs desse mundo se repetem (semelhantes ou idênticas).

3.

- No mesmo dia, de manhã, você me tacou uma bolinha de papel. Então surgiu um contato estúpido. Você ameaçou, por alguma razão, me mostrar uma redação que havia feito. Mas quando fui pegar você puxou, resistiu, eu disse eu estou mandando você disse você manda em quem aqui, mas me entregou a folha. À tarde percebi que você (ou que todos, eu nunca sabia se éramos uma bolha ou um reflexo) queria a força, a dominação era aparente, cotidiana, você exibia a fraqueza, e a fraqueza era tua religião, teu segredo e tua raiva, a raiva que sentia de si e que queria ver extinta. Assim, a dominação era tua, cotidiana, sem amor; e a fraqueza era também tua, nas horas escassas em que trapos amorosos se exibem na corda e depois são recolhidos para dentro da casa. Torturei-me. Percebi que eu devia te agarrar, te espancar como se fosse um corpo morto, te

dilacerar até que não sobrasse um suspiro, uma vergonha, uma lágrima. Era humilhante não ter a capacidade. Era humilhante saber que, tivesse a capacidade, talvez se encontraria a rejeição. Era mais confortável ficar ao lado apenas, com educações e falas agradáveis, como se tudo fosse um teatro, porque era e é, as pessoas sabem representá-lo divinamente. A culpa oscilava de mim para você, assim foi sempre. Eu queria sumir, virar pó, até que você sentisse minha falta e percebesse. Você dizia que me amava. Não era verdade. Você amou apenas uma coisa na vida: a tua vida. Mas odiava o que possuía essa vida, só que o amor pela vida era enorme, e queria se reconciliar, mesmo usando tal vida como um intermediário perigoso. Ou então eu pensava na morte, mas tinha certeza de que à existência se está condenado. Não você, mas a sua falta e a minha incapacidade de supri-la por qualquer outra pessoa sexual seriam a causa de minha loucura – se um dia houvesse.

4.

- Mas no final do que me convenci foi do nosso vazio. Já não podia sentir o que sentia quando ouvia a música derradeira que anunciava o fim das horas e o início de outras: depois de três meses, quando a música já havia deveras anunciado o fim e fui ouvi-la... Que senti senão o que fomos? O vazio, a ausência, o buraco. A ausência, apesar da presença. A ausência. Não digo o penhasco: está visto que mata mais do lado da terra que da queda, porque a queda talvez até vivifique, reviva. Mas a terra, essa em que vivemos sempre, em que passamos... Mas no final de que me

convenci mesmo foi da criação, de que este livro seria criação. Mas você me pôs neste livro (e?). É história, pode ser apenas sonho, mas o sonho é tão real... Não seria bastante ver a vida, mas o passado e a realidade sobretudo. Assim posso justificar o que digo. A farsa! Como pesa no peito a farsa! Não a ilusão, mas a farsa, ainda a farsa. Não é tristeza, é raiva – de que a farsa nunca se revele, e seja ilusão, conquanto seja realização na falta de realidade. “Eu escrevo para criar o mundo como eu queria que fosse”. Não é isso que você diz, não foi isso que eu devo ter dito?

Isso que te digo, Maria: esse diálogo tem você no banheiro, não foi pensado, mas só o diálogo, que foi, não é.

Objetivamente, há alguém que me leia – nas hipóteses mais condescendentes. Mas no fim não há nada. Não há diálogo: porque é criação mal medida e inútil do que eu queria que fosse, do que eu queria falar. Mas tão impossível é falar quanto entender.

Não se transforma nada com a arte; com os meios de expressão se mantêm apenas: são inexpressivos, nada mudam.

Eu queria que tudo fundisse, que não fosse inútil cansar, que não fosse desesperança desistir, que não fosse uma ofensa olhar ou baixar os olhos. Acontece que se tudo fudesse... Devemos nos ter na mais baixa conta, isso é certo, ou perdemo-nos. Mas que ao menos houvesse uma certeza, e que não fosse a de não ter nenhuma, esta coisa desgastada como o vazio que tenho tido. Sou paupérrimo. Tanto que chego a ter vastas e inúmeras classificações. De todos – que me põem. De mim – que me exijo.

Todos me vêem e me fazem. É natural. É tão nobre de nossa parte, faço-o igualmente. É uma ordem disforme e desfigurada, sem nome ou

rosto – não porque lho tomaram, mas porque se o tivesse emanaria o horror e o arrependimento. Uma mancha disforme – e depende de muitas linhas para que se forme o contorno. Cada um tem o traço, é certo, mas feito a muitas mãos o desenho apenas fica mais...

É o não ser para o outro e o que você é para si – disseram-me. Até porque não sabe (você não sabe) o que é para si, apesar de umas coisas sagradas muito disfarçadamente fixadas no consentimento ou na crítica.

5.

Mas suponho que há de haver alguma coisa, não sei se biológica... mas há de haver, suponho, alguma coisa que nos liga a uma imagem de nós mesmos. É essa coisa que, contraditoriamente, não nos afasta da vida, do mundo, ao mesmo tempo em que nos impele à morte, que não nos afasta da morte, conquanto haja qualquer coisa de faltante. Perco tal elo com muita facilidade, apesar de raramente. Súbito sou um espectro baço, obscuro – e de fora me olho. Mas como é bruma, fumaça, revolve-se, modifica-se, não posso identificá-lo. O mundo já não é frio ou quente, apenas existe – e eu, uma coisa desconhecida que rasteja na terra, sob o céu em desamparo, sobre as pedras em lâmina, uma sensação de desgrudar do que fui mas ainda sou... já não alcanço a unidade que é o estigma da terra, que é o estigma de estar sobre a terra, o estigma de não se reconhecer mas ainda permanecer. A morte seria vulgar, banal, e nós, espíritos tão superiores, não no-la permitiríamos.

Queria berrar um fracasso para Tião, dilacerar Maria – e depois me matar. Ou voltar a mim – e depois me matar. Mas não sei o que é mim, o que sou eu, o que é meu – porque não sei quem sou eu. Convivo comigo, não nego, mas saber quem vai dentro, ou do lado, isso é um misterioso inconveniente ou, como preferirão alguns, pouco convincente.

Há o limite – minha boca cheia de estampilho e tiro. Tua boca cheia de estampilho e facas. Um tiro no nosso ouvido, uma fita colada aos olhos – a fita que tantos usaram para cobrir o machucado está nos nossos olhos.

6.

Voltei então ao palco. E o palco era o que o me esperava. Eu é que não o fazia: estava consumado como eu havia ido consumido – por quantos palcos ou platéias... Não faz diferença, não faz tanta diferença.

Então voltei ao palco. No escuro, no canto, alguns palhaços cuidavam do que havia caído. Talvez já estivesse até morto, mais animado do que nós, numa administração burocrática e corrupta. Via-lhes apenas parte do tronco e as bocas. Dos olhos só via o brilho, somente o brilho. O resto era penumbra, sombra e alguns pontos brancos flutuando numa luz que cortasse a escuridão. Colocaram o palhaço ferido deitado sobre duas cadeiras. Na verdade olhavam-no apenas, não o tocavam, não o tocariam, já que a dor parecia irreal, íntima, justa.

De uma das mesas levantaram-se duas pessoas, até então sempre despercebidas. Eram então meus pais, tímidos, curvados. Meu pai ia à

frente, sem sorriso ou raiva. Parecia apenas cansado. Minha mãe o seguia, segurando-lhe os braços, evitando quaisquer olhos. Aproximaram-se do palco, olharam-me como a um estranho. Atrás, no escuro, qualquer alvoroço de palhaços ganhou força, cessou conforme meus pais subiram ao palco. Fui à boca de cena, debrucei-me, eles acima de mim não me olharam a princípio: minha mãe é que fez um gesto largo, despropositado, como se promettesse a verdade a ser dita.

Como um bicho, minha atitude beirava a que sempre tenho. Ameaçava pedir ajuda, pedir que saíssemos, que fôssemos embora. A realização contudo não vinha – e não falava. Tinha vergonha de parecer bicho. Seria pouco poético, eu sendo bicho de fato. Mais valia guardar o sentimento e pô-lo numa linha. Ali sim, finalmente, seria bonito ser bicho. Não agora.

A mão de minha mãe subiu ao ombro de meu pai. Hesitou, hesitou, desceu, subiu de novo. Meu pai é que olhava para frente, procurava o pedido do público – de que falasse. Talvez parecesse um bicho (se falasse), talvez parecesse um bicho (se ficasse ali apenas).

Então estalou: estalou a mão que se aproximava do ombro, estalou a expressão, estalaram as faces, estalaram as lâmpadas. Numa reação súbita meus pais saíram do palco, sumiram pelos camarins, bateu-se uma porta. Segui-os, não havia entrada para os camarins: a porta estava fechada. Quando notei estava no palco, estava exposto, os palhaços de outrora, deitados, não pediam nenhum truque. Eu então poderia agora representar, talvez, mas não o fiz.

De uma janela acima do palco, iluminada por uma mancha amarela que vinha de dentro do cômodo, piscou o rosto de Tião, o rosto de Deus, megalomaníaco como os ventos, incapaz de comoção e de comover como os muros, os muros apenas.

7.

Vê que o silêncio de Deus é para os condenados. Vê que o silêncio de Deus é para os condenados a palavra de salvação. E se iniciam marchas e tambores – anunciam a grandiloquência que vai substituir a poesia. Caminhões ônibus me atropelam trens britadeiras.

José sozinho. Tião sozinho. Maria sozinha.

Tião está sob a terra. Maria está em casa ou no trabalho. José está em casa ou no trabalho.

Só os mortos estão vivendo.

8.

- O que acontece é que você era um bicho. Você me lambia, me cheirava, e eu gostava, eu só precisava disso. Não precisava que me encostasse no sexo, só que me lambesse as pernas, os pés. Mas me irritava. Me irritava também. E fora isso, você era a perfeição, a busca pelo significado da vida e qualquer mentira dessas.

“Concluindo: seus argumentos se anulam por si só, assim como seu diálogo não tem mais nem razão nem sentido. E as coisas têm que ter

uma razão, um sentido. É mentira o que você diz. Que há caos em tudo não vou discordar, mas se o caos há em todos isso é uma ordem, uma certeza. Você só faz cena. Sempre fez. Seu diálogo é uma mera discussão fremente, repetitiva, previsível... sobre o que não foi, sobre coisas que podem ser, vistas de muita forma, menos postas em palavras. As coisas perdem-se nas palavras, nos nomes. Grande parte das discussões só ocorrem porque estão sendo nomes diferentes para falar da mesma coisa”.

Tião levantou-se. Passava a mão nos cabelos e se olhava no espelho. Não sentia orgulho, podia-se ver que não sentia orgulho. Talvez sentisse pena. Mas orgulho – não sentia. Foi até o basculante, exibia a nudez, enquanto a *sua* nudez era falsa, repulsiva, genitora.

9.

- Houve dias em que eu era otimista, tinha esperança, frescor. Não falo em relação a você, nem de vez em quando. Era até freqüente, só não era duradouro ou justificado. Falo de um sentimento novo, fresco. Um dia chegaria a pensar. Pensei que afinal você era carente. Já pensei isso. E devia ser mesmo. Mas devia ser. Você diz ou não discorda: fica em silêncio. Fica em silêncio, por favor, eu te peço. Deve ser alguma forma estranha de não se relacionar... Seria nobre de sua parte cometer o suicídio. Você me rejeitava porque se tornou hábito, e o que se faz na vida é criar cotidianos. Era hábito, necessidade, crueldade. Repara como “necessidade” é minha necessidade, para não sangrar, quem sabe, ou para sangrar. Você me chamava para sair, nunca saímos. Se saíssemos algum

de nós chamaria trezentas pessoas. Ou ficaríamos numa mesa calados, com comentários bobos, vergonha de comer, de ser gente como toda gente.

- Eu não sei, pode ser. Desculpa se eu lhe dei esperanças, nunca foi minha intenção te dar esperanças. Sempre considerei muito sua amizade, considero até hoje, e espero que ela dure para sempre.

- Você já disse muitas vezes. Para mim nunca importou. Em mudar o significado das coisas sempre fui fenomenal.

- Isso não é uma vida, é o relato de uma vida. Você devia ter vergonha.

- Quando chegamos a um tempo, a um certo momento da vida, vemos que o que temos não é ela, mas o relato, a idéia dela. É assim. E vamos continuando.

- Eu também te amo.

- Sinto até o beijo e o sexo.

- É, eu também.

- Eu não acho nada, porque só emito julgamentos para quem sei que espera alguma palavra. Mas você também.

- É, eu também.

- Não há nada pior que a indiferença.

- Você vai ver como se tem sempre um chão, e nunca se cai completamente. É, eu vou ver. Foda-se. Mas vou ver, vou mesmo, vou ver, e eu também vou ver, isso é quase biológico. Isso me ajuda. Isso me ajuda. E se eu parasse? Penso que não nos encontraremos.

- Eu não te amo tanto.

- Eu já imaginava.

- Pois eu não.

- Poderíamos dormir e encontrar nossos pés de noite, na cama, sentindo o lençol fresco.

- É nojento. É tudo o que nunca quisemos.

- A gente no final parece que procura o que rejeita.

- Ah é.

- Olha, porra, você nunca olha nada. Olha, olha. Olha. Não sai nada, ta vendo?

Maria soca a própria cabeça, dá ataque, se esfrega em paredes. José vai até o basculante e dá um beijo na cabeça de Tião.

10.

- Então houve um dia em que acordei com uma decisão, uma certeza. Chame como quiser, eu vejo como você olha. Nada era assim tão complicado: você apenas vivia, e não queria estragar uma amizade, mas haveria um dia que enfim se lançaria ao estrago. Todos os manuais que pregavam a paciência estavam certos. Uma vez ouvi você dizendo que tinha medo de não dar certo e estragar uma amizade. Falava de mim, com certeza. Antes você era uma idéia, nesse dia foi a carne, e cada dia mais carne, mas a idéia também (aumentando continuamente). Você só precisa de um tapa e cai. Você é muito vulnerável. Sempre qualquer pessoa faz o que quiser com você, porque você não tem para onde ir, fala mal de todos mas precisa de todos, abre-se a eles, mesmo que os ofenda, lhes negue a depravação. Você só quer que te violem, sem querer nada de inviolável

para guardar. Eu tenho certeza: é possível acontecer alguma coisa. Mas, acontecendo, acaba.

- Vê? Vocês viveram um tempo juntos, diariamente. E no entanto a única sensação que guardam na memória é da incompreensão e do fracasso.

Tião, José e Maria ficam de frente para você.

E percebem como ficam ridículos nessa pose.

- Mas ainda assim você me idealiza, ainda assim. Incapaz de ver, incapaz de dizer, de ouvir, de entender. Você que imagina tanto. Todos nós. Não é superioridade tua, nem inferioridade. Você deve ver que só há a realidade. A rejeição, a incompreensão, a falta de abismos ou de picos. Nunca haver grandes coisas, ou se houver logo se desvanecerem quando...

11.

- Mas também nunca foi só você. Eu tenho algumas palavras que eu uso com frequência: nunca, sempre, necessidade, espera, esperança, não, sei, talvez, também, e. E algumas estruturas também. Enfim. Você espera muito. Sempre esperou. Nunca foi mais do que uma necessidade, uma necessidade de espera, de buscar a esperança, não sei, talvez também os efeitos. E tenta se convencer de que não espera nada.

- É.

- Está vendo? Agora esperava que isso tivesse ocorrido. Mas isso eu já falei. É uma cadeia.

Maria se levanta cheia de inocência; doce, caminha até mim. Abraça-me e diz não fica assim, fazendo um bico nos lábios. Então ri, começa a rir, eu também rio, ela me desabraça, paramos de rir respirando fundo e fartos. Então ela chora convulsivamente.

- Eu sempre te amei tanto.

Não:

- Eu sempre te odiei tanto.

Não:

- Tá vendo? Você espera que alguma coisa seja dita, mas não sabe o que quer. A gente não é o que a gente é, mas o que a gente vê. Alguém disse isso, deve ter dito, mas estou dizendo agora também.

- Mas você nunca vê nada.

- É verdade.

Não sei nada: é mais fácil dizer isso ou dizer que sabe tudo.

Sempre um dos dois. Nenhum é que é impossível.

Tudo debaixo de tudo.

12.

- Você me usa, como eu te usei. Você precisa ser o fracasso, viver numa possibilidade de esperança. Senão... O que você ia querer? Dinheiro? Emprego? Não, você acha que isso é coisa de burguês. Então você diz que não sabe fazer nada, não sabe fazer poesia, mas precisa dela. Então você precisa de mim para continuar com a tua farsa, com o teu nome, com a teus olhos; que nunca mudam, porque ainda não se decidiu se vai dizer

que tudo muda ou que tudo é estático e nada muda. Não pode me trocar pelo teu desejo de dinheiro, porque você, apesar de se dizer baixo, não faz nada baixo.

“Mas da mesma forma... Por mais uma semana reatamos o que nunca tivemos. Eu se sofria era por euforia. Então de repente nos fechamos. Nada do que antes havia havia. Conseguia a satisfação física de um lado, a psicológica de outro”.

13.

Tudo acaba permanentemente. E o tudo permanece – inacabável, indizível – sinto-o. Dói. Eu que tive tudo, não tive nada, não tenho nada – só lamentos. Você disse, ao ver um rapaz que beijava uma moça: “acabou”, para a amiga, e riram-se. Eu sei disso e disse: acabei. Acabo permanentemente.

Logo fiz a submissão, de novo, indo assim vai ser vício, se já o não é. Faço planos mirabolantes. Acabo sempre – continuamente. E nunca recomeço, porque o fim só marca o início – não de novos tempos, mas dos mesmos, que não têm meio, apenas são e neles se engata. Como uma montanha-russa, só que em linha reta, sem subida ou descida. Para recomeçar tem que haver um ponto. Eu tenho ilusões. E não são ilusões de pontos. Se fosse, estaria bem.

(Eles têm um acordo. Apenas sorria, não veja passado senão como matéria para conversa, e agora fale como eles, mas pareça sempre distinto e único.)

E sei que são ilusões. Mas só o são porque creio nelas. Maria, esse mundo, essa gente, teu rosto de lado, diz alguma coisa: se é dor, se é tua mistura, se espera o fotógrafo, o suicídio, os policiais, os camburões... Todos tivemos teus olhos. Eles já devem estar cansados, só vão até eles quando precisam. Eu é que preciso permanentemente. Eu tive tua promessa que nunca houve. Porque me convenci de que na rejeição havia esperança.

Você precisava voltar para a vida – veio até mim. Voltou. Era só voltar. É voltar sempre.

É voltar sempre.

Esse tempo, essa data, esse ano, essa exibição de pernas – passarão. Não passará a lembrança das trevas, e as trevas, sendo lembradas, ficarão. Do que foi agradável pouco se lembra, pouco se sente na memória.

Decerto se uma coisa é proibida e difícil – é desejada. O que se oferece é barato, é difícil – e não se quer. Não se ama. Porque o amor é satisfação com o que se adquiriu. Prendi-me a tudo para ser vivo e sentir na carne. Agora não quero. Digo não. Nunca precisei disso, não precisava, fui de ingênuo. Neguei tudo. Eu mesmo. Foi como pude permanecer. Dizia-me cético, mas tinha esperanças, negava classificação, mas me chamava de coisas, nomeava os outros, definia as coisas, no final resolvia tudo: é nada. Pronto, estaria resolvido e bonito.

Essa vida não é morte: é esquecimento. Alguns não esquecem nunca.

E o momento define tudo enquanto é momento.

O que digo será só uma admiração ou um “ele é louco”. Engraçado
– no final é tudo engraçado. Mas sou incapaz de rir.

PURGATÓRIO

1.

Eu canso sempre. Escrevia durante a aula. Eu preciso de aula.

Vou acabar o livro, só não vou acabar num.

O monólogo foi só um trecho, para que eu tenha uma desculpa se precisar.

Serei um cão cego. Sentindo sem ver e por isso sentindo sempre.

O que era para ter acontecido: ia ao enterro, que era o sepultamento de Deus. Vai ver Maria depois de muitos anos que não se viam, relembra o que sentia, vê como a vida é previsível e nada muda; perde a fé, perde o amor. Volta para casa, perturba-se, vai andar pela rua para ver o mundo – e vê o homem e a si. Volta para casa dizendo que quer se matar. Acende um cigarro, o fósforo cai, pega fogo no apartamento. José resiste como um bicho, não quer morrer, tenta apagar o fogo, fugir do fogo, fugir do que é chama. Morre cercado pelo fogo. Ele que tanto quis o fogo.

2.

Tudo em mim acaba. Nada em mim começa. Tudo que em mim acaba começou de outro lugar. Foi o que ela disse rindo: acabou. Como se isso tivesse importância. Como machos e fêmeas.

Maria queria urinar e eu disse: se você quiser eu deixo você urinar na minha boca. Mas isso há muito tempo.

Ainda assim vivo. Tenho medo de saber por quê.

Alguma coisa ia se desestruturando – era essa a idéia. Mas agora só falo para parecer que digo.

3.

Ah mas se eu ao menos me visse... Mas o que vejo (dizem) é mundo, será sempre mundo. Eu é sempre o dito (verificado, que já encheu o saco).

4.

Mentira, nunca amei Maria.

A mesma epifania torta, tricô feito às avessas pela que me pariu; indo por José e era para dar em Maria.

Mas a estagnação... Que método! Maria disse: para mim! E alegrou-se.

Que hábitos.

Para quem não tem nada, tudo é esperança.

5.

- Enoja-me a forma como tem que se relacionar fisicamente com o mundo. Sempre me enojou. Enoja-me mais o teu prazer, mas também o teu medo. Você se estratifica em dezenas de partes que precisam de comida e formam um só pedido: que eu me torne acessório de mudança.

Muda-se sempre de casa. Mas se devia morar sobretudo na rua. Fácil falar, para quem nunca passou fome. Mas também se não falamos reclamam.

Então súbito espanco Maria. Ela, de toalha, corre pelo banheiro, enquanto eu lhe bato.

- José, pára, você sabe que eu não posso correr, ou vai ver o que não quer ver, vai escorrer o que não quer ver.

Ela foge como um bicho. Ora, o que não quero ver! Tenta defender-se – não pode, não consegue. Encostada na parede, berra “por favor”. Enfim fala “por favor”.

E agora num local escuro, com vozes baixas e entristecidas:

- Todas as vezes... você... se lança ao mar. Afoga-se. Pede socorro. Então volta. Mas quando chega na areia está morta. Uma sombra lhe acena ao longe. Você ressuscita e vai até ela, dizendo obrigado. Você volta para o mar, porque quer que a sombra te socorra.

Não haverá mãos dadas, aniversários, maternidades, indiretas à mesa, cumplicidade (nem sexual). Aos que têm tudo isso... Não têm. Ou se convencem de que têm. Para então ter. Só assim se tem alguma coisa. Dizer “não” não é dizer não, mas crer que o significado de não foi não realmente.

6.

Ah.

7.

Ah. Eu não acabo. Eu não acabo. A existência vista como um ciclo é mais angustiante do que vista como uma linha reta e precisa. Enquanto na segunda há arrependimento, na primeira há tédio.

Mas deixe-me explicar, deixe-me explicar ainda: ao morrer, se antes era, agora não é mais. Assim, não há consciência da existência, porque não se é. Para ser, é-se. De forma que se está condenado a existir. Mas eu já disse isso antes e igualmente direi: é um pensamento pouco original, porque se prende à conclusão lógica e à definição de muitos termos.

Um pensamento em círculo então não é uma questão de repetição. É mais complexo para parecer mais notável.

José vai sair desse lugar e vai voltar para casa. Aí não sei o que vai fazer, é somente uma questão de decidir – que ele faz ou passa a ser. Mas não é tão simplório: há uma dependência do que foi dito acima, o que é dito agora, mesmo que negue o que foi acima, não necessariamente traz a verdade, a decisão completa. Não sei o que será dele – mas será sempre alguma coisa.

Maria olhou para um rapaz com uma garota e disse: acabou. Esse rapaz aliás é meu vizinho. Acho que ela não sabe disso. Abusei dele quando éramos pequenos. Ele não tinha vergonha de ficar nu, eu achava isso muito interessante. Então ele tirava a roupa, eu lhe via o sexo, as nádegas. Não havia toque, isso realmente não havia. Havia também um outro vizinho, bem mais velho, com ar de justiceiro – que fazia o mesmo. Mas também não tocava no menino.

Agora Maria voltou para casa conversando com um amigo do jovem. E se interessará por esse amigo.

Maria tem a mesma vontade de se sentir integrada ao mundo, mesmo que rejeite metade dele. Mas a minha obsessão por um símbolo não é a mesma dela, a dela é a obsessão por uma idéia num grupo, não numa pessoa. Como também vai que tudo aquilo de quando eu criança ouvia se faça real... Assim como meu ego distante da dominação da carne... Mas deseioso.

Vejo tudo como ameaça por causa do sofrimento que tudo me causa, já que ponho nisso enorme importância, como se fosse uma obrigação crer nele, para depois negá-lo e recusá-lo.

Para se entender melhor o que pode ser a vida sem necessariamente ser isso.

A isso devia se reduzir qualquer criação.

É assim que eles procuram nos entender.

Lembro-me de uma vez em que perguntei à Maria: fora dessas circunstâncias, quando tudo passasse, em outro lugar, você ficaria comigo? Ela disse: não sei. Mas não perguntei isso, ela poderia então dizer: não. Olha, gosto muito de você, José, mas como amigo, você sabe disso. Eu ficaria com os subterfúgios na mão: ela vai admitir quando? Mas admitir o que?

É só uma perda, há tantas, por que cismar com essa?

Ou: não sei, quer? Então anda, me beija. Eu a beijaria, mas seria um rosto imóvel, e ela cobraria: anda! Está vendo? Eu digo. Satisfeito?

Sempre vivi como se sob uma ameaça. Imagine que você está num cômodo fechado junto com uma pessoa que apenas a presença lhe enche de um temor inexplicável, lhe enche de medo, desconforto. E se a pessoa fala com você... Você então tenta ser simpático, porque tem medo de que ela faça alguma coisa se você desagradá-la... Assim tenho vivido comigo mesmo.

E agora esta mulher, indefinível a todas as gentes, me pergunta se está tudo bem. Vai para a varanda, segui-a numa empolgação: resolvo ir para lá tentar uma conversa definível. Logo chegam seus companheiros e sou o mesmo.

PURGATÓRIO

1.

Eu sou José e estou andando pela rua: vou até Maria – após muito tempo. Reparem como ando como um ser humano. Tenho uma aparência normal, como não há aparência que seja anormal. Sou um homem que crê nas diferenças. Sou um democrata. Trabalho, apóio o desenvolvimento e as empresas com consciência social. Sou um grão na praia que ajuda os mais necessitados. E moro sozinho. Por isso posso aumentar o volume da TV ao assistir ao jornal noturno.

Ou odeio tudo, dependendo da vontade de mistificação.

Mas retornemos, amigo.

Sou José e ando pela rua. Encontrar-me-ei com Maria, e anseio por isso. Esmago asfalto e terra – e o sangue não lava a rua: mantém a rua. Vem carro, vem puta, minha mãe, meu beco. Dormirei tranquilo: há estrelas e me basto sabendo que há estrelas. Basta que tenhamos em alguma coisa a sensação de suficiência. A isso eu chamaria morte – se cresse na vida ou eterna e categoricamente nutrisse ideais.

Minhas pernas levam-me.

Mais jovem eu pensava: quero sumir; vou sumir. Hoje posso dizer: não sumi, alguns me vêem etc.

Mas a preguiça, ou outra coisa, é o que há: permaneci.

Quando dava para o marido, Maria devia imaginar-me (ia me perguntando isso). Mentira: devia gozar e pedir no cu. E depois o trair, mas não comigo. É biologia, é só biologia, por que tanto enfrentar o horror? E devia ser traída também, mas não comigo.

Seria curioso: trepar com o marido de Maria sem ela saber.

Foi Maria para descer à terra. É Maria para ficar na terra.

Às vezes acho que caminho para a sabedoria. Grande gargalhada que se faz em gritos convulsos – é o que devia ser a consciência das pessoas, e não o contrário.

Afinal, não sei para quê.

Cheguei ao bar. Lá estava Maria com sua família. O marido é que me convidou para sentar com eles. Sentei-me. Maria queria saber por que eu estaria ali, se tinha encontro, e impacientava-se (tenho certeza disso). Tomamos vinho, depois tomei *vodka*, sozinho; conversamos sobre a dificuldade de se arrumar lugar para ir na cidade, como a região de Abaripaquara vem crescendo, ouvi conversas familiares, nomes que não conhecia, lembretes de fechar o gás e ligar a luz quando chegassem em casa (porque chegariam em casa).

Falamos também sobre os gênios. Seu marido era inteligente, valorizava a cultura, lia, essas coisas; só não lia estas coisas.

Não agora, que ainda não têm muita fama.

- Alguém disse alguma vez (não sei quem, mas disseram) que as pessoas que convivem com os grandes homens não vêem neles grandes homens, muito menos no que fazem. A esposa de Bach não via nele um gênio, não estava do lado dele porque ele fazia versos - um dia eu havia dito isso para Maria, mas era o marido que no-lo dizia agora.

- Ah, eu vejo em você um grande homem – foi o que Maria me disse e dizia agora para o marido.

- Mas você *devia ver* em mim um homem – foi o que eu disse. Seu marido disse:

- Você *vê* em mim um homem.

As pessoas se envolvem (seja no plano material, seja no psicológico) de alicerces que não são alicerces. Dizê-lo já é um.

Sabe-lo não é senti-lo.

O que chega a nós no final são ecos de um mundo distante, mas sempre presente. Chegam gritos ou cantos, verdades ou promessas. Raramente distinguimos, porque raramente assumimos um lado.

As pessoas chovendo nos pontos de ônibus.

Passo pelo ponto de ônibus.

Quando eu era jovem eu não esperava nada de estudos, mas me preocupava com eles. Hoje vejo que não devia esperar nada mesmo.

Esperava criar. Criei. Mas todos criam. De vez em quando esperava morrer. Depois vinha mais lava fria, e eu esperava criar de novo. Esperava Maria, esperava o futuro, mas não o queria exceto na glória que criei na cabeça ou na desgraça que criei na cabeça. Ao final eu poderia ir sempre para uma ilha, os esquecidos, os que desistem – talvez não estivessem lá, mas não importava. Maria me levaria para o mundo, se essas ruas longas, se essas calçadas, se esses edifícios podem ser chamados de mundo. Às vezes queria morrer, apenas morrer. Sem qualquer justificativa filosófica ou aceitável. É a necessidade prima do nascimento: morrer.

Morrer é uma grandiloquência.

Renascer – outra.

Deus está sempre triste – e inexistente.

Quem saberá?

(Triste foi para rimar.)

Retorno para a idéia (essa que me fugiu?). Pergunto-me até onde isso serve. Mas as idéias não fogem, o que foge são os símbolos. Os símbolos são utilitaristas, não as idéias, que são inúteis e por isso ficam. Mesmo que não haja lógica entre não serem úteis e ficarem. Nessa mesma verdade fazem-se muitas maravilhas. Aprovar é simplório. O difícil é sentir no hábito tendo o que escorre pela crença momentânea de... empolgação, ainda que não sejamos mais do que momento, ainda que se receba de longe um sinal de aprovação possível, um dia possível.

Ainda assim... escrevo. Não porque não tenha o que fazer, mas porque sou muito vaidoso. Creio talvez na glória... para tapar essas vísceras duras, tão crentes de si mesmas. Depreciar-se é um amor próprio.

Para onde vou então? Eu que o diga nestas linhas, porque aqui posso mais ou menos ir para onde quiser, não tem tanta limitação física, apenas psicológica, moral, mental...

Só não posso sumir, mas então não se pode nem na vida, se isso não é vida mas é criação, e a vida é criação ainda, se cada instante de convivência é um instante de repor o ato, refazer a peça – agora em outro tom, porque assim pode proteger-se a si mesmo, momento em que se falam coisas, ainda que não percebidas (na carne).

Por isso digo logo: José se muda para o corpo de vidro e anda com cuidado: é visto, pode quebrar. O que levará dentro é questão apenas de se perguntar.

Tenho tanta dificuldade de falar objetivamente de mim, de falar reto por fatos, e não por vontades. Parece que tenho medo que não entendam o que devia ir para a cabeça ao ler o que escrevo, mas... Cria: mais vale criar, criar apenas, sem que se pense em explicar. Breve talvez perca o senso, eu mesmo, é mesmo, é bem verdade, é bem certo, seja lá o que eu seja, e morrer será imperativo – tanto quanto estar aqui.

Tenho um argumento: que uma pessoa se apaixone por si mesma, mas ache que se apaixonou por alguém que existe de fato independente àquele corpo comum. A pessoa rejeita-se a si mesma, ama a si mesma, dialoga consigo mesma, não consegue se penetrar: nem no amor dentro do mesmo corpo é possível a penetração de fato. Cria rancores, ódios, projetos, há separações.

Caminho como quem tivesse armas, impérios, falos. Agora entendo como eles se sentem. E como lhes agradam os olhos na rua. Súbito na rua ouvem-se tiros. Os carros passam por mim – não me atropelam. Ao meu lado, numa casa (uma clínica), uma mulher fecha a porta e apaga as luzes. Vem tumulto, pessoas, não sei de onde vêm. Então ouvem-se outros tiros, mas agora a rua é vazia. Alguns gritos, ordens para que corra, avisos de que está se aproximando, mas não sei se se dirigem a mim.

Meu riso é raro. Não porque eu não ache graça nas coisas, mas porque não me movo – nem a boca. Na verdade poderia dizer que meu riso é raro, não meu sorriso, que foi essa máscara que me conveio, grudei na cara, tirei quando quis, tiro quando quero, ou melhor: quando preciso.

Mas como reconhecer o momento que se precisa ou ainda do que se precisa? Deviam escrever um manual.

Era o que José pensava.

Não é verdade, como não é verdade ser raro meu riso. Constante como é constante meu ajuntamento de lixo para jogar fora. Produzo muito lixo. Deve ter alguma coisa de errado com a minha casa. O velho não produz lixo nenhum, mas vive na lixeira. Como rio sempre, para ser simpático e não falarem mal de mim.

Graça (a que acho)... é pouca.

A vida imunda a nossa vida.

A vida inunda a nossa vida.

DIÁLOGO
A INUNDAÇÃO

FIM

paco_bernardo@yahoo.com.br



UNIVERSIDAD DE LA HABANA